

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
INSTITUTO DE ARTE E COMUNICAÇÃO SOCIAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CULTURA E TERRITORIALIDADES

MANAÍRA TEIXEIRA CARNEIRO

ELES LANÇAM BOMBAS, NÓS LANÇAMOS FILMES!

A (re)existência dos coletivos de arte e comunicação Maré Vive e N.A. Favela no Complexo
da Maré

RIO DE JANEIRO

2018

MANAÍRA TEIXEIRA CARNEIRO

ELES LANÇAM BOMBAS, NÓS LANÇAMOS FILMES!

A (re)existência dos coletivos de arte e comunicação Maré Vive e N.A. Favela no Complexo da Maré

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Cultura e Territorialidades da Universidade Federal Fluminense, como requisito para obtenção do título de mestre. Área de Concentração: Mediações, saberes locais e práticas sociais.

Orientador: Marildo José Nercolini

Co-orientação: Flora Daemon (UFRRJ)

RIO DE JANEIRO

2018

Às mulheres que me antecederam e tornaram essa empreitada possível: Maria de Fátima,
Maria de Lourdes e Mônica.
Aos Orixás que me protegem e me guiam. Axé!

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente em primeiro lugar a minha madrinha, mãe e anjo da guarda nessa Terra Maria de Fátima Teixeira que com sua dedicação me deu suporte para crescer saudável e chegar até aqui, e às minhas irmãs queridas Bárbara e Tainá, amo vocês.

Ao meu pai e “boadrasta” Iverson e Eliana pelo carinho, cuidado e inspiração de sempre.

A Orlando Calheiros pelo companheirismo, inspiração e dedicação ao longo desses anos, agradeço de coração.

Às famílias que me abrigaram quando mais precisei: tia Regina e tio Márcio; Vó Soeni, vocês moram no meu coração.

Ao meu queridíssimo orientador Marildo Nercolini que não só me guiou academicamente, mas me tocou a alma com sua energia positiva, confiança e seriedade em momentos difíceis nessa jornada.

À co-orientadora Flora Daemon que me encoraja desde a graduação a reconhecer o valor do meu trabalho e me inspira como mulher pensante.

Ao Professor Kleber Mendonça que me acompanha desde a graduação. Agradeço pelo carinho e todas as contribuições que me deu até aqui, suas aulas sempre me afetaram. Dificilmente saí de alguma dessas aulas da mesma forma em que entrei nelas. Obrigada de coração.

À Ilana Strozenberg pela inspiração e contribuição fundamental a este trabalho e tantos outros.

À turma de 2016 do PPCULT que me deu apoio e a sorte de fazer novas amizades.

A todos os professores e funcionários do PPCULT.

Às minhas crianças Evellyn, Yasmin, Pedro, Benjamin e Isa pela alegria pura.

À família que escolhi e que está sempre ao meu lado, meus amigos. Natalia, Drica, Priscilla, Bion, Tadeu, Michelle, Josinaldo, Wava, Naldinho, Geo, Buzina, Victor Hugo, Diogo, Fred, Viviane, Monique, Maria Clara, Renata Emin, Bernardo Curvelano, Rogério Lourenço.

Aos amigos da Maré.

“A amizade.
Nem mesmo a força do tempo irá destruir.
Somos verdade
Nem mesmo este samba de amor pode nos resumir
Quero chorar o teu choro
Quero sorrir teu sorriso
Valeu por você existir, amigo”
(Fundo de Quintal)

RESUMO

A presente dissertação diz a respeito a dois coletivos que trabalham e vivem no Complexo de Favelas da Maré: Maré Vive e N.A. Favela. Sabe-se que os coletivos de jovens urbanos, seja no formato de redes colaborativas, movimentos ou instituições plurais, têm crescido na última década. No Rio de Janeiro, os processos de gentrificação, especulação imobiliária e mudanças urbanísticas despertaram debates calorosos acerca do direito à cidade. Tais mobilizações e ações criativas conduzidas por pessoas de regiões enxergadas como periféricas, mostram como é possível requerer tal direito entrando na arena de disputa pelos sentidos dados à cidade. Isto é o que nos mostram os dois coletivos aqui analisados. Formado por moradores do complexo da Maré e de outros bairros, realizam diversas ações de intervenção artística e produzem narrativas jornalísticas e cinematográficas na comunidade. A partir disso eles constroem suas existências dentro da comunidade, resistindo e re-existindo. No entanto, percebemos que esse tipo de existência é sistematicamente agredida por uma estrutura de pensamento etnocêntrico e racista, que aqui denominamos de “Perspectivas do helicóptero”, figura que perpassa todo o trabalho demonstrando como essas perspectivas nomeiam e mapeiam a Maré de uma determinada forma. O helicóptero, que frequentemente atira sobre os moradores da Maré, se tornou nesse texto um dispositivo que carrega consigo personagens-chave que atuam na manutenção dessa estrutura de pensamento, contrapostas por contra-narrativas criadas pelos coletivos aqui analisados.

São exemplos de perspectivas do helicóptero: A ciência, o jornalismo e o Estado. A intenção desse texto, portanto, é a análise da articulação entre essas perspectivas e as táticas de criação de zonas autônomas temporárias que são resultados dos filmes produzidos pelo coletivo N.A. Favela e a autoproteção comunitária da página Maré Vive.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Figura 1: Mapa geográfico da cidade com destaque para o bairro Maré
- Figura 2: Quadro com os 12 tipos de atividade econômica mais frequentes na Maré. Do Censo de empreendimentos da Maré (Redes de desenvolvimento da Maré, 2014).
- Figura 3: Guia cultural de favelas. Os pontos dentro do espaço da Maré identificam ações culturais ou instituições que produzem essas ações.
- Figura 4: Google earth
- Figura 5: Infográfico mostra a divisão por facções criminosas. Produzido pelo jornal O Dia. O Lead da matéria do dia 25/03/2014
- Figura 6: Infográfico, parte do esquema tático do exército em 2014, demonstra a divisão do território em facções criminosas.
- Figura 7: Print da animação que ilustra a entrevista de Fajardo ao Fantástico, exibido em 04 de Fevereiro de 2018. Acessado pelo site do G1 em 12 de março de 2018. Na perspectiva dessa matéria há enfoque na violência nas rodovias principais da cidade.
- Figura 8: A mídia entra com as forças militares na Maré em 2014. Retirado de defesanet.com.br (último acesso em: 14/12/ 2017)
- Figura 9: HQ “O Recrutinha” distribuído pelo exército durante a ocupação militar em 2014. Ao lado direito há um blindado montável direcionado ao público infantil.
- Figura 9 & 10: Postagens na página Maré Vive
- Figura11: Uma das primeiras publicações da página anunciando a cobertura da ocupação militar em 2014.
- Fig.16: Postagem com informações checadas pelos editores. Comentário com atualização da morte do menino Jeremias em 06 de fevereiro de 2018. (acessado em 28 de março de 2018)
- Fig.17: logo do aplicativo para celular “nós por nós”.
- Fig.18: Capa Jornal “O Cidadão”
- Figura 19: página falsa Maré Vive
- Figura 20: Página falsa divulga imagens de supostos traficantes.
- Figura 21: Troca de mensagens entre as duas páginas.
- Fig. 23: Imagens de making of do processo de gravação.

INTRODUÇÃO

Num sobrevoo pela zona norte do Rio de Janeiro, avistamos o Complexo de Favelas da Maré. Lá vivem cerca de 140 mil pessoas distribuídas em 16 comunidades¹. É uma região próxima ao centro da cidade, à zona portuária, ao lado da FIOCRUZ – a mais destacada instituição de ciência e tecnologia em saúde da América Latina -, próxima do aeroporto internacional e também de uma Universidade Federal, a UFRJ. Além de estar às margens da Baía de Guanabara, uma outra via de acesso e de sustento de pescadores residentes. Esta localidade conta com outras relevantes vias que conectam a cidade à zona oeste, à Baixada Fluminense e ao centro. Estou falando da Av. Brasil, da Linha Amarela e Linha Vermelha. Por isso, é possível chegar a diferentes pontos da metrópole com facilidade se o seu ponto de partida for a Maré².

A Maré ganhou contorno oficial na cidade em 1986, com a criação da XXX Região Administrativa – ou, simplesmente, RA-Maré. Alguns anos depois, por meio da Lei Municipal nº 2.119, de 19 de janeiro de 1994, foi criado e delimitado o bairro Maré, correspondente a toda a extensão da RA. Hoje, entre os 161 bairros reconhecidos oficialmente na cidade, a Maré é o 9º mais populoso, com um contingente populacional próximo ao de Copacabana ou da Barra da Tijuca e abrigando praticamente o dobro de habitantes dos bairros da Rocinha ou do Complexo do Alemão, considerada a favela mais populosa do Brasil. (Observatório de Favelas, 2014)

Dentro do Complexo, seus moradores vivem seu cotidiano e se organizam em dezenas de entidades filantrópicas, religiosas e em empresas comerciais de tipos variados. Encontramos grande diversidade de origem entre as pessoas que lá habitam: estrangeiros oriundos de Angola, China, Bolívia, entre outros; nordestinos e nortistas brasileiros, e gente que veio de vários outros pontos do Rio de Janeiro para ficar próximo ao centro ou por causa

¹ São elas: Praia de Ramos, Parque Roquete Pinto, Parque União, Parque Rubens Vaz, Nova Holanda, Parque Maré, Conjunto Nova Maré, Baixa do Sapateiro, Morro do Timbau, Bento Ribeiro Dantas, Vila dos Pinheiros, Conjunto Pinheiros, Conjunto Novo Pinheiro – Salsa & Merengue, Vila do João e Conjunto Esperança.

² E de certo, os moradores da Maré transitam bem por outras regiões da cidade. É o que diz o Ensaio “Um olhar possível sobre o conceito de mobilidade e os casos da Maré e do Complexo do Alemão”, a partir de entrevistas com moradores, o artigo aponta que quase 87% consideram a mobilidade muito importante no seu cotidiano. “A demanda por deslocamento a outras partes da cidade acontece, basicamente, para ir ao trabalho, em sua maioria, mas também para fins de lazer e estudo ou para a busca por acesso a serviços públicos considerados de melhor qualidade (...). Nessa perspectiva, quase 47% dos entrevistados afirmam circular fora da Maré pelo menos cinco dias da semana. Já no Complexo do Alemão, situado a aproximadamente 4 Km de distância da Maré, os moradores circulam menos pela cidade. Em escuta de grupo focal para o artigo, nesta última comunidade, os moradores apontam para um sentimento de distanciamento simbólico do centro da cidade, o que parece ser uma realidade distinta da Maré.” (IPEA, 2016)

de oportunidades de trabalho na própria Maré. Há escolas, creches, clínicas da família, pré-vestibulares, artistas, pesquisadores, políticos, enfim, são 140 mil pessoas³. E, este trabalho conversará especialmente com um grupo deles. Os coletivos de arte e comunicação *Maré Vive* e *N.a. Favela*.

O primeiro, *Maré Vive*, construiu uma tecnologia social para informar aos demais moradores sobre pontos de tiroteios no território das 16 comunidades que constituem o Complexo. Ao localizar esses pontos e notificar a população através de sua página no Facebook, moradores têm a oportunidade de se planejarem e se protegerem. Assim, o coletivo traça uma cartografia dos conflitos armados, discute abertamente com a população sobre o tema – que dentro da comunidade se torna delicado de ser abordado - e gera dados que nenhum outro órgão público alcança.

O segundo, *N.A. Favela*, é uma produtora audiovisual ainda não oficializada, mas já reconhecida e premiada pelo seu trabalho, dois filmes de curta metragem em especial abordam duas perspectivas da vida na Maré: um documentário que acompanha um dia de pesca na baía de Guanabara, chama-se “Pescadores da Maré”; o outro é uma ficção com humor ácido que narra o assassinato de um morador por, supostamente, uma bala perdida durante uma das ocupações militares que ocorreram nas comunidades da região. Além desses curtas, destaco também a realização de um filme de ficção científica afrofuturista chamado “A mulher do fim do mundo”. Os dois grupos atuam em frentes distintas, mas são compostos por praticamente os mesmos integrantes, por isso tornam-se complementares, como veremos nos capítulos adiante.

Em nosso sobrevoo de helicóptero, um sobrevoo que nos faz ver as pessoas lá embaixo como pontos que se mexem vagarosamente, localizamos a Maré no mapa e vimos que ela é bem integrada ao resto da cidade por sua geografia, por acessos às principais vias e por ser reconhecida como bairro oficialmente pela prefeitura desde a década de 90.

³. Pesquisas feitas durante décadas por instituições como Observatório de Favelas, Redes de desenvolvimento da Maré, Ceasm e Museu da Maré nos dão dados sistematizados que apontam para o número de instituições estatais, famílias, empresas, centros religiosos presentes na Maré. O *Censo Maré (2012)* é um exemplo disso.

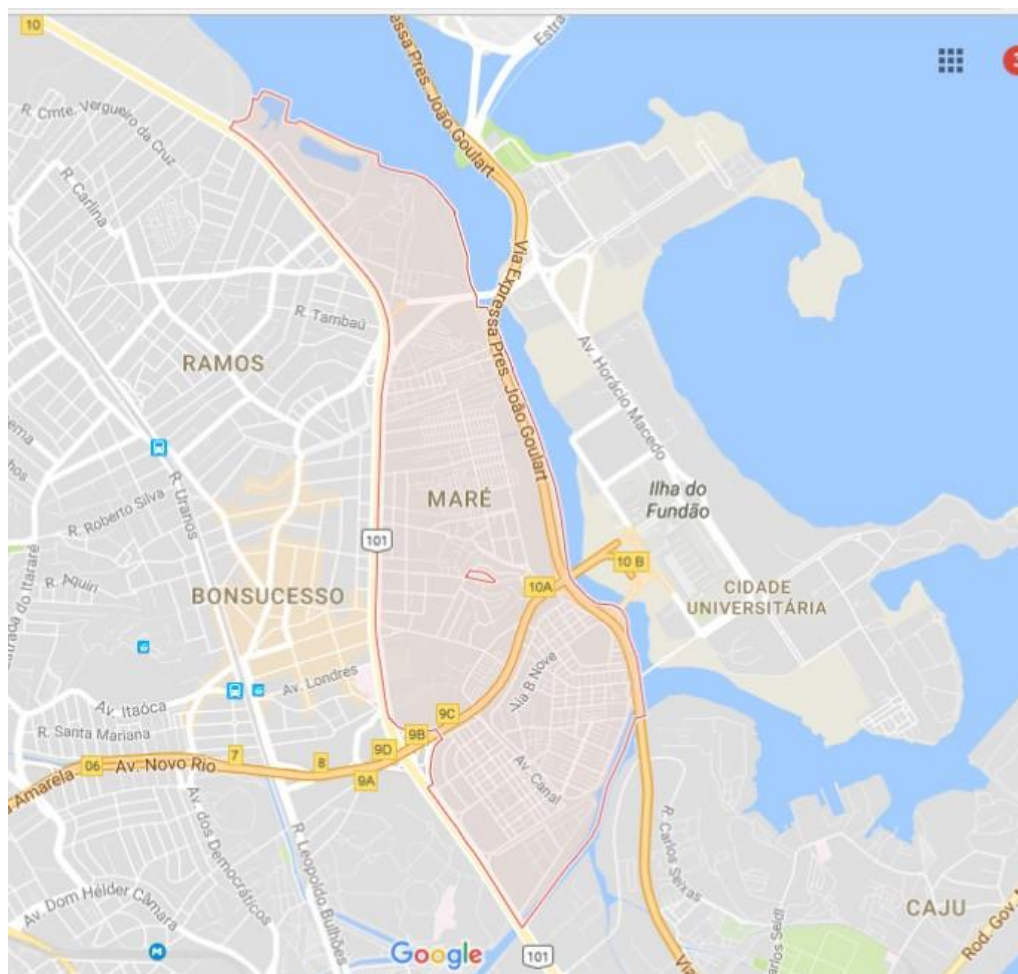


Fig.1: Maré em destaque vermelho.

O debate público: Favelas potência x ausência

Convido, agora, os leitores a um exercício de imaginação. Imaginemos que nesse helicóptero haja três passageiros: uma pesquisadora; um urbanista, funcionário da prefeitura, e um jornalista. Personagens que não foram escolhidos por acaso, eles nos trazem três perspectivas⁴ distintas sobre o que se chama o atual Complexo de Favelas da Maré. Essas

⁴. Essas perspectivas são tipos ideais e foram construídas baseados em discursos recorrentes de urbanistas, jornalistas e pesquisadores atuais, mas que ainda recorrem ao arquétipo construído por um século. Segundo Valladares (2005, p:28) a construção de um arquétipo – e portanto sua generalização - da Favela é originado por diversos pensadores ainda na origem dos primeiros cortiços da capital (início do século XX). Nas palavras da autora: “A gênese do processo de construção das representações sociais da favela remonta às descrições e imagens que nos foram legadas por escritores, jornalistas e reformadores sociais do início do século XX. Amplamente divulgados naquela época, seus escritos permitiram o desenvolvimento de um imaginário coletivo sobre o microcosmo da Favela e seus moradores, ao mesmo tempo em que opunham a favela a cidade”

perspectivas constroem várias Marés possíveis, às vezes elas estão próximas e outras muito distantes entre si. Algumas dessas noções do que vem a ser a Maré são identificadas pelos meus amigos⁵ moradores de lá ora como nocivas, ora como parceiras em suas lutas políticas diárias.

Mas o fundamental aqui é entender que dentro do que se denominou como “Maré” e também fora dela - há uma infinidade de noções do que ela seja, e não cabe a mim ou aos meus amigos que moram lá correr atrás de uma verdade, de dizer exatamente o que é o bairro e o que seus moradores pensam, este não é o objetivo deste trabalho. Portanto, o esforço aqui é o de compreender essas perspectivas com as quais meus amigos dialogam e principalmente aquelas que eles mesmos criam, num esforço não de atingir sua representação ou de ser uma espécie de porta-voz do grupo, gostaria de fazer um esforço de tradução das diferentes noções e ações dos meus amigos em seu cotidiano na Maré durante suas ações enquanto comunicadores e artistas.

Para isso, cito o debate público sobre algumas noções sobre as favelas em geral, pois é com essas noções que os trabalhos do coletivo divergem ou convergem.

As noções do que seja uma Favela⁶ produzidas por pesquisas acadêmicas, matérias jornalísticas, relatórios de instituições estatais - financiadas ou não pelos poderes privados ou públicos-, às vezes, funcionam como guias para a realização de ações do Estado como obras públicas, remoções ou até mesmo a ocupação militar dessas regiões. Além disso, no debate público sobre as Favelas esses pontos de vistas são frequentemente acionados. Assim como fez Machado da Silva (2012, p.59), a ideia aqui, é considerar que “Favela não é simplesmente um objeto do mundo que tem sua própria dinâmica, observável do exterior; ela é um dispositivo da linguagem cotidiana, constituído pelo uso em inúmeras situações. A Favela é, deste modo, uma representação instável e polissêmica.” No diálogo entre esses três “personagens” presentes em nosso voo, teremos a Favela enquanto objeto de um debate público, mais que a evolução de sua forma material.

Mas voltando ao helicóptero. Por que o urbanista, funcionário da prefeitura, está no voo? Há algumas observações que trazem o discurso urbanístico para um lugar privilegiado no debate sobre a Favela no contexto urbano. O bairro, agora conhecido como Complexo de

⁵O termo “meus amigos” é a maneira pela qual aludo os interlocutores com os quais convivi durante o trabalho de campo. Quando falo deles estou me referindo aos integrantes dos coletivos Maré Vive e Na Favela.

⁶Neste momento do texto, falo da “Favela” genericamente, mesmo reconhecendo as diferenças entre elas, pois estou falando sobre um ponto de vista “de fora” dela em nosso sobrevoo. Os termos Favela, comunidade e Complexo são pouco questionados, mas pude perceber no campo que eles têm diferenças entre si e que são usados de forma relacional. O uso desses termos nesse trabalho é como sinônimos.

Favelas da Maré, teve seu desenvolvimento impulsionado por grandes obras de urbanização que a cidade sofreu⁷ e pelo movimento migratório nordestino do pós -guerra (década de 1950). Na Maré, a construção da Av. Brasil, o deslocamento da zona industrial da cidade e a construção da Cidade Universitária da UFRJ foram cruciais para a sua ocupação e adensamento populacional. Depois do sanitarismo, época marcada por epidemias nas grandes capitais do país, a evolução do urbanismo tem papel fundamental na construção de um imaginário que aponta para a forma de organização espacial dos lugares favelados, tidos como lugares a serem erradicados, “urbanizados” ou transformados em bairros. Mesmo com remodelações de planos diretores e agora do chamado planejamento estratégico da cidade, a Favela ainda é alvo das políticas públicas de habitação construídas sem o diálogo necessário entre associações de moradores e a prefeitura, assim como vimos recentemente na remoção da Vila Autódromo para dar lugar as instalações dos eventos esportivos mundiais de 2016⁸.

E o jornalista? O jornalismo também tem papel importante na construção de um certo imaginário sobre a Favela. Dos primeiros cronistas e intelectuais que subiram um morro para mostrar ao resto da sociedade como as pessoas ali viviam pela primeira vez, até os dias atuais, onde os jornalistas têm seus informantes ou seguem páginas feitas por moradores das favelas para obter esclarecimentos, percebe-se algumas noções sobre o significado da Favela que permanecem ao longo desse século. O lugar da doença, o lugar da pobreza e o lugar da violência e criminalidade ainda são associações fáceis de encontrar nas matérias diárias atuais. Mesmo quando a pauta é “positiva”, o pano de fundo para se falar de Favela é esse. O olhar para a consequência e não para as causas da violência, a falta de diversidade entre os jornalistas nas redações, a falta de empatia por dilemas específicos dessas regiões⁹, entre outras características, resultam em matérias que não vão muito além do senso comum e dos estereótipos. Por isso, muitos moradores, justamente insatisfeitos, constroem suas redes de informação independente. Inclusive no Complexo da Maré, como é o caso da página *Maré Vive*, nosso foco de análise neste trabalho. A página vê o jornalismo criticamente e o aponta

⁷. O Rio de Janeiro, ex-capital da república, sofreu importantes reformas urbanas que visavam resolver questões sanitárias, estéticas, viárias e habitacionais. Durante todo o século XX a ideia de erradicação dos cortiços e depois das favelas era unânime entre as variadas políticas públicas de habitação.

⁸. Ironicamente ou não a Vila autódromo ganhou um prêmio internacional de urbanismo por causa de um projeto feito em parceria entre a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e seus moradores. O projeto foi entregue como opção a remoção para o então prefeito Eduardo Paes, mesmo assim o projeto foi ignorado e a remoção seguiu seu rumo.

⁹. No artigo “Cenários da violência: estereótipos na cobertura de favelas e Periferias” (In: Mídia e Violência, 2007) há entrevistas de jornalistas que confirmam essas carências nas redações, assim como explicitam seus preconceitos e métodos de escolha de pautas em Favelas. “Pauta em Favela longe, só acima de 12 mortos”, disse o editor de um grande jornal para a pesquisadora.

como um dos principais propagadores dos estereótipos designados às Favelas. Não é à toa, portanto, que há um jornalista em nosso voo.

A terceira pessoa no voo é a pesquisadora. Sou eu. Por vezes funcionarei aqui como uma narradora do cotidiano do grupo de comunicadores da Maré com os quais convivi durante quatro meses (intermitentes) de campo. A Maré nunca me foi completamente alheia, pois passei minha infância a poucos kms de distância, do outro lado da Fiocruz, minha casa era o Manguinhos. Época na qual conheci a maioria dos meus interlocutores deste trabalho e que hoje desenvolvem o coletivo *Na Favela* e a página de Facebook *Maré Vive*. Também farei a mediação e ponderações durante a conversa entre esses pontos de vistas de acordo com o que meus amigos me disseram no campo. Digo isso porque durante essa caminhada, eles me indicavam “contra quem” e “com quem” estavam falando nas suas lutas políticas: O Estado e a mídia, na maioria das vezes são hostis, enquanto outros coletivos e todos os outros moradores favelados estavam em situação de diálogo, não porque concordam exatamente entre si, mas sim porque estão em posições igualitárias no debate. Volto a falar do campo adiante.

O jornalismo, o urbanismo e a pesquisa

A favela é um objeto relevante nos estudos acadêmicos. Na sociologia, no direito, no urbanismo e arquitetura, na antropologia, no cinema, na psicologia, na comunicação, no serviço social, na história etc. A pesquisa acadêmica também é uma forma de tradução, mas também trabalha fornecendo suporte (dados, mapeamentos sobre consumo, modos de vida, circulação etc) para instituições estatais e comerciais, e podemos incluir o jornalismo nisso também. Ademais, não há (ainda hoje) muita diversidade entre os pesquisadores que falam sobre a Favela, problema parecido com o das redações jornalísticas. Contudo, são inúmeras as pesquisas que não medem esforços para desassociar as noções de violência, periculosidade, pobreza e doença das favelas, em sua maioria. Estes trabalhos apontam criticamente para a criminalização da pobreza (Cf. Coimbra, 2001), para a falta de reconhecimento de movimentos artísticos como o Funk (Cf. Lopes, 2011), o mito da falta de participação na vida política por parte dos favelados (Cf. Valladares, 2005).

Mas qual é a relação entre a pesquisadora, o urbanista e o jornalista? Porque eles estão no mesmo voo? Uma das respostas possíveis é a que eles estão em lugares sociais parecidos,

o diálogo aqui é bem mais claro, não porque eles concordam. Neste caso, falamos de instituições que dão significados ao espaço urbano, que nomeiam e organizam. Esses três olhares, o do poder público representado pelo urbanista, o do jornalismo e a pesquisa acadêmica andam, muitas vezes, de mãos dadas. O segundo faz a agenda do primeiro que por sua vez se utiliza do alarmismo midiático para caracterizar como emergencial os problemas sociais de caráter estrutural, para que na emergência e forjadas situações de calamidade encontre justificativas para ações sem diálogo e sem respeito aos direitos fundamentais de qualquer cidadão de um Estado democrático de direito.

O terceiro, por vezes, acredita que conhecer a Favela e suas necessidades é questão fundamental para que o poder público lhe forneça os bens e instituições que todos os cidadãos necessitam, “principalmente os mais pobres”¹⁰. Acredita-se, por vezes, que a denúncia com fortes indícios e argumentos sejam capazes de frear a violência estatal sobre a Favela ou que se “mostrarmos o que ela tem de bom, talvez mudemos os estereótipos que temos a seu respeito”. Por fim, achamos que se as coisas fazem algum sentido, podemos explicar. “Afinal, tudo deve ter uma explicação.”

No entanto, meus amigos da Maré me dizem que várias tentativas de diálogo são impossibilitadas quando se tem um Estado que se afirma democrático, mas sem nenhuma conversa prévia, ocupa o seu lugar de moradia com mais de 3 mil homens das forças armadas para receber a Copa do Mundo de futebol. Ou quando ele é apresentado a um projeto premiado de urbanismo feito por favelados e mesmo assim remove tal Favela (me refiro novamente ao caso da Vila Autódromo).

Ausência, Potência e o “Mas”

Para Jailson Silva (2016, p.189-190) há dois paradigmas que dividem as representações e as práticas sociais na cidade e seus impactos na vida dos moradores das favelas, o da *ausência* e o da *potência*. No primeiro, “os territórios populares são apreendidos a partir do que não teriam, de suas precariedades e carências. Nesta perspectiva, o espaço favelado seria sempre dominado pela provisoriedade e seu destino seria, a partir do

¹⁰. Essa frase é encontrada na maioria dos artigos bem-intencionados com relação à Favela que eu tive conhecimento durante a escrita desse trabalho. Ou seja, são artigos que levantaram questões em campo, perceberam enormes desigualdades no tratamento do Estado, ou das representações midiáticas... com relação as favelas de seus estudos e fizeram proposições e conclusões que apontam para o entendimento de que uma atenção maior do Estado para com essas áreas é necessária. No entanto, o que os moradores reivindicam não é um tratamento especial ou maior atenção, eles reivindicam direitos fundamentais como o direito à vida, à água potável, a um bairro seguro, a atendimento de saúde e que seus direitos enquanto cidadãos sejam respeitados pelas forças policiais. Para isso basta cumprir a constituição.

estabelecimento dos espaços formais como parâmetro, assumir as características dos bairros que estão em seu entorno.”

Já o segundo, o paradigma da potência, “se valoriza a inventividade na construção de soluções que permitam a garantia de serviços e equipamentos básicos para a vida na cidade e as expressões estéticas plurais que os moradores afirmam em função dessa forma peculiar de viverem a experiência urbana.”

Contudo, o segundo paradigma, o da potência, não é encontrado facilmente no pensamento médio brasileiro. O imaginário depreciativo que se tem com relação às favelas é presente até mesmo quando se está munido de “boas intenções” e pretende-se dizer que “na favela não tem só violência”. Um exemplo, é a matéria de divulgação da programação cultural da Lona Hebert Viana, localizada na área chamada de divisa no Complexo da Maré. O título é “Maré de cultura” e foi publicada em 2015 pelo site do jornal *O Dia*, escrito por um jornalista que poderia estar facilmente em nosso helicóptero:

O Complexo da Maré é composto de favelas, conjuntos habitacionais e sub-bairros. Diferentes facções criminosas, eventualmente, disputam território nas comunidades, levando a violência para as vielas, atualmente sob ocupação do Exército, antes da chegada de um “complexo” de UPPs que terão, em seu conjunto, o maior contingente de policiais numa região carioca. No entanto, apesar do clima difícil, a Maré tem uma vida comunitária forte e bem desenvolvida, com dezenas de iniciativas importantes. A Lona Cultural Herbert Vianna, o Museu da Maré e as Redes de Desenvolvimento da Maré são exemplos dessa resistência dos moradores locais. Nesta quinta-feira, por exemplo, estará em exibição na Lona o espetáculo “Nem mesmo todo oceano”, de Alcione Araújo, com direção e produção de Claudia Marques. A entrada é franca. O início da peça será às 19h. O local também abre as portas para musicais, oficinas, cursos, palestras, entre outros eventos.¹¹ (grifo meu)

Nota-se que o intuito da matéria é divulgar o espetáculo teatral, mas o autor escreveu quatro linhas para falar sobre a disputa entre facções criminosas, a ocupação do exército e que futuramente terá “o maior contingente de policiais numa região carioca”. Dificilmente, o público não teria receio de frequentar a lona cultural depois de ler esta matéria.

Entre o paradigma da potência e o da ausência parece haver um “mas” que une essas duas perspectivas distintas quando se fala sobre a favela. Percebemos que há uma dificuldade em divulgar somente a peça. Pois quando se noticia os conflitos armados o contrário não acontece, não lemos nos jornais leads como: “Apesar da maré ter tantas atividades artísticas,

¹¹<http://blogs.odia.ig.com.br/rio-450-anos/historias-do-rio/mare-de-cultura> acessado em 27/07/2017

comércio e etc a área ainda há registros de tiros”, por exemplo. Ou seja, as duas características cabem dentro da sua noção de Maré. O que quero demonstrar aqui é que a pauta dessa matéria não é a violência, é a programação da lona cultural, por isso interpreto que as primeiras três linhas estão associando a violência a um significado do que seja a Maré aos olhos do jornalista, pois ele evoca tal imaginário, entre tantos outros possíveis, para divulgar a programação cultural.

O paradigma da potência e da ausência são facilmente visualizadas individualmente enquanto categorias analíticas, mas dificilmente as duas perspectivas se separam em narrativas sobre as favelas. O “mas” que conecta a produção artística da Maré aos conflitos armados é como uma pedra num sapato bom: quando pisamos, o conforto do sapato bom não consegue superar o incômodo da pedra, por menor que ela seja.

O urbanista, por sua vez, de forma indulgente, já faz uso do termo Favela para adjetivar ações que são mal-acabadas ou mal organizadas dentro de instituições políticas brasileiras. O que se aproxima da categoria da “ausência”. No artigo publicado pelo jornal *O Globo* (01/06/2017), Washington Fajardo, ex-presidente do Instituto Rio Patrimônio da Humanidade, órgão da Prefeitura do Rio para o patrimônio cultural do município, diz que “a Favela converteu-se em um regramento epistemológico” e que uma das causas da pouca convivência entre ricos e pobres em espaços públicos se deve à falta de políticas habitacionais e urbanísticas, que no seu ponto de vista, nunca houve de fato no Brasil e por isso a “Favela é a regra” e “até o direito urbanístico favelizou-se”. Segue um trecho do artigo:

Com diferentes sinônimos ao longo da História, do mais pejorativo até chegar a batizar boate em Paris, a favela converteu-se em um regramento epistemológico. Além de dominar as paisagens urbanas, do Oiapoque ao Chuí, da megalópole paulistana ao menor rincão rural, a favela é o modo como funciona o Estado ao burlar, ele próprio, as metodologias que poderiam produzir melhor ordenação e integração territorial. O vício da velocidade burra e imperiosa sobre a reflexão e o desenho age inclusive em diferentes escalas, da pequena praça às grandes regiões metropolitanas.

A polarização político ideológica atual, ser mortadela ou coxinha, progressista ou conservador, tem origem na vergonhosa segregação espacial que aprisiona ricos e pobres em lugares separados. Cada qual com uma esfera pública para chamar de sua. A Lava-Jato é resultado do urbanismo-favela. Através de obras superfaturadas, alimentamos a exclusão, financiando partidos e políticos, que criam mais obras, lucrando mais o agente econômico, segregando-se mais ainda. É um círculo infernal. E o Judiciário não atua sobre essa causa. Até o direito urbanístico favelizou-se.¹²

¹²Artigo “A Favela é a regra” <https://oglobo.globo.com/cultura/a-favela-a-regra-21420006#ixzz4pSFD2pFc>

Tanto o arquiteto quanto o jornalista, passageiros desse voo, ainda estão imbuídos na lógica do paradigma da ausência. O primeiro, mesmo sendo partícipe do poder executivo recentemente, homem branco, morador da zona nobre da cidade, não acha que o problema seria haver ricos e pobres, mas sim que eles estão “mal organizados” e por isso não podem aprender uns com os outros. Ele não faz parte do problema, portanto. O jornalista munido de “boas intenções” reconhece que há produção artística na Maré, mas, ainda assim, a define como uma região violenta, ele não consegue conceber o bairro como um local onde a arte e cultura são mais presentes na vida dos moradores do que o tráfico de drogas.

A governança, o jornalismo e a academia são três pontos de vistas importantes para este trabalho. Desses pontos de vista se originam três questões. Do ponto de vista do arquiteto e funcionário da prefeitura há uma preocupação com o que aos seus olhos seria qualidade de vida na cidade, ele acena para o bom funcionamento das instituições como solução para o “urbanismo-favela”; já o jornalista se pergunta como pode representar a população e ser o arauto da democracia; e a academia, por sua vez, no geral, se pergunta como podem contribuir para resolver os problemas da favela. Atualmente, esta última passa por uma grande reformulação no que diz respeito às favelas. Se nas décadas de 50 a 90 as favelas eram um problema urbano (Cf. Davis, Mike. 2006) e por causa disso, criou-se um dado científico com o qual dialoga o urbanista e o jornalista, um dado que virou senso comum. Hoje, o olhar para a diversidade entre as favelas, a desconstrução de dogmas, o olhar para a potência entram em cena. Mas o objetivo dos pesquisadores ainda são semelhantes com as décadas anteriores: ainda querem entender como vivem os moradores da região, seus projetos e resistências; como são representados e como se relacionam com o restante da cidade, para assim poderem “ajudar” ou contribuir politicamente junto ao Estado.

São essas três perspectivas com as quais os coletivos *Maré Vive* e o *Na Favela* dialogam e evocam em suas narrativas, como veremos nos próximos capítulos.

O trabalho de campo

A minha relação com o tema deste trabalho e o Complexo da Maré começa na adolescência. Conheci alguns dos meus interlocutores há dezesseis anos atrás numa oficina de cinema chamada *Cinemanheiro*, a oficina tinha o objetivo de instrumentalizar jovens de favelas no entorno da linha amarela para o trabalho com o cinema. O *Cinemanheiro* me deu a

possibilidade de conhecer muitos outros jovens com pretensões parecidas com as minhas, pois era uma oficina que estava em várias comunidades, e eu fui chamada para estagiar em outros locais além de Manguinhos, onde morava. Então sempre que acabava uma oficina, se formavam grupos de jovens com vontade de fazer filmes, e os fazíamos, sempre com pouquíssimos recursos. Nessa época, em 2002, ainda não tínhamos acesso as câmeras digitais, nem internet, na minha casa e na dos meus amigos não havia computadores, aprendemos por livros, fitas vhs e depois o dvd. Fizemos muitos filmes em Super Vhs e com as primeiras câmeras digitais que baratearam com o tempo. Tínhamos por volta de 13/14 anos. Desde então, nunca mais deixamos de realizar juntos, nos encontramos sempre em equipes de filmes e projetos culturais diversos, em sua maioria na periferia seja no Rio ou no resto do Brasil inteiro.

Foi na Cidade de Deus, então, que formamos a primeira produtora, que não tinha CNPJ, mas tinha o patrocínio da Linha amarela, para realizarmos o primeiro curta-metragem com algum recurso financeiro. O nome da produtora era “Boca de Filme” e o nome do nosso primeiro curta profissional foi “Mulher de amigo”. Eu era uma das mais novas entre os amigos da Cidade de Deus; trabalhei no filme como assistente de direção junto com Josinaldo, o fundador do *Maré Vive*. O filme narrava a história de um amigo que traiu o outro ao sair com sua namorada para o baile, e o conflito entre eles resultou em morte porque eles eram traficantes e estavam armados. Cojaque, o personagem principal de mesmo nome do ator, matou sua namorada e seu melhor amigo depois do baile. Na vida real, Cojaque já faleceu há alguns anos atrás num acidente de moto.

Passaram-se 16 anos desde a primeira oficina de Cinema e podemos nos orgulhar de ter uma profissão e de dizer que nunca precisei trabalhar em outra área para garantir o meu sustento. Conseguimos contribuir com nossas famílias com este trabalho, eu consegui fazer uma faculdade e hoje o mestrado. Fizemos um longa-metragem com coordenação do cineasta Cacá Diegues chamado *5x Favela- Agora por nós mesmos* e fomos ao festival internacional de Cannes (França) por causa dele. Percorremos o mundo com o filme. Hoje percebo que o cinema na periferia é viável e nos faz exercitar a melhor habilidade que podemos ter enquanto seres humanos: compartilhar e imaginar.

Esse preâmbulo tem o objetivo de dizer que meu “objeto de estudo” é também parte da minha vida pessoal, e que meus interlocutores são meus amigos de longa data. No entanto, isso não quer dizer que a re-aproximação foi fácil e o desenvolvimento da pesquisa tranquilo. Ao entrar na Maré atualmente me percebi quase uma estrangeira. No meu primeiro encontro com Josinaldo após algum tempo sem nos encontrarmos, percebi que conhecia muito pouco

do Complexo da Maré, me confundia com os nomes das comunidades, não sabia me deslocar de uma para outra, não sabia como chegar direito. Nesse dia, peguei um moto-táxi na entrada da Vila do João, que fica em frente a FIOCRUZ, ao sentar na moto, pedi um capacete ao piloto, e ele me disse “tem certeza que você quer um capacete? Nós não costumamos usar”, então, eu disse que tudo bem, que não usaria. Entrei pela Vila do João para ir até a Vila do Pinheiro, onde Mora Josinaldo.

Foi essa situação com o piloto da moto que me deu a sensação de estrangeirismo num local que me parecia familiar, o capacete não é usado por vários motivos que eu desconhecia. Quando falei da pesquisa, Josinaldo recebeu bem a proposta e aos poucos foi se inteirando melhor sobre os passos que eu estava dando, ele foi, em campo, meu principal interlocutor. Não por acaso, pois Josinaldo Medeiros é a pessoa chave na fundação do coletivo. Ele que começou o *Maré vive* com outros ativistas e que permaneceu mesmo quando outros desistiram, junto com o fotógrafo Naldinho Lourenço. São os dois, que atualmente, nutrem a página diariamente, tem mais três integrantes que contribuem com as postagens, os cineastas Wagner Novais, Cadu Barcelos e Geo Abreu, mas é Naldinho e Josinaldo que trabalham mais no dia-a-dia interagindo com os seguidores.

A ideia de fazer uma pesquisa com os amigos tem algumas vantagens e desvantagens. Assim como as outras pesquisas, imagino. A primeira desvantagem é que eu tenho de me desvencilhar de uma série de preconceitos que carrego a respeito da Maré (preconceitos não só no mal sentido), tenho também uma maneira de pensar que muitas vezes vai de encontro com a dos meus amigos. As duas podem ser facilmente confundidas. Já a vantagem é que como tenho pouco tempo e nenhum recurso financeiro para fazer campo, não perdi tanto tempo para encontrar e conquistar a confiança de meus interlocutores. Isso de fato é importante, pois o grupo tem grandes questões com a divulgação de seus nomes atrelados à página do *Maré Vive* no Facebook, porque a página já recebeu ameaças de todos os lados, da polícia e de moradores principalmente. Há uma grande desconfiança também dos militantes favelados em geral para com as pesquisas acadêmicas. Atualmente, está em curso um projeto político de empoderamento da fala favelada, o fato de falar “por” eles e não “com” eles é uma grande ofensa para muitos. Portanto, muitos favelados não tiveram boas relações com pesquisadores.

É esse cuidado que se pretende, por isso, estou aqui tentando fazer uma espécie de mediação entre os conceitos usados pelo *Maré Vive* que estão presentes também nas

produções audiovisuais do *Na Favela*, e os conceitos de autores reconhecidos pela comunidade acadêmica. Uma espécie de tradução.

O trabalho de campo começou quando chamei Josinaldo para me ajudar com a edição de um curta metragem documental. Durante as edições, levantamos inúmeras questões acerca da vida na Favela e sobre o *Maré Vive*. Foi uma ótima oportunidade para relembrar nossos laços e explicar para ele qual era a intenção da pesquisa. Todas as ideias, aulas, questões e conceitos com os quais achava que poderia trabalhar na dissertação durante as aulas do mestrado foi conversado com ele. Josinaldo também se inspirava e me indicava alguns livros e filmes porque tinham conexão com nossas conversas. Assim pude entender melhor o que ele pensava sobre a produção discursiva do *Maré Vive* e de seus filmes.

Suspendi as edições depois de dois meses indo a Maré com frequência, depois me dediquei somente a pesquisa. Nossos encontros aconteciam na “Lojinha”, uma loja alugada pelo grupo para funcionar como sede da produtora *Na Favela*.

Nossas conversas aconteciam naturalmente, mas sentia certo incômodo quando tinha que anotar alguma coisa ou gravar o áudio no início. Por isso, resolvi fazer diários no fim do dia a partir daquilo que tinha entendido e lembrava das conversas. Muitas vezes quando fazia alguma pergunta que parecia estúpida aos olhos deles, eles não me respondiam e diziam que eu queria a resposta de forma fácil e que eu tinha que ir mais lá para entender. A cobrança por estar presente na Maré se dava dessa forma, para eu conseguir alguma informação tinha de ir lá passar uns dias, mesmo sendo eles meus amigos, mesmo sendo uma pergunta boba apenas para confirmar alguma ideia, mesmo a gente se falando pelo aplicativo *whatsapp* o todos os dias. Mas essa cobrança tem uma razão de ser, entendi, que para meus amigos muitos falam sobre a Maré, mas poucos aterrissam lá e “tomam uma cerveja”, isso é um incômodo. Eles queriam que eu não fizesse o mesmo.

A desistência de fazer entrevistas formais veio com o desconforto que eles me mostravam quando eu dizia “isso é para pesquisa” ou “você pode responder algumas perguntas”, senti que quando falava dessa forma, as respostas eram incompletas. Dessa forma, percebi que a convivência e o compartilhamento dos trabalhos do coletivo foi a melhor maneira de estar presente da forma como eles gostariam, ou bem próximo disso. No entanto, não só a partir do campo que esse trabalho vai se desenvolver, a análise de dados coletados da página do coletivo também é fundamental para seu entendimento.

Pra que serve essa pesquisa?

Até aqui nos referimos introdutoriamente a alguns aspectos deste trabalho: a Maré enquanto uma região privilegiada em termos de localização, pulsão comercial e cultural; as três percepções que os coletivos *Maré Vive* e *Na Favela* evocam em suas críticas ao olhar não-favelado (o olhar do cidadão não-favelado que por outrora representou o Estado, o olhar da mídia e o da pesquisa) adiante, veremos o que o *Maré Vive* nos mostra como sendo (re)existência e modos de produção de liberdade.

Contudo, um parêntese se faz necessário para tratarmos da questão que intitula este tópico, uma vez que a temática abordada é de grande importância para meus interlocutores. Afinal, esta pesquisa desnudaria táticas de resistências do coletivo que seriam contrárias as ações das Forças Armadas e também do narcotráfico. Por isso, optei por uma inscrição do pensamento político e filosófico do grupo a uma descrição densa de suas atividades cotidianas. Em suma, tratamos aqui de um tema delicado para quem está na linha de frente fazendo o trabalho de mídia comunitária na região. Pois a página critica e denuncia diversas ações militares.

Por isso, é importante traçar algumas estratégias metodológicas para garantir esse cuidado. Por vezes, questionei junto ao grupo se seria necessário usar codinomes e não identificá-los, pois é assim a postura deles com relação a página. Durante o trabalho de campo, o *Maré Vive* não identificava seus integrantes, não participava de debates públicos presenciais, assim como não monetizava as informações de seus mais de 100 mil seguidores. O grupo me disse que não havia problema em identificá-los, pois a pesquisa não alcança os militares nem o narcotráfico.

Em busca de soluções possíveis para minha abordagem neste trabalho me deparei com uma série de encontros organizados por pesquisadores e moradores de Favelas chamado “Pra que e quem servem as pesquisas sobre Favelas?”. Quando conheci esse evento, ele já estava em sua 6ª edição que foi realizada no Museu da Maré, ocorreu no dia 10 de junho de 2017. Todo encontro é gravado e transcrito, por isso tive acesso ao conteúdo dos anteriores. Nas palavras de Goulart & Calvet (2017)¹³, se evidencia os objetivos desses encontros:

¹³<http://www.canalibase.org.br/para-que-e-para-quem-servem-pesquisas-academicas-sobre-favelas-uma-nova-epistemologia-e-possivel> acessado em 16/08/2017

Em nossas discussões suscitada a partir dos eventos “Pra Que e Pra Quem Serve as Pesquisas sobre Favelas”, a disputa epistemológica vem sendo colocada como central para pautarmos que as favelas e seu povo preto majoritário são construtores de epistemologias pautadas na ancestralidade, vivência e experiências comunitárias. Uma utopia que se coloca é pensarmos em Pluriversidades Indisciplinares Populares, ou Pluriversidades dos Movimentos Sociais. Em uma Pluriversidade Indisciplinar, poderíamos explorar formas de Conhecimento/Poder/Aprendizado que incentivassem o encontro de uma diversidade de epistemologias e formas de se produzir conhecimento sem ficarmos presos às caixas e disciplinas Eurocêntricas. Isso já vem se materializando no Brasil com o processo de criação de áreas de estudos étnicos, diversos experimentos educacionais em favelas do Rio (como o nosso próprio encontro Pra Que e pra Quem Serve as Pesquisas sobre Favelas?, a Iniciativa Agentes Pesquisadores de Favelas) e outras como a Universidade do MST. A atenção que talvez tenhamos que ter é de não deixarmos os privilegiados, a partir do próprio reconhecimento desse privilégio, e seu modelo Eurocêntrico de ensino, se apropriarem desses espaços em mais um processo de captura.

As questões levantadas nesses encontros são relevantes para este trabalho, pois como foi posto nas primeiras páginas dessa introdução, o olhar da pesquisa para a Maré não é um olhar neutro, ele implica em alguns efeitos sobre o imaginário construído acerca da comunidade. No entanto, estou aqui fazendo justamente uma pesquisa a partir de uma universidade e não de uma “pluriversidade”, como dizem os autores acima. Essa questão que se desenhou como um problema na relação com meus interlocutores, pois alguns olham para os pesquisadores com desconfiança, foi debatida nesses encontros e me fez perceber que deveria estar atenta a alguns temas colocados em pauta nas reuniões sobre as quais falarei um pouco a seguir.

Militantes e pesquisadores de origem favelada ao lerem muitas produções acadêmicas cuja temática é a favela apontam para a colonização do pensamento e modelos eurocêntricos de produção do conhecimento sobre os quais nossas universidades em geral são baseadas. Ao lerem e participarem de alguns trabalhos que são referências na área das ciências sociais e aplicadas, surgiram algumas indagações sobre as pesquisas acadêmicas, principalmente quando o objeto de pesquisa são grupos de pessoas, as questões giram em torno de:

- 1- A falta de retorno do pesquisador ao local da pesquisa ou contato com o grupo pesquisado após o término do trabalho;
- 2 - A subalternização do objeto de pesquisa em relação ao pesquisador(a);
- 3- A captura de conceitos e ideias originadas nas favelas e apropriadas pelos pesquisadores em seus trabalhos;
- 4 - A chamada síndrome de “Princesa Isabel”, que ocorre quando os pesquisadores acham que podem salvar ou ajudar a favela com a qual trabalha.

- 5- A utilidade prática da pesquisa acadêmica na vida dos moradores. As pesquisas têm que resultar em alguma ação?
- 6 - Sobre o tema da pesquisa vir “fechado” para a seleção dos departamentos de pós-graduação chegando no campo com poucas possibilidades de interferência dos moradores que são objetos dos estudos;
- 7 - Sobre alguns financiamentos de pesquisa virem de empresas que têm interesses escusos nessas regiões;
- 8- O olhar exotizado de pesquisadores para as Favelas:
- 9 – O largo interesse em pesquisar as Favelas enquanto há poucas pesquisas que dizem respeito às grandes elites econômicas e políticas.

Entre muitas outras questões debatidas nos encontros, as supracitadas me parecerem recorrentes nas falas dos participantes. Estes encontros me fizeram perceber que é possível o diálogo entre a universidade e as favelas para a produção compartilhada de conhecimento, embora essa problemática não seja novidade para a universidade e seus pares - podemos ver ações que são reflexos desse debate dentro da academia como o desenvolvimento de projetos de extensão - os relatos nesses debates, dizem que esses projetos ainda não são estabelecidos por posições horizontais nas relações entre pesquisadores, alunos e integrantes da comunidade não-acadêmica, isso ocorre por conta da burocracia, financiamento e estrutura institucional.

A estrutura da dissertação

Este texto diz a respeito de dois grupos que trabalham e vivem no Complexo de Favelas da Maré. E a partir desse trabalho eles constroem suas existências dentro da comunidade.

No primeiro capítulo há um aprofundamento sobre as perspectivas “de fora” sobre a Maré, o que chamamos de “Perspectivas do helicóptero”. Nele discutimos a hegemonia da ideia de representação e alguns dos seus efeitos com relação as favelas.

No segundo há uma análise da página do Facebook *Maré Vive* desde sua concepção. A página traz a noção de “autoproteção comunitária” a partir das redes sociais da internet. O trabalho desenvolvido pela página também evidencia a voz dos moradores, a página mobiliza a comunidade e está em frequente mudança em sua forma de trabalhar enquanto coletivo.

O capítulo três fala sobre as “existências possíveis” que estão em construção a partir do trabalho dos coletivos. O foco neste capítulo é o “*Na Favela*”, braço audiovisual do *Maré*

Vive. A forma de trabalhar do coletivo relembra os mutirões dos antigos moradores e as zonas autônomas temporárias (TAZ) na produção de vida e liberdade.

CAPÍTULO I: AS PERSPECTIVAS DO HELICÓPTERO

Nos muros das favelas há mais pichações sobre a saudade dos amigos mortos do que sobre a liberdade para os que estão presos. (Jessé Andarilho)

Há várias formas possíveis de apresentar o bairro Maré aos leitores e leitoras desse texto, escolhi uma delas. A Maré sobre a qual falo aqui não é a Maré dos amigos que lá residem, com os quais convivi no chamado “trabalho de campo”, nem é a que pude experienciar em alguns momentos da vida, sob outros contextos; não se tratam somente das minhas memórias pessoais. A Maré que escolhi apresentar não é aquela dos noticiários que a determinam enquanto um “Complexo”. O bairro Maré que descrevo nessa dissertação é fruto de um encontro com prazo de validade, e que, provavelmente, ele nunca mais aconteça dessa forma. Em outras palavras, há, portanto, várias “Marés” possíveis. De tal modo, o que nos interessa aqui é menos identificar o que seria a Maré, como de praxe. Seria ela um bairro? Uma favela? Um território? Poderíamos defini-la segundo suas potências e ausências como apontou Jaílson Souza e Silva, importante pesquisador da Maré e diretor da ONG Observatório de favelas. Poderíamos defini-la como “o maior Complexo de favelas da América latina”, defini-la enquanto uma “região violenta”, “pobre”, “carente”, “exótica” e, ao mesmo tempo, “rica em diversidade cultural”, “criatividade”, “solidariedade”, com grande potencial econômico etc. Entretanto, sua definição nesses termos importa menos que os efeitos que eles são capazes de gerar no cotidiano dos amigos que lá habitam.

E se digo tal coisa, o faço mirando nas perspectivas que estão no helicóptero, de dentro dele onde só é possível enxergar de longe (de cima), de uma distância que, afirmam alguns, é a mais apropriada para se falar sobre o que viria a ser uma dada “realidade” desse bairro. Falemos do helicóptero, portanto. Ele é transporte de luxo, é uma ferramenta de grande valia das forças de segurança, da defesa civil e da mídia jornalística. Ele é escolhido em várias situações para obter velocidade e visibilidade de áreas chamadas de difícil acesso por terra ou desconhecidas por mapas oficiais. Para a polícia é usado estrategicamente também em incursões em Favelas, pois quem está nele é capaz tanto de coordenar os esforços das tropas no solo, com orientações táticas, como de intervir diretamente na ação por meio da utilização de armas de precisão. Já para a imprensa, flagrantes podem ser narrados ao vivo, sem que as pessoas que estão na rua saibam exatamente que estão sendo gravadas, mantendo a segurança

(e o anonimato) dos repórteres¹⁴, é possível, portanto, fazer o relato de acontecimentos sem correr o risco do envolvimento emocional com o mesmo.

A imagem do helicóptero vai nos ajudar a entender o desenvolvimento do capítulo a seguir: vamos, aqui, em um primeiro momento, observar o complexo da Maré de cima, isto é, a uma certa distância. Nos orientaremos a partir de dois tipos de discurso: da ciência e do jornalismo ainda predominantes no mundo contemporâneo.¹⁵ Nosso argumento é que, tal qual o helicóptero, tais disciplinas constituem seus saberes, produzem sentidos, por meio de um distanciamento necessário de seus objetos e essa forma de pensar produz certos efeitos políticos no cotidiano de moradores dessa região. Por estarem elas se utilizando de um idioma representacional, faremos um “sobrevoo duplo” (sobre o bairro e sobre os discursos que o representam), para assim debatermos a ideia de representação. Essa ideia também constitui um problema – no sentido matemático – para os amigos que moram na Maré, pois toda a sua produção narrativa, artística e jornalística gira em torno dessa noção e como isso os afeta (veremos melhor nos próximos capítulos). Por isso, se torna um tema relevante a este trabalho.

Problema que nos remeterá às críticas do chamado construtivismo ao positivismo científico, e logo depois as críticas ao próprio construtivismo feitas por integrantes da chamada “virada ontológica” (Cf. Souza 2015:54). A título de introdução, um breve resumo sobre o uso destes termos. Sobre o construtivismo, diremos que gravita, a grosso modo, no entorno da ideia de que a ciência não detém o poder absoluto de apresentar uma verdade única sobre o mundo, pois a natureza das coisas seria historicamente construída. Outrossim, não há como criar ambientes imunes ao contexto social, independentemente do método utilizado. Haverá sempre alguma forma de contaminação. Ou seja, se para o positivismo haveria uma forma de representar o real por meio da metodologia científica, o construtivismo aponta para sua impossibilidade, pois a própria ciência está associada a uma cultura, um tempo histórico, uma sociedade... etc. Como efeito, relativiza-se o próprio conhecimento científico. O resultado disso é a possibilidade da diversidade de interpretações sobre o mundo. Nos termos do construtivismo, tudo se passa como se, na impossibilidade de alcançarmos o real, concentrássemos nossas atenções nas suas representações. Essa forma de conduzir o

¹⁴Dado interessante, o helicóptero teve seu desenvolvimento alavancado pela segunda guerra mundial por se tratar de um veículo de alta manobrabilidade e capaz de enfrentar maus tempos. Segundo um policial com o qual tive contato rápido, o helicóptero possui combustível caro, por isso encarece as operações das forças armadas estaduais assim como as coberturas jornalísticas. É preciso, portanto, que aconteça um evento importante para que o Estado se utilize deste veículo para suas operações.

¹⁵Não me refiro à toda comunidade científica, nem a jornalística, mas a algumas práticas específicas que serão exemplificadas ao decorrer do texto

pensamento nos trouxe outros problemas, e ainda assim permanecemos em um horizonte epistemológico e não ontológico, assim como no positivismo (cf. Almeida Souza 2015): o problema ainda é desenvolver formas para melhor conhecer o mundo, formas supostamente mais apuradas. Com efeito, ‘o mundo’, aqui, permanece no singular.

1.1 - O helicóptero é um ponto de observação externa

Porque a escolha do helicóptero como metáfora? Entre as motivações já descritas acima, a principal é que este equipamento possui um olhar externo ao universo pesquisado, no nosso caso a Maré. No entanto, ao mesmo tempo ele é capaz de produzir aproximação e uma visão universalista do bairro, dele vemos toda a extensão do território da Maré superficialmente, tal qual é a natureza da sociologia e do jornalismo, a partir destes enxergamos um todo sem muitos detalhes, de um ponto de vista externo, como explicarei adiante. O helicóptero, portanto simula o lugar de onde emana essa perspectiva científica. Na Maré é muito comum avistar helicópteros no céu, acima das pipas. Isso ocorre não só em dias de operação policial, a mídia também está lá. O que estaria por trás de um meio de transporte tão eficaz?

Bruno Latour nos traz as imagens de um ‘cérebro extirpado’ e a invenção de um ‘mundo exterior’ para exemplificar o cerne do conhecimento científico positivista e construtivista. Segundo o autor, a origem de um cérebro extirpado e a dominância do pensamento racional no ocidente se baseia em dois medos, o primeiro medo é a desconexão total com a realidade e o segundo é o medo do governo da massa. Em pormenor, este último seria a perda de poder de um pequeno grupo de governantes para a multidão que deteria a força bruta. Em seu livro *A esperança de Pandora*, Latour discorre sobre um debate apresentado em *Gorgias* de Platão. Nele, o filósofo discorre sobre a oposição entre a força e a razão. Em dado momento do debate entre Cálicles e Sócrates descrito por Platão, Sócrates diz: “A lei são as declarações proferidas em uma assembleia de escravos e várias outras formas de rebotalho humano, que poderiam ser completamente desconsiderados não fosse o fato de possuírem força física” (Platão 489c *apud* Latour 2001:24), demonstrando o fundamento do medo da força da multidão e por consequência do governo da massa, como diz o autor.

Dois medos que motivariam o ocidente a seguir um caminho (em relação à produção de conhecimento): conhecer o mundo através da razão, ou seja, do saber científico, assim se aproximaria a mente extirpada de seu corpo e se afastaria a multidão, pois esta não dominaria os métodos científicos pré-determinados por aqueles que detém a razão, não dominaria, portanto, o mundo letrado.

Abrindo um parênteses. Esse tema fora levantado em um dos encontros chamado “Pra que e quem servem as pesquisas em favelas?” em forma de questões já mencionadas anteriormente na introdução e relevantes a este trabalho. Pois no Brasil, o conhecimento acadêmico sempre foi restrito a uma parcela ínfima da população, sendo desta parcela os governantes, a elite econômica e cultural. Aos favelados esse direito é negado por uma série de questões estruturais sobre as quais não vou me alongar aqui. Por isso, o que Latour aponta como o medo do governo das massas sanado pelo desenvolvimento das ciências faz muito sentido, mais sentido ainda faz os questionamentos oriundos desses encontros entre pesquisadores e favelados em diversos pontos da cidade. Afinal, porque se faz necessário um observador externo para diagnosticar a realidade da Maré, por exemplo? E por que somente o relato desse observador¹⁶ do alto do helicóptero é reconhecido como verdadeiro ou próximo da verdade? É esse reconhecimento que permite a captação de recursos das ONGs que serão citadas adiante, por exemplo. É a partir de pesquisas que demonstram a realidade local pela ótica de metodologias científicas que possibilita a entrada de capital para os projetos delas. Feito que associações de moradores e outras organizações não conseguem realizar por não optarem pela realização de pesquisas aprofundadas como um recenseamento.

Voltaremos ao tema ao longo do capítulo, por ora nos ocuparemos do sobrevoo sobre a Maré. Um sobrevoo de helicóptero que desdobramos sob a forma de um tipo de objeto, o mapa. Um “sobrevoo duplo”, lembro. Em outras palavras, nos debruçaremos sobre algumas representações que, ao meu ver, produzem o que chamo de *efeito de verdade* a respeito do bairro (uma característica própria à noção de representação), sobretudo daquelas que se inscrevem no senso comum e dão suporte às intervenções do Estado na localidade. Após tal explanação, tocaremos naquilo que Almeida Souza chama de “hegemonia da noção de representação” (2015). De maneira resumida, naturalmente, pois nosso foco é a prática de dois coletivos de arte e comunicação na Maré e não a discussão teórica acerca desse tema.

¹⁶. Quando digo observador me refiro também às metodologias que esse ponto de vista se utiliza durante a observação

1.2 - Mapas que representam

(...) não há mais nenhum espaço da terra que já não pertença a alguém, não há uma terra incógnita, a se descobrir. Ou seja, se as gerações anteriores tinham esta possibilidade, mesmo que como um sonho distante, para nós esta opção não é possível. Fim... o mundo virou uma grande bola dominada por diversos poderes, um globo riscado por fronteiras. Estamos sempre dentro do Império. Não há saída, não há escapatória, não há como fugir. Será? (Hakim Bey, 1990)

O modo de habitação e ocupação do espaço da cidade sob a forma “favela” aparece no mapa oficial do Rio de Janeiro apenas em 1947, somente após meio século de existência da primeira favela. Isso se deu, talvez porque num primeiro momento, a política estatal com relação às favelas priorizou ações de remoção; portanto, as favelas tinham caráter provisório, por isso não poderiam ser reconhecidas como bairro. Essa mesma época também marca a descoberta da favela pelas ciências sociais. Ao final da década de 1940 inaugurou-se um período de estudos aprofundados sobre as favelas como espaços propriamente urbanos, segundo Valladares (2005:63):

Um novo tipo de conhecimento sobre a favela emerge ao final dos anos 1940. Tal saber esboçado inicialmente pelo trabalho pioneiro de Victor Tavares de Moura passa, agora, a ser produzido por organismos oficiais e permanentes encarregados da coleta de dados. Dimensões desconhecidas do fenômeno da favela serão reveladas, a partir desse momento ela não será mais vista apenas como um problema de saúde pública, ordem urbana, estética e assistência social. Será constituído um outro saber sobre os seus habitantes quanto a: atividade, trabalho e profissões, origem geográfica, características demográficas etc. Mas essa emergência de uma produção oficial de dados e de análises, com a finalidade de conhecer a amplitude real e a complexidade do fenômeno, não foi realizada sem dificuldades nem adesões tardias das representações anteriores. Houve duas etapas: um primeiro recenseamento em 1948, que se refere apenas às favelas do Distrito federal [na época, o Rio de Janeiro], e o recenseamento geral de 1950, no qual pela primeira vez as favelas são indicadas como tais.¹⁷

Depois do primeiro recenseamento, e após a redemocratização, foi a partir dos anos 1990, que algumas intervenções promovidas pelo poder público e por ONGs buscaram, de

¹⁷. E continua a autora: “A primeira favela já contava com 50 anos de existência quando foi tomada a decisão de realizar um recenseamento específico desse tipo de bairro e seus habitantes. Definido como “espaço provisório, o morro da Providência não apareceu com as suas reais características de favela, nos recenseamentos oficiais de 1920 e 1940. (...) Apenas em 1937 o código de obras reconheceu oficialmente a favela como um tipo de espaço urbano presente no território do Distrito Federal” (idem). A autora também afirmar que o recenseamento geral de 1950 se distancia dos anteriores pela precisão, pela qualidade e interpretação dos dados. É a partir dele que se define a categoria geral de favela.

maneira geral, a integração desses espaços com a cidade como um todo. Essas intervenções assistencialistas, buscavam a diversidade da representação das favelas em meios de comunicação, denunciar violações de direitos humanos, garantir assistência do Estado em diferentes áreas, do saneamento urbano aos equipamentos de lazer. Foi nesta década (1990) que as organizações não governamentais passaram a dialogar com o Estado, de tal forma que quase o substituiu em algumas funções, como nos diz Perez (2005:11):

Oliveira (1999) explica que se as ONGs nasceram dos movimentos sociais, na década de 1980 se afastaram deles e hoje não se ligam a nenhuma classe ou movimento específico, prestando serviços permanentes. De denúncias e mobilizações, as ONGs passaram a prestar serviços assistenciais e emergenciais, muitos em parceria com o Estado. Villalobos (2001) insere o período de aumento da presença das ONGs no Brasil, após 1986, dentro de um contexto de redemocratização e adoção da política neoliberal, em que o Estado começava a retirar-se da questão social transferindo os serviços às ONGs. O autor acrescenta que as ONGs transformaram-se de assessoras dos movimentos sociais nos anos de 1980 para substitutas do Estado nos anos de 1990.

Enfim, tornou-se consenso, em certa medida, de que era possível integrar e urbanizar os espaços favelados ao invés de removê-los para pontos afastados do centro da cidade. Porém, em diversos momentos históricos observamos adesões ao pensamento antifavela, como assinala Valladares, e como demonstrei no debate público acerca do tema na introdução.

Entre a escolha política de não remoção das favelas de forma autoritária, posta desde a década de 1950, quando se cria a categoria “favela” enquanto objeto de estudos, em que o intuito era achar soluções definitivas para ela, dadas as opções de extinguir ou urbanizá-la, os estudos científicos “afirmavam a importância do conhecimento exato do fenômeno para definir políticas públicas verdadeiramente bem adaptadas, mantendo-se discreto quanto à escolha das soluções” (idem:72). Ou seja, temos aí alguns pontos. O primeiro é o consenso entre pesquisadores e o Estado de que a favela é um problema para a cidade, o segundo é que agora não se pode mais removê-la, mas ainda sim se faz necessário achar soluções, encontrar saídas para que ela esteja cada vez mais semelhante (em todos os níveis: estético, cultural, urbanístico etc) ao restante da cidade. A partir desses dois pontos, trabalha-se na construção dessas soluções. Estas, segundo os pesquisadores, deveriam ser feitas sob medida para cada caso, sempre pautadas nos direitos humanos.

A autora classifica claramente em seu importante trabalho “A invenção da Favela (2005)” que as pesquisas são representações, e que o marco do recenseamento de 1950 muda a forma de representar as favelas em caráter oficial, ou seja, a ideia a partir de então seria apresentar dados objetivos mais próximos da realidade de cada uma. A partir daí questiona-se

as opções de urbanização ou remoção e até mesmo a terceira, a visão sobre a favela como um problema a ser resolvido. Posteriormente entende-se que a Favela é a solução criada para um déficit habitacional, pois lá milhares de pessoas podem viver em suas casas próprias por um custo acessível, um lugar com cultura própria parecido com quilombos e aldeias indígenas, porém integrada a cidade. No entanto, essa última interpretação a respeito do tema ainda tem pouca adesão até mesmo em setores da esquerda progressista que insiste em políticas assistencialistas ao invés do fomento da autonomia de gestão dos moradores.

Atualmente, o interesse pelo conhecimento especificamente da região do bairro Maré perdura. Se antes as pesquisas sobre as favelas se afastavam das ações governamentais, e por isso, os governos as utilizavam de forma facultativa, na história recente do Rio de Janeiro, elas se tornam um importante auxílio para guiar planos específicos para essas áreas, ações tanto de responsabilidade estatal ou da organização civil.

Um bom exemplo da importância da pesquisa (e por consequência da aproximação das universidades) para o alargamento das ações de assistência social é a atuação de ONGs que aliam o conhecimento científico à sua atuação nesses locais como é o caso do *Observatório de Favelas* e a *Redes de desenvolvimento da Maré*. O trabalho das duas Ongs aqui lembrado é realizado a partir de pesquisas e análises de dados coletados entre os moradores locais, assim elas contribuem para o fortalecimento de sua representação da Maré para além da sua inclusão no mapa físico da cidade. A Maré representada por essas ONGs pretende se inscrever também na vida cultural do Rio de Janeiro. Como veremos a seguir.

1.2.1 - Conhecer e desenvolver: O mapeamento das ONGs

Em consonância com o que Valladares (2005:72) aponta como um posicionamento do trabalho “intelectual, que acrescenta uma contribuição legitimada através do esforço do conhecimento” quando discorre sobre o recenseamento da década de 1950, o qual a autora distingue do fazer político, duas grandes ONGs que atuam no bairro Maré, *Observatório de Favelas* e a *Redes de desenvolvimento da Maré*, produziram mapeamentos das ruas, entre outros levantamentos atualizados sobre o território através da realização do *Censo Maré 2012*, um projeto de coleta de dados da realidade local.

O *Censo Maré* objetivou ampliar os perfis socioeconômico e cultural dos moradores das 16 comunidades da região, antes descritos pelo IBGE de forma considerada por essas ONGs como não satisfatórios. À guisa dessas ONGs locais, para que houvesse a intervenção

de projetos implementados por elas, fazia-se necessário informações localizadas e menos generalistas para a compreensão das necessidades dos moradores. Além da parceria das associações de moradores, o *Censo Maré 2012* obteve financiamento das Organizações internacionais *Ford Foundation*, *Actionaid*, do *Banco de desenvolvimento da América Latina*, da *ONU Habitat*, entre outros.

“(...) O Censo Maré consiste em um amplo diagnóstico da realidade demográfica, sociocultural e econômica da Maré, com ênfase na mobilização e participação dos moradores em todas as fases do projeto. A elaboração desse diagnóstico tem o propósito de subsidiar ações que atendam às demandas locais, tendo como base de sustentação a contribuição de distintos atores sociais presentes no território estudado. Em outras palavras, esse projeto se propõe a contribuir para o fomento de políticas públicas que promovam o desenvolvimento da Maré.” (Redes de desenvolvimento da Maré, 2014, p.08)

Os mapeamentos produzidos por essas duas ONGs locais com a colaboração dos moradores nos fornece uma visão, uma representação, bem específica do bairro Maré: uma representação que não apenas nos informa o nome das suas ruas, mas também e, sobretudo, sobre seus moradores, suas relações, seu sustento (comércio, etc...). Como citado acima, o intuito era fazer um “amplo **diagnóstico da realidade** demográfica, sociocultural e econômica da Maré” (grifos meus). É como se nesse helicóptero, onde situei também a perspectiva das ONGs, houvesse uma objetiva (lente) zoom. Ao olharmos para baixo, através dela é possível ver detalhes que não vemos a olho nu, mas esses detalhes são distorcidos para que a imagem seja captada por ela. Essa teleobjetiva é conhecida na fotografia por sua capacidade de aproximação do objeto, ela é capaz de focalizar o alvo a muitos metros de distância, mas a consequência desse “esforço”, digamos assim, é o “achatamento” do fundo, ao aproximar o objeto do olhar humano, ela traz a imagem com pouca profundidade de campo para além do objeto focalizado.¹⁸

Portanto, do “mundo real” a produção de dados, essa Maré apreendida pelas lentes da teleobjetiva sofre uma série de transformações. Essa representação, por isso, se constroi em diferentes etapas postas pela metodologia científica adotada pelos cientistas sociais do Censo: formulação dos formulários, entrevista com moradores, produção de dados estatísticos, relatórios etc. Ou seja, os moradores e suas práticas cotidianas se transformam em dados. E é a partir desses dados, os quais transformam a realidade em outras dimensões expressivas, que

¹⁸ . Não pretendo com essa analogia sugerir que o diagnóstico feito pelo recenseamento é deficiente, a ideia não é essa. A ideia aqui é caracterizar essa perspectiva, não se pretende aqui fazer qualquer denúncia aos trabalhos de décadas dessas ONGs na região, ações muito bem vindas pelos moradores desses locais, por sinal.

as pesquisas se dizem próximas da vida das comunidades da Maré. Por isso, me refiro aqui a um *efeito de verdade*, pois do helicóptero se olha distante, mas através da objetiva, se faz próximo. A figura do helicóptero aqui está para o lugar do conhecimento científico assim como a objetiva está para as metodologias das ciências sociais, seus programas informatizados que calculam números censitários e outros equipamentos estabelecidos, todo esse aparato gera um efeito de proximidade com a realidade local. Fazendo um paralelo à análise de Latour (2001) sobre a coleta de dados em uma floresta realizada por cientistas de diversas áreas unidos para a investigação a respeito de um possível avanço da savana para a floresta, é possível esclarecer a proposição acima.

As ciências falam do mundo? É o que se afirma. No entanto, o dedo de Edileusa [uma pesquisadora botânica] designa um único ponto codificado numa fotografia que apresenta apenas ligeira semelhança, em certos traços, com as figuras impressas no mapa. À mesa do restaurante, estamos bem longe da floresta, mas Edileusa fala dela com segurança, como se a tivesse na mão. *As ciências não falam do mundo, mas constroem representações que ora parecem empurrá-lo para longe, ora trazê-lo para perto.* (Latour 2001:46)

Aos olhos da ciência o mundo é um referente que circula por diferentes níveis de entendimento, o *mundo exterior* é transformado em representações que ora parecem distantes, ora longe. Por isso a ideia de um helicóptero munido de uma teleobjetiva.

Voltando ao exemplo do Censo Maré, um dos seus resultados é o mapeamento de empreendimentos do bairro¹⁹ (Fig. 2). Em sua publicação, além da análise dos dados coletados resultantes do trabalho com mais de 3 mil entrevistados, há um guia com endereços e contatos dos comerciantes.

¹⁹. Para essa pesquisa, comércios de bens ilícitos ou falsificados não foram considerados.

Fig.2:
com os
de

ATIVIDADE PRINCIPAL	Nº EMP. PESQ.	ATIVIDADE PRINCIPAL	Nº EMP. PESQ.	ATIVIDADE PRINCIPAL	Nº EMP. PESQ.
CESTAS BÁSICAS	3	TURISMO	2	FOGÕES	1
COCO	3	ALFAIATE	1	FUNDIÇÃO	1
COLCHÕES	3	ATELIÊ ARTÍSTICO	1	GESSO	1
DECORAÇÃO DE AMBIENTE	3	AULAS DE VIOLÃO	1	ISOLANTE TÉRMICO	1
EMBALAGENS	3	AURICULOTERAPIA	1	JÓIAS	1
EVANGÉLICOS (PRODUTOS)	3	BATERIA DE AUTOMÓVEIS	1	LAJE PRÉ FABRICADA	1
LAVANDERIA	3	BRINQUEDOS	1	LETREIROS E TOLDOS	1
MATERIAL HOSPITALAR E DE LABORATÓRIO	3	CASA LOTÉRICA	1	LIVROS	1
MÉDICOS	3	CD E DVD MUSICAL	1	MANÔMETROS	1
TELEMENSAGENS	3	CHURRASCO	1	MASSAS ALIMENTÍCIAS	1
ASSESSORIA JURÍDICA	2	CONCRETO	1	MATERIAL PARA TELEFONIA	1
CAFÉ	2	CONTABILIDADE	1	PALETE	1
COMPRESSORES	2	CUIDADORA DE CRIANÇAS	1	PAPEL	1
ENGENHARIA CARTOGRÁFICA	2	EQUIP. DE PROTEÇÃO INDIVIDUAL (EPI)	1	PINTURAS EM GERAL	1
FRANGO ASSADO	2	EQUIPAMENTOS DE SOM, ILUMINAÇÃO E PALCO	1	PORTÕES AUTOMÁTICOS	1
FRETE	2	EQUIPAMENTOS PARA CONSTRUÇÃO CIVIL	1	PRODUTOS ALIMENTÍCIOS	1
IMPORTADORA	2	ESCADAS EM MADEIRA	1	SOLDADOR	1
MÁQUINAS DE COSTURA	2	ESTALEIRO	1	SOM E AUTOFALANTES	1
MECÂNICA INDUSTRIAL	2	ESTRIBO E RADIER	1	TERRAS E PLANTAS	1
MOTORES ELÉTRICOS	2	EXAMES LABORATORIAIS	1	TRANSPORTE E COLETA DE RESÍDUOS	1
MOTORES MARÍTIMOS	2	FARINHA DE TRIGO	1	VASSOURAS	1
PESCADOS	2	FERRAGENS	1	VETERINÁRIA	1
TÁXI	2	FISIOTERAPIA	1		
TINTAS	2	FLORICULTURA	1		

Quadro
12 tipos

CENSO DE EMPREENDIMENTOS MARÉ

69

atividade econômica mais frequentes na Maré. Do Censo de empreendimentos da Maré (Redes de desenvolvimento da Maré, 2014).

No Censo de Empreendimentos da Maré, ficaram de fora empreendimentos que não possuíam um lugar exclusivo para seu funcionamento, mesmo que funcionassem dentro da residência do dono do estabelecimento, pois, para ser considerado pelo recenseamento, a atividade comercial deveria ter um lugar exclusivo para ela. Não foram considerados também empreendimentos itinerantes, como as feiras ao ar livre tanto de frutas como de roupas, nem

comércios de produtos falsificados ou obtidos de forma ilegal, não houve também nenhuma menção ao tráfico de drogas que movimentava significativamente a economia do bairro.

O Censo é apenas uma das atividades realizadas por essas duas grandes ONGs no território da Maré. A *Redes de desenvolvimento da Maré* possui cinco eixos de atuação: arte e cultura; desenvolvimento territorial; direito à Segurança Pública e Acesso à Justiça; Educação; identidades, memória e comunicação. Segundo seu site, são mais de 10 mil pessoas impactadas por suas ações. O recenseamento, como um todo, não somente a parte que fala sobre empreendimentos, se encaixa no eixo de desenvolvimento territorial, ele faz parte também do núcleo de pesquisa e produção de conhecimento da organização. Conforme a descrição retirada de seu site (abaixo) a pesquisa é uma das principais ferramentas para o desenvolvimento territorial.

(...) a partir de pesquisas regulares no território. A equipe da Redes da Maré responsável por esta área consolidou um saber específico, através de treinamento e parcerias, capaz de munir não só o núcleo próprio de pesquisa, como projetos de outros eixos e até mesmo ver suas metodologias premiadas e replicadas em outros espaços populares. As pesquisas e diagnósticos dão suporte para a formulação de um plano de desenvolvimento sustentável para o território, subsidiado por informações socioeconômicas atualizadas e específicas sobre as condições de vida da população local. O Censo Maré, com início em 2011, é um marco, a partir do qual nasceram outros projetos de pesquisa. Outro ponto importante é a capacitação de moradores da Maré para o trabalho, que já envolveu mais de mil pessoas, contando com a parceria das 16 associações de moradores da região. A equipe multidisciplinar é composta por geógrafos, economistas, estatístico, cientista social, assistente social, técnico em geoprocessamento e técnico em cartografia. (redesdamare.org.br/acesado em 04/03/2018)

Nesse sentido, as ações dessas duas Ongs, principalmente a realização do recenseamento sob metodologias científicas reconhecidas por instituições de pesquisa do governo e por universidades, recebem reconhecimento e legitimidade para falar a respeito do território de forma realista, ou melhor dizendo, de forma mais real que a própria realidade, como diz Latour, cientificamente. Mas não basta apenas a produção de um diagnóstico da Maré feita somente por cientistas e acadêmicos. Diferentemente do contexto do recenseamento de 1950, sobre o qual fala Valladares, aqui há um outro ingrediente fundamental para dar legitimidade a representação do bairro que esse mapeamento produz: a participação dos moradores no processo de coleta dos dados. Eles não participam da formulação das metodologias utilizadas, mas são capacitados para usá-las.

Um outro tipo de mapa, menos usual, que também busca representar o bairro Maré é o Guia Cultural de Favelas (Fig. 3). Nele, é possível identificar, a partir da ferramenta colaborativa de

geolocalização, ações e instituições culturais que desenvolvem seus trabalhos dentro do território. Também realizado por essas duas ONGs anteriormente citadas. Como é descrito em seu site:

“O Guia Cultural de Favelas é um mapa colaborativo de visualização de práticas culturais em favelas cariocas. Desenvolvido também pelo Observatório de Favelas do Rio de Janeiro, o Guia é um desdobramento do Solos Culturais, projeto que no ano de 2012 e 2013 formou 120 jovens de seis territórios populares da cidade em produção cultural e pesquisa em cultura.”²⁰

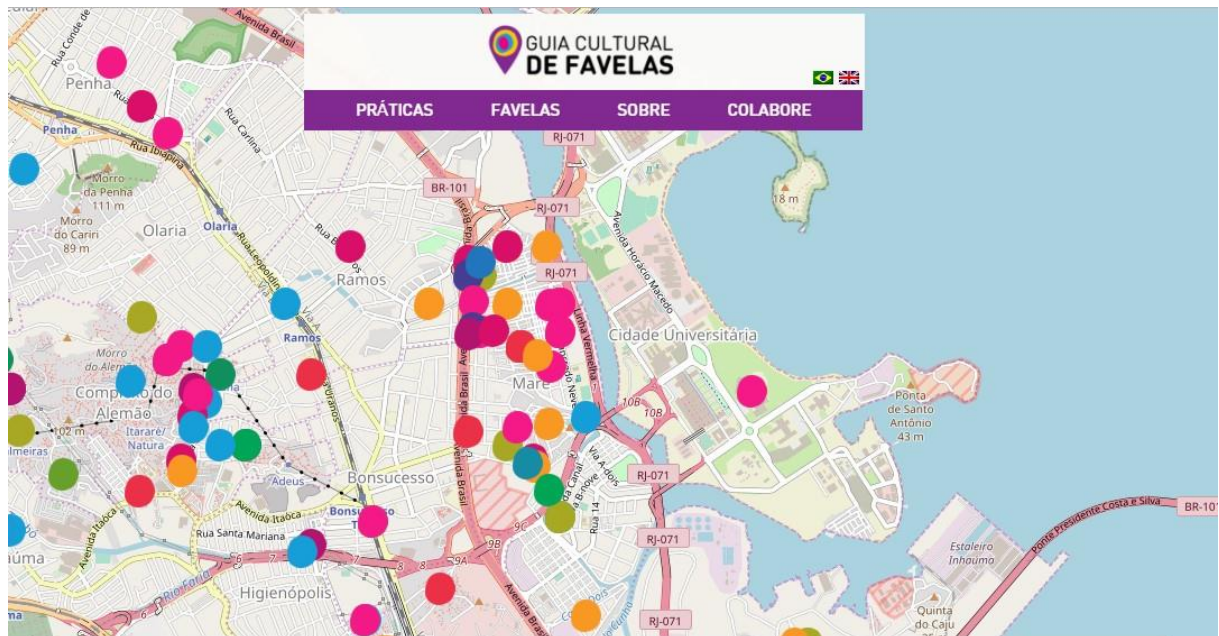


Fig.3: Guia cultural de favelas. Os pontos dentro do espaço da Maré identificam ações culturais ou instituições que produzem essas ações.

Como se fosse uma evolução das primeiras pesquisas da década de 50, os mapas produzidos pelas ONGs²¹ objetivam a aproximação da realidade dos moradores, interagem com eles e constituem uma relação de responsabilidade com a comunidade. A partir dos critérios estabelecidos para a produção dos dados, eles classificam o que chamam de empreendimentos e produções culturais a partir de critérios que dialogam com o Estado e o capital estrangeiro, portanto, compartilham a ideia de direitos humanos estabelecidos

²⁰. Retirado da sessão “sobre” do site <http://guiaculturaldefavelas.org.br>. Acessado em 05/12/2017. “Durante o projeto, 40 jovens que participaram do projeto “Solos culturais” retomaram a pesquisa que fizeram e revisitaram os pontos culturais das favelas produzindo conteúdo multimídia para alimentar o mapa. Um laboratório de produção cultural, unido a oficinas conceituais e práticas, levaram os jovens a um entendimento ainda mais amplo sobre a produção cultural e seus desdobramentos políticos e sociais.” (idem)

²¹. É importante também comunicar que a prefeitura do Rio de Janeiro conta com institutos que produzem dados sobre a região, como é o caso do Instituto Pereira Passos. Mas a utilização desses dados não é feita de forma tão direta (para a justificativas de projetos assistenciais) como dessas duas ONGs.

internacionalmente pela ONU e têm como finalidade realizar ações de assistência social. Se antes da década de 1950 a produção de conhecimento interferia menos no fazer político, agora ele é a base da política e justifica a conquista de financiamentos para projetos de assistência social juntos ao Estado. Portanto, essas três práticas (política, conhecimento científico e capital) estão intimamente relacionadas quando se tratam de ações para o desenvolvimento da Maré dessas duas grandes Ongs. Existem outras iniciativas por lá, menores, que atuam a partir de outras metodologias e possuem objetivos distintos como é o caso do Museu da Maré, criado em 2006, ele é reconhecido internacionalmente como referência de museu comunitário, um espaço criado por iniciativa dos moradores não-pesquisadores.

1.2.2 - O espaço físico

Produzindo o efeito oposto ao do recenseamento, mas complementarmente realizado pelas ONGs, pois, se este traz consigo o efeito de proximidade da realidade da Maré enquanto uma região ocupada por pessoas, portanto, vendo-a como um *espaço social* (BOURDIEU 1993:159), o segundo mapa (Fig.4) se distancia em demasia do solo e, por consequência, das pessoas, vendo a Maré como um espaço físico, portanto. (idem). Este é com certeza a forma mais abstrata de representação da região, mas, ao mesmo tempo, indica maior grau de “autoridade científica” para delimitar o que são suas fronteiras geográficas, por exemplo. É a representação para qual olhamos e não restam dúvidas a seu respeito. O mapa diz “Complexo da Maré”. É fotográfico. “Ali é a região que se chama Maré”, podemos afirmar categoricamente, sem sombra de dúvidas. O que vemos nela? Vemos a representação de parte da cidade do Rio de Janeiro. Circulado em vermelho está a Maré, do seu lado direito a UFRJ, à esquerda está a Fiocruz, ao lado dela também há a refinaria de Petróleo “Manguinhos” e, mais acima, onde o mapa corta, está o Aeroporto Internacional Tom Jobim. Podemos ver também 8 estações de trem e metrô, além das vias principais de acesso ao centro da cidade: Linhas Vermelha e Amarela e Av. Brasil. Concluimos que o bairro Maré está localizado numa região importante para a cidade. Com grande potencial econômico. Ou seja, se o desejo fundamental dos estudos sociológicos tinha a ver com a integração com a cidade, a Maré é um exemplo de que esse não é mais o problema. Pelo menos, não no sentido de circulação pelos espaços urbanos. Há de se notar também que o constante interesse em ocupar a região com forças militares durante os megaeventos ocorridos na cidade provavelmente tenham mais a

ver com a preocupação com a segurança das pessoas que passam pelo trajeto aeroporto internacional a zona sul da cidade, via linha vermelha e Av. Brasil do que com a das pessoas que moram na região.

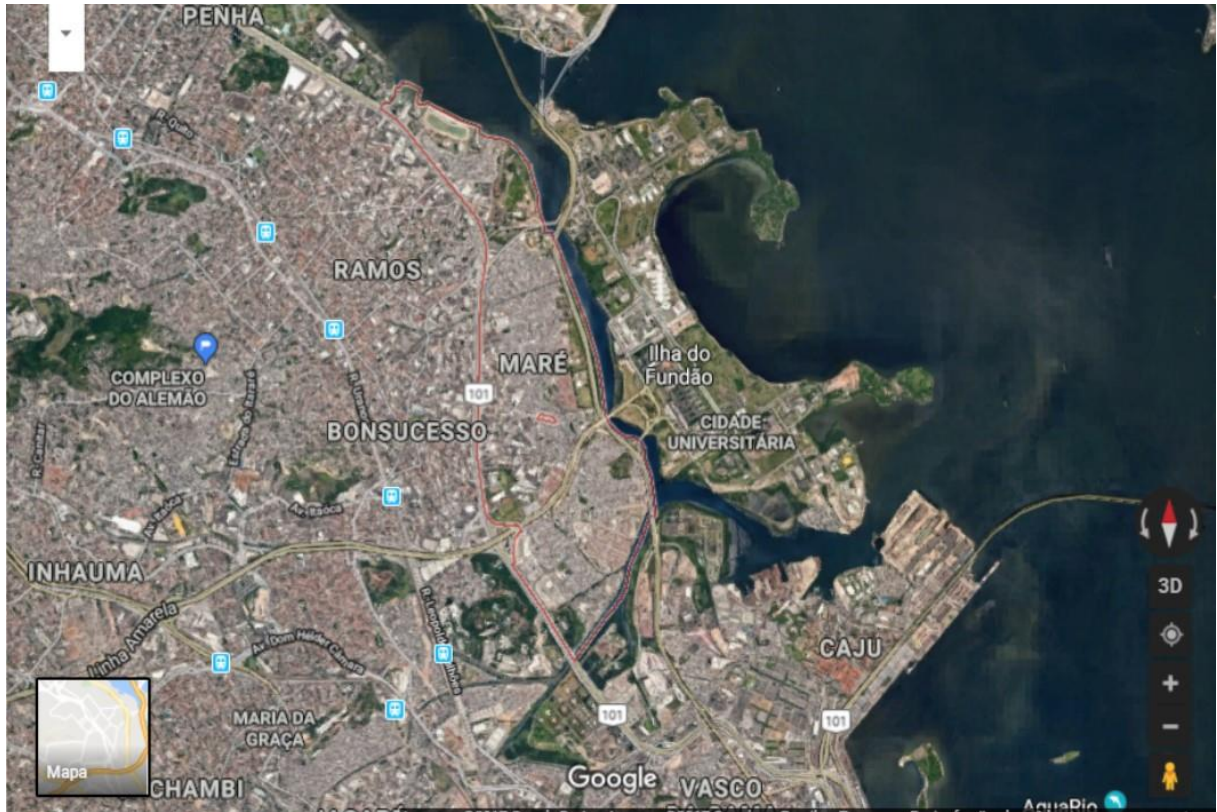


Fig. 4: Google earth

1.2.3 - Do espaço físico ao mapa da violência

Continuando nosso sobrevoo pelos mapas que representam o bairro, ora produzindo efeito de proximidade, ora de distanciamento, o jornalismo nos traz um dos seus: a divisão do território por facções criminosas que ilustra uma das matérias do Jornal “O Dia” sobre a grande operação das Forças Nacionais de Segurança, ocorrida em 2014, na iminência da realização da Copa do Mundo de futebol. O intuito do governo estadual, na época, era preparar o bairro para a implementação de uma Unidade de Polícia Pacificadora (UPP). Porque digo que é um “dos seus”? Porque a seleção dessa matéria é apenas um exemplo entre muitos nos quais a temática da violência é sistematicamente associada às favelas pela discurso jornalístico. Isso já foi demonstrado em diversas pesquisas na área da comunicação, com inúmeros métodos e formas de abordagem. Não se pretende aqui negar a existência de

conflitos violentos na região, mas sim identificar que há uma preferência de pauta jornalística pelo tema quando se trata das favelas. É o que nos mostra, por exemplo, o artigo de Felix (2009:5):

Podemos considerar (...) que o índice de criminosos não é superior entre a população favelada. Mas o tipo de criminalidade que se vê com maior frequência entre esta população é o que chama mais atenção na atualidade. É, também, o que ganha maior visibilidade na cobertura midiática.

Em sua pesquisa, a autora analisa o jornal televisivo local, de ampla penetração na cidade, chamado RJ TV 2ª edição, veiculado na Rede Globo. Foram analisados 23 episódios no ano de 2004, desse universo foram selecionadas 189 reportagens, dentre as quais, 33 se referiam às favelas através de texto ou de imagens. Como podemos ler abaixo no trecho do artigo, há relevante frequência de notícias na editoria de segurança pública localizando na favela a fonte dos problemas de violência da cidade, consideradas, portanto, áreas de risco. Além do mais, destaca-se nessas matérias o silenciamento das vozes de moradores e líderes comunitários em detrimento das vozes de representantes do Estado.

Do ponto de vista da frequência da favela no noticiário, encontramos um dado surpreendente: em 88% dos 23 dias analisados existe uma ou mais matérias relacionadas ao tema. Juntos, estes dados nos mostram a importância que a favela assumiu na mídia e, por que não dizer, na sociedade contemporânea. [...] Analisando o tipo de editoria em que a favela é representada. Partindo de uma classificação tradicional - Crime/ações da polícia, Educação, Saúde, Esporte, Cultura, Política e Economia – chegamos a uma constatação trágica: em 73% dos casos, as matérias que enfocam a favela tratam de crimes ou ações da polícia. Mesmo aquelas que tratavam de outros assuntos, como política ou economia, apresentam a favela como fonte de insegurança. Tomadas em conjunto com as matérias de crime, representariam um total de 82% do noticiário. Em apenas 24% de todas as matérias analisadas os moradores têm voz e em outros 6% o líder comunitário é ouvido. Mas é preciso diferenciar a maneira pela qual essa voz é expressa. Em apenas 15% dos casos fala em primeira pessoa. Nos demais, o repórter ou apresentador reproduz as declarações de “moradores”. Nota-se um claro contraste em relação à voz oficial do estado sobre a favela: em 52% das matérias ouve-se a polícia e em 15% também estão presentes outras autoridades do estado, todas devidamente identificadas (Id.Ibid.: 5).

O que a autora pôde constatar nesse artigo, alguns amigos percebem em seu dia-a-dia ao lerem ou darem entrevistas para matérias jornalísticas sobre a violência atribuída ao seu bairro, a Maré. À parte citada que está sublinhada, posso acrescentar um trecho de apresentação da página de comunicação comunitária *Maré Vive* que diz:

(...) é raro surgir um veículo de mídia disposto a mostrar o lado da favela e seus moradores, normalmente somos marginalizados e mostrados de forma negativa, mas aqui não! Não temos nenhum posicionamento anti-exército, anti-polícia ou qualquer

outro na hora de noticiar um fato.” (Apresentação da Página *Maré Vive* no Facebook.)

Percebemos, contudo, que a ideia de “ausência” por parte de discursos jornalísticos, em geral, não se dá apenas no relato do lado negativo, na narrativa da “falta”(falta de estrutura, de urbanização, de saneamento etc) na Maré ou em outras favelas, mas também na invisibilidade das vozes dos moradores. Outro relevante apontamento sobre o texto que descreve a página *Maré Vive* quando afirmam não ter um posicionamento anti-exército ou anti-polícia, é que com essa sentença a página demonstra o desejo de visibilizar essas vozes, mostrar um lado pouco visto no debate sobre “o que fazer a respeito da violência”, o lado dos moradores em sua potência, não em relação às outras vozes (da polícia, do estado, do jornalismo). Portanto, um desejo de coexistência de forma com que os enunciados tivessem a mesma importância, como deveria ser na democracia.

Ao escrever o artigo, Felix registrou dois grandes eventos anteriores à Copa do Mundo (2014) e às Olimpíadas (2016), durante os quais a Maré também foi fortemente ocupada por forças militares, a Eco92 (1992) e os jogos Panamericanos (2007). Com efeito, ocupar a região com as forças militares, não importa a época, se tornou estratégia rotineira para produzir a sensação de segurança que os visitantes da cidade necessitam. Recentemente, portanto, período no qual realizou-se a Copa do Mundo de futebol, mais uma ocupação ostensiva das forças militares aconteceu, nela o Complexo da Maré contou com 1 militar para cada 55 moradores. Índice sete vezes maior que a média do Estado de 369 policiais por habitante²². Na ocasião, o jornal *O Dia em 2014* traz o discurso similar ao do RJ TV em 2004, este último sobre o qual Felix tece sua análise. Os dois apontam para a ocupação militar da Maré como uma solução para o “problema da segurança pública” do Estado, como vemos no trecho a seguir:

Rio - O pedido de socorro do estado ao governo federal para enfrentar os criminosos responsáveis pelos ataques em série a bases de UPPs acabou resolvendo outro entrave na segurança pública: a pacificação da Maré, que se arrastava há três anos. O governador Sérgio Cabral confirmou ontem que o Exército vai ocupar o conjunto de favelas no caminho do Aeroporto Internacional Tom Jobim (Galeão). (jornal O Dia 25/03/2014)

²². Esse fato é de grande relevância para este trabalho, pois o evento foi o marco fundador da página de comunicação comunitária *Maré Vive*

Nessa época, a promessa do governo estadual era a implementação de uma Unidade de Polícia Pacificadora (UPP) na Maré, mas por diversas razões, desde a falta de financiamento até às características do bairro, o projeto não foi para frente; no entanto, nesse momento havia grande expectativa por parte da imprensa e dos moradores, a ocupação para a Copa do Mundo de futebol seria uma preparação para a UPP. A operação foi grande e a cobertura midiática também.

A ocupação será realizada em duas fases. A primeira, neste domingo, terá agentes dos batalhões de Operações Especiais (Bope) e de Choque, do 22º BPM (Maré) e da Polícia Rodoviária Federal. A ação contará com blindados da Marinha, o que depende do Ministério da Defesa. Inicialmente, haverá uma varredura para preparar o terreno para o Exército. Nesta fase, a PM vai fazer incursões e revistas para prender criminosos e apreender armas e drogas. Também serão cumpridos os mandados de prisão expedidos para criminosos da região. A PM realizará ainda operações em outros pontos do estado, para evitar a fuga de bandidos. (Id., *ibid.*)

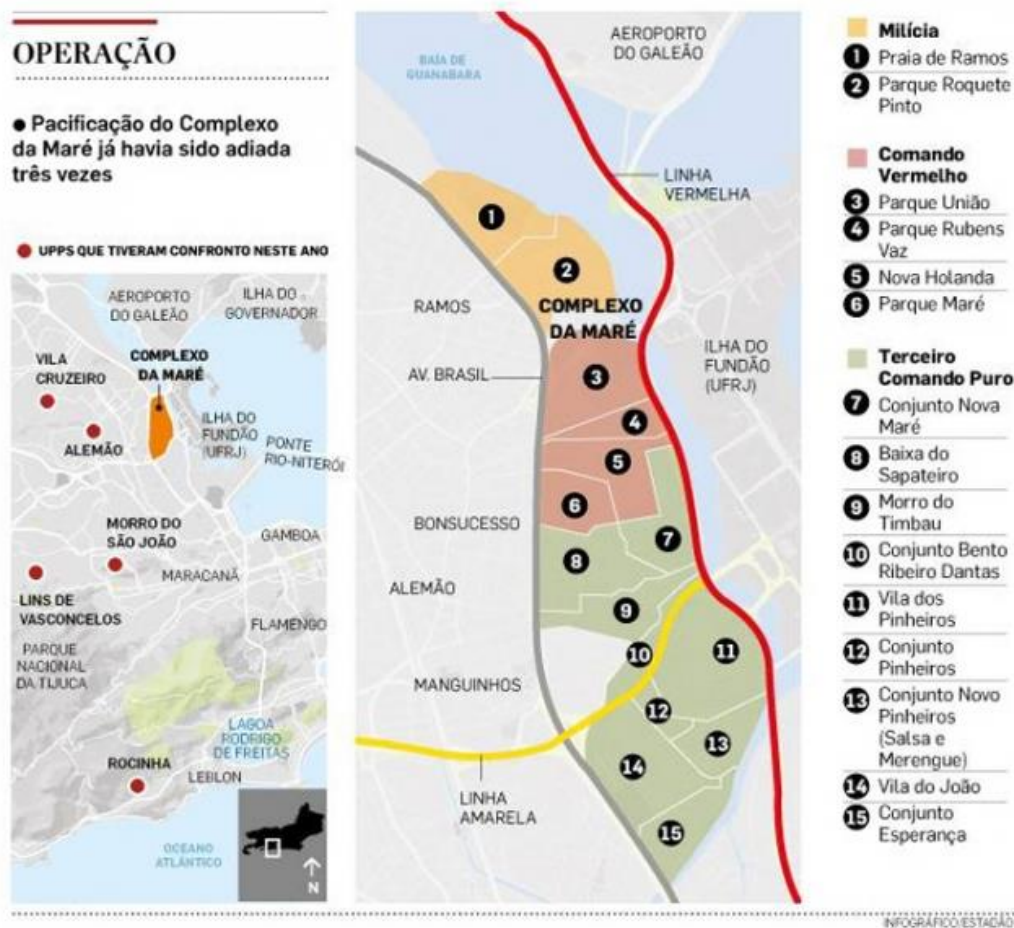


Fig. 5: Infográfico mostra a divisão por facções criminosas. Produzido pelo jornal O Dia. O Lead da matéria do dia 25/03/2014 anuncia “O complexo de 130 mil habitantes terá, a partir do dia 5, um militar para proteger cada

grupo de 55 moradores. O número corresponde a 2.400 agentes, sendo dois mil do Exército e 400 do Batalhão de Campanha da Polícia Militar. No estado, a proporção é de um PM para 369 habitantes.”²³.

1.2.4 - O uso (estratégico) militar do mapa da violência

Coincidentemente, exposto no artigo chamado “*Guerra Irregular: a brigada de Infantaria Paraquedista na Pacificação do Complexo da Maré*” escrito pelo General de Brigada Roberto Escoto, publicado no ano de 2014²⁴ também diz respeito a mesma operação citada pelo jornal *O Dia*, que empregaria cerca de 1500 homens das F.A.s na ação. Para ilustrar, no artigo também há um infográfico que divide o território da Maré por facções criminosas que lá atuam. Segundo o autor do artigo, uma das estratégias da invasão militar no território era a de conquistar a confiança dos moradores locais para que a UPP obtivesse êxito e aprovação da população.

A homologação da Garantia da Lei e da Ordem (GLO) justificaria o combate das forças militares ao narcotráfico em território nacional. Mas para que a lei faça sentido foi necessário enquadrar as práticas da prática do narcotráfico brasileiro em conceitos como “terrorismo” e “extremismo”. Ideias difundidas internacionalmente para tratar de conflitos políticos, na maioria das vezes, entre grupos com países, religiões e ideologias distintas. Ideias estas que foram fortalecidas após o atentado de 11 de setembro de 2001 ocorrido nos Estados Unidos. O conflito entre o exército e o narcotráfico é, por isso, chamado de “guerras irregulares”, como explica o General Escoto abaixo.

“Nos conflitos irregulares assimétricos do século XXI, o emprego de **Forças de Operações Especiais (FOpEsp)** e de **forças convencionais (F Convl)** paraquedistas e aeromóveis aptas a intervir, com rapidez e eficácia, como forças de contingência em situações de crise e de conflito, tem sido cada vez mais frequente. A *82nd Airborne Division*, a *101st Airborne Division* e a *173rd Airborne Brigade*, dos EUA, e a *16th Air Assault Brigade*, do Reino Unido, tiveram papel preponderante nas operações de combate a grupos de violência extremista no Afeganistão e no Iraque, assim como a *11e Brigade Parachutiste*, da França, no Afeganistão e no Mali. A violência extremista é o resultado de crenças e ações de indivíduos ou grupos que empregam a violência para a consecução de objetivos de natureza política, ideológica, social, étnica ou religiosa. Inclui a insurgência, a subversão, o terrorismo e outras formas de violência comum. As forças irregulares constituem o braço armado desses grupos que recorrem à guerra irregular para alcançar seus objetivos.

²³. <http://odia.ig.com.br/noticia/rio-de-janeiro/2014-03-25/complexo-da-mare-tera-um-militar-para-cada-55-moradores.html> acessado em 06/12/2017

²⁴. <http://www.defesanet.com.br/mout/noticia/20218/GUERRA-IRREGULAR--A-Brigada-de-Infantaria-Paraquedista-na-Pacificacao-do-Complexo-da-Mare/> acessado em 06/12/2017

No entanto, no mesmo artigo o próprio General aponta para dúvidas com relação ao enquadramento do narcotráfico na categoria de “extremistas”.

É possível questionar doutrinarmente se as facções criminosas brasileiras – que aparentemente não possuem motivações político-ideológicas – podem ser consideradas forças irregulares, mas é impossível negar que elas atuam com as mesmas táticas, técnicas e procedimentos de guerrilheiros e terroristas. Diante disso, quando a F Ter for empregada em Op Pac, é necessário enfrentá-las e vencê-las executando operações de combate contra F Irreg.

Complexo da Maré

ÁREAS CONTROLADAS POR: ■ MILÍCIA ■ (CV) COMANDO VERMELHO ■ (TCP) TERCEIRO COMANDO PURO



Fig. 6: Infográfico, parte do esquema tático do exército em 2014, demonstra a divisão do território em facções criminosas.

Ao mapa apresentado pelo jornal *O Dia*, podemos unir a outro apresentado pelo exército na ocasião dessa ocupação da Maré em 2014. Os dois são semelhantes, no caso do primeiro, do jornalismo que deveria atender aos interesses dos cidadãos somente, não há espaço para questionamentos ou críticas mais incisivas com relação a estratégia de segurança escolhida ou, como a autora citou acima, espaço para que os moradores falem sobre a ação de forma contraditória. Essa colaboração entre jornalismo e Estado, em debates sobre temas sensíveis para as favelas cariocas, é notória em várias outras ocasiões da história do Rio de Janeiro. Uma das consequências é a redução desses temas a um único ponto de vista (digo, o ponto de vista do Estado e do jornalismo se funde num só), sem que haja espaço para outras trajetórias e discursos como pontua Mendonça (2012:218):

Se tomarmos como exemplo empírico os recentes casos de remoção nas favelas cariocas, “justificados” pelo argumento da preservação ambiental e da redução de áreas de risco, veremos como a combinação entre os discursos jornalísticos sobre a cidade e as intervenções urbanísticas acabam por tentar impedir as possibilidades de relatos (e trajetórias) outros pelos habitantes desses espaços de inclusão precária. À insegurança socioespacial, aliada à fragilidade dos laços, o Estado oferece a promessa de uma comunidade sem traficantes (ainda que sustentada pela utopia de uma cidade sem drogas). À mobilidade dispersa e à falta de controle do território, as obras de infraestrutura concretizam a esperança do sonho da casa própria (mesmo que para isso, tenha de haver a desapropriação ou a remoção de várias localidades).

Entretanto, apesar dessa aparente fusão que causa o efeito de invisibilidade de percursos outros como pontua Mendonça, poderíamos dizer que os militares e os jornalistas falam a respeito da mesmíssima região? O primeiro aponta para a Maré como um lugar onde habitam os inimigos do Estado brasileiro e cidadãos comuns são feitos de reféns, já o segundo descreve uma região tutelada pelo Estado, carente, onde seus moradores não possuem voz ativa, não são capazes de tecer algum pensamento reflexivo sobre seu cotidiano, estão sempre passivos diante do jornalista, à eles cabe a confirmação da pauta. Em suma, as ideias de que os moradores estão contra o Estado e a de que os moradores são tutelados por eles, nos parecem bem distintas não é mesmo?

Podemos afirmar aqui que a prática militar se difere radicalmente da jornalística, são práticas que se aproximam em seus discursos diante da temática *Favela* em alguns momentos, como vimos; no entanto, as suas diferenças vêm a tona quando observamos os efeitos de cada uma sobre a vida dos moradores da região. As intervenções de militares no Complexo da Maré podem resultar na morte biológica de pessoas, entre outras consequências; enquanto o

jornalismo esvazia de protagonismo e de história em suas próprias práticas cotidianas os que ali residem, os resumem a números e corpos mortos.

1.2.5 - O mapa do urbanista

Não é necessariamente um mapa, não estamos falando fielmente de cartografia, mas o urbanista e arquiteto também nos traz uma visão relevante para nosso sobrevoo. Qual seria a Maré que ele vê? A pura desordem urbana, o caos que dominou o Brasil inteiro em seus mais diferentes níveis, como demonstrado na introdução, a favela do urbanista se tornou um problema epistemológico, se tornou parte da forma como as instituições brasileiras forjam seus sistemas burocráticos, a analogia é sempre feita da pior forma possível. Para ele, as favelas são definitivamente o lugar da desordem urbana.

Pois bem, não me refiro aqui a uma visão de tempos passados, tomo como exemplo um discurso atual. No dia 04 de fevereiro de 2018, aproximadamente 15 dias antes do estado do Rio de Janeiro receber sua primeira intervenção federal militar na secretaria de segurança, o urbanista Washington Fajardo foi convidado, como especialista entrevistado, de uma matéria especial para o programa Fantástico da Tv Globo. A saber, este programa de variedades tem formato jornalístico, geralmente as grandes pautas são deflagradas nele, ele funciona como uma espécie de agenda do jornalismo de outros telejornais da emissora. É um dos mais vistos do país e possui um dos horários mais caros para anunciantes. A matéria sobre a qual me refiro se intitula: “Entenda como são as vias que não saem dos noticiários de violência do Rio”. Ela conta com 7 minutos e 35 segundos de duração, ela se inicia com fragmentos de reportagens exibidas durante a semana em diversos telejornais da emissora que noticiavam troca de tiros e paralisações nas principais rodovias da cidade. Além de Fajardo, a matéria acompanha uma recepcionista, que anda de ônibus, e dois trabalhadores que andam de carro nas rodovias linha amarela e linha vermelha. Esses três personagens são acompanhados em um dia da sua rotina ao fazer o trajeto de suas casas para o trabalho. Enquanto eles são acompanhados como exemplos do risco que cidadãos comuns correm em seu dia a dia nessas rodovias, duas vezes analisam a situação da violência nelas, é aí que entram as entrevistas de Fajardo e Vinícius Cavalcanti, este creditado como diretor da associação brasileira de profissionais de segurança pública. Fala-se bastante das comunidades que são cortadas pelas rodovias, mas nenhum morador é entrevistado. Como falamos anteriormente, o recorte do

trânsito para falar sobre a violência da cidade não é novidade, pois fala-se de um ponto de vista de fora, do helicóptero, as rodovias são assim proeminentes.

A análise de Fajardo corrobora com o seu pensamento já descrito na introdução. As comunidades do entorno das vias não foram pensadas e cresceram desordenadamente, “informalmente”, em suas palavras.

Fajardo fala de pé com a paisagem da cidade atrás: “A linha amarela, ela passa por 17 bairros e ela está ligando pontos extremos da cidade do Rio de Janeiro. [Mapa animado traça a extensão de 25 km da via]. Fajardo continua em off²⁵: “A linha vermelha passa por 14 bairros e 3 municípios, Rio, São João de Meriti e Duque de Caxias. Linha amarela se conecta a linha vermelha e juntas conectam 3 pontos extremos da cidade, centro, zona norte, aeroporto e você tem a região da área oeste da cidade e baixada e outras regiões do Estado do mapa corta para imagens de traficantes fortemente armados. A linha amarela e a linha vermelha elas também ligam territórios que são controlados pelo poder paralelo, consequentemente quem controlar essas vias expressas controlam a cidade.”

A matéria intercala imagens de celular com pessoas no chão se abrigando de tiros e as outras entrevistas. Então a entrevista do urbanista continua:

Fajardo falando de pé com a paisagem da cidade atrás. continua: “A linha amarela passou a ser uma via de organização desse grande território da cidade. Entretanto quando ela foi construída. Houve mais atenção com as vias do que com as bordas da via, e nessa indefinição urbanística essas áreas passaram a ter e até hoje elas tem um crescimento informal.”

Fajardo omite, ou desconhece o fato, de que muitas dessas “bordas da via” são anteriores a construção dessas vias ou até mesmo construídas por trabalhadores que fizeram suas vidas nas obras dessas estradas, como é o caso da Av. Brasil e o Complexo da Maré. Os relatos históricos nos dizem que o Complexo também foi construído por trabalhadores das obras da Av. Brasil. Sua área de mangue foi aterrada com os entulhos dessas obras. Esses trabalhadores enfileirados faziam o aterro passando de mão em mão baldes e baldes de entulhos durante a madrugada, quando era seu tempo livre.

²⁵. “Off” é a nomenclatura dada para quando a voz do entrevistado é sobreposta a outra imagem que não a dele mesmo, nesse caso, parte da voz de Fajardo foi sobreposta por uma animação gráfica das rodovias e as cidades que elas cortam.



Fig. 7: Print da animação que ilustra a entrevista de Fajardo ao programa Fantástico, exibido em 04 de Fevereiro de 2018. Acessado pelo site do G1 em 12 de março de 2018. Na perspectiva dessa matéria há enfoque na violência nas rodovias principais da cidade.

1.3 - Ligando os pontos

Nessa seleção de cinco mapas com origens e objetivos diferentes, podemos traçar algumas observâncias a partir das perspectivas do helicóptero, à cavaleira. Concordamos até aqui que esses mapas representam a região, desde a localização e extensão territorial ao dimensionamento do “controle” do narcotráfico. Quatro deles também coincidem na data de produção e divulgação.

O ano de 2014 foi emblemático para o bairro Maré e para a cidade do Rio de Janeiro. Ano de recepção da Copa do Mundo de futebol, de eleições estaduais e federais; ano também que um dos principais projetos de segurança pública realizado após décadas de abandono da pasta - as UPPs - demonstrava sinais de falência, muitas áreas que se objetivava a “pacificação” estavam em conflito armado. Observamos, portanto, a reorganização do narcotráfico e ampliação do poder das milícias formadas por justiceiros. Além disso, esse ano trouxe visibilidade para o Brasil no exterior, como também trouxe grandes investimentos do capital estrangeiro por conta dos megaeventos aqui realizados. Entre esses mapas, precisamente o mapa produzido por satélite e divulgado pela empresa norte americana Google, assim como as demais ferramentas que se utilizam de tecnologias de geolocalização (*maps, google earth, street view* entre outras) é um exemplo de produção do objeto unívoco, ou seja, de consolidação de uma pretensa verdade sobre a região. Com efeito, ao vermos tais

imagens, não nos restam dúvidas que a região fotografada corresponde ao bairro Maré, e que, portanto, visto de cima, ela teria aquelas características e fronteiras, é algo inquestionável. Para além da imagem fotográfica, nesses mapas há também a correspondência das coordenadas polares e geodésicas transformadas em coordenadas do plano do mapa pelo método de projeção cartográfica.

Durante a incursão a que se referem os infográficos de 2014, por exemplo, exército e mídia produziram consequências em conjunto. Enquanto a operação ocorria por terra e pelo ar, repórteres reificavam a representação do bairro Maré como o lugar da violência e da pobreza, “um território dominado por facções criminosas”, em suas palavras. Enquanto, o exército trocava tiros com os narcotraficantes, o jornalismo justificava o conflito para os demais moradores da cidade e do Brasil. Na foto abaixo vemos uma evidência dessa proximidade entre mídia e as forças armadas. Nela, um cinegrafista produz imagens de cima do carro do exército com coletes camuflados. A entrada dessa jornalista seria quase que impossível em qualquer outra ocasião quando a pauta é o narcotráfico ou quando o objetivo é o flagrante do comércio ilícito.²⁶ A saber, nesse período o direito de gravar imagens em vídeo ou fotografia foi cerceado pelo exército, para fazê-lo os interessados deveriam pedir autorização prévia.

²⁶ . Há jornalistas de grandes veículos que não precisam das forças armadas para entrarem nas favelas. O trabalho de jornalistas comunitários também dispensam esse tipo de aparato de segurança, pois são reconhecidos dentro das comunidades. São exatamente os jornalistas que recorrem ao uso de estereótipos negativos e objetivam flagrar as ações do tráfico que são alvos de traficantes e não são bem recebidos por alguns moradores.



Fig. 8: A mídia entra com as forças militares na Maré em 2014. Retirado de defesanet.com.br (último acesso em: 14/12/ 2017)

Soma-se às imagens anteriores o Guia Cultural de Favelas, que, em consonância com os mapeamentos dos empreendimentos e de ruas, está atrelado à perspectiva moderna dos direitos humanos e objetiva dar visibilidade aos movimentos artísticos e culturais em diversas favelas do Rio de Janeiro. Este Guia é produzido de forma colaborativa, portanto, diferente dos demais mapas, os agentes culturais locais podem escolher e decidir como sua organização será descrita nele, mas essa ação está fadada a algumas limitações que a própria plataforma impõe. A autonomia para a criação de uma representação própria feita por cada produtor cultural é limitada, mas ao menos há a proposta de colaboração coletiva na construção dele.

Temos até aqui representações possíveis (distintas) sobre o que entendemos como sendo a mesma região. Mesmo distintas entre si, faz algum sentido que as coloquemos dentro de um helicóptero com uma teleobjetiva, por que isso é possível? Para seguirmos adiante nessa análise das representações, a seguir, uma breve explicação sobre a própria noção de representação e de como ela se encaixa na lógica do pensamento científico e de funcionamento do Estado se faz necessária. Depois voltamos aos mapas para encerrar o capítulo.

1.3.1 - Da imagem moral do pensamento

Poderíamos dizer, em linhas gerais, que a noção de representação nos remete àquilo que Deleuze (e posteriormente Zourabichivili)²⁷ chamou de o *problema geral* da filosofia – ao menos, o problema que se desenvolve desde Platão. A saber, como garantir a necessidade daquilo que se pensa, isto é, como aferir valor ao objeto sobre o qual o pensamento se curva, um valor que transcende àqueles estabelecidos pelos próprios termos do pensamento? Para tanto, a razão clássica – ou aquilo que Deleuze chama de “imagem moral do pensamento” – postulou uma separação entre o objeto e a sua apreensão pelo pensamento, sua representação. Com efeito, o bom pensamento, que aspira à verdade, seria aquele que, ciente desta distância, se curvaria ao método – a um método – buscando superá-la, buscando diminuir a distância entre o verdadeiro e sua cognição. Este seria capaz de indicar um caminho capaz de produzir o objeto único (real), caso os cientistas o utilizassem da mesma forma. Ou seja, como numa receita de bolo, o resultado seria parecido quando os ingredientes forem manipulados de acordo com ela, nas mesmas condições de preparo.

Método que, nos termos do pensamento clássico, pressupõe o distanciamento do corpo, das paixões, dos interesses sensíveis que marcam a experiência mundana. Em outras palavras, o objetivo último do pensamento seria o de reduzir a distância entre o pensamento e a verdade (a realidade), só assim ele se afastaria da “opinião”, do “senso comum”. Pois “a filosofia não deve ser opinativa”, como dizia Platão. (*apud* Schöpke, 2012, p.30)

Ao longo do tempo, tais princípios se desdobram em uma distinção radical entre a Cultura – no geral, o campo das forças que afastam o pensamento da verdade – e a Natureza – o dado da existência, o mundo objetivo de existência inquestionável. Haveria assim culturas e culturas, haveria aquelas que, contraditoriamente, por estarem próximas da natureza, seriam incapazes de apreendê-la precisamente, pois seu pensamento seria assolado pelas paixões, pelos interesses sensíveis da experiência mundana. Com efeito, tais culturas não teriam construído um método de interpretação da Natureza – como supostamente o nosso método científico – capaz de isolar as paixões do objeto (Zourabichvili, 2006, p.37). Em outras palavras, nos termos da razão clássica, tratar-se-iam de pessoas incapazes de pensar verdadeiramente –, pois incapazes de extrair a verdade objetiva do mundo, de reconhecê-la, tratar-se-iam de pessoas por demais presas a suas próprias representações.

Entre o pensamento e a cultura se desenharia, assim, uma distância epistemológica: o primeiro tenderia à verdade, o segundo ao erro. Uma estrutura que podemos enxergar, por

²⁷. Ver *Diferença e Repetição* - DELEUZE, Gilles (2000) & *Uma filosofia do Acontecimento* - ZOURABICHVILI, François (2006).

exemplo, na sociologia de Durkheim. A forma como este autor apreende aquilo que chama de “Fato Social”, a forma como pretende isolá-lo, trabalhá-lo por via do método para que ele se torne um objeto, uma coisa a ser trabalhada pela ciência. Neste cenário, as representações sociais, a “cultura”, diriam pouco sobre a natureza última das coisas, mas muito sobre a forma como este ou aquele grupo de pessoas, esta ou aquela população produziria a sua própria coletividade.

“A partir da herança de Durkheim, as “representações coletivas” dizem respeito aos significados, às margens, ao quadro de sentidos construídos e partilhados por uma sociedade; são formas estáveis de compreensão coletiva que atuam de forma mais ou menos impositiva e têm o papel de integrar a sociedade como um todo. (FRANÇA, 2004:14)

A ideia de um “objeto real” que perpassa as representações, e a força destas na constituição do coletivo, persiste na Sociologia, sendo um dos fundamentos da obra de Bourdieu. Para este autor, uma sociedade qualquer – incluindo-se a nossa – produz sistemas simbólicos, como a língua, religião, mitos, a arte e até mesmo a ciência como uma forma de dar sentido à vida e ao cotidiano vivido em comunidade. Bourdieu afirma que os sistemas simbólicos de conhecimento são estruturantes, ou seja, eles não apenas estruturam a nossa forma de pensar, mas, por via de um poder simbólico, permitem que nosso pensamento se conecte ao de outros, produzindo assim uma coletividade.

“O poder simbólico é um poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem gnoseológica: o sentido imediato do mundo (e, em particular, do mundo social) supõe aquilo que Durkheim chama de conformismo lógico, quer dizer, uma concepção homogênea do tempo, do espaço, do número, da causa, que torna possível a concordância entre as inteligências” (BOURDIEU, 1989:9)

Mais do que isso, o poder simbólico, por sua vez, classifica e hierarquiza, segundo ideologias dominantes, representações coletivas amplamente difundidas. Com efeito, os agentes ou instituições, como diz Bourdieu, estão imbricados em relações de força, relações que dependem, elas próprias, do poder simbólico ou material acumulados. “São enquanto instrumentos estruturados e estruturantes de comunicação e conhecimento que os sistemas simbólicos cumprem a sua função política de instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação de uma classe social sobre a outra (violência simbólica) reforçando suas forças dentro de relações assimétricas de poder.” (idem).

Poderíamos dizer, então, que a leitura de Bourdieu des-dobra – volta sobre si mesma -, os fundamentos da própria perspectiva sociológica (e, em última instância, da perspectiva científica), aproximando-a, ela própria, a de um instrumento de representação e poder. Nos dizeres de Wacquant, tornam-se territórios nos quais são produzidas e disseminadas representações autoritárias do mundo social (Wacquant, 2013). Com efeito, a ciência, ela própria, deixa de ser imune as paixões que marcam as representações coletivas (ou a cultura), isto é, aquilo que se opõe a verdade. A própria “objetividade” se torna alvo do escrutínio do consenso. O trabalho de Emily Martin (1987) sobre como a medicina, por meio de algumas de suas proposições, ajudou, e ainda ajuda, a propagar a estrutura de dominação masculina, seria um exemplo deste tipo de evento.

Bourdieu concebia uma Ciência Social unificada como um ‘serviço público’ cuja missão é ‘desnaturalizar’ e ‘desfatalizar’ o mundo social e ‘requerer condutas’ por meio da descoberta das causas objetivas e das razões subjetivas que fazem as pessoas fazerem o que fazem. E dar-lhes, portanto, instrumentos para comandarem o inconsciente social que governa seus pensamentos e limita suas ações, como ele incansavelmente tentou fazer consigo próprio. (WACQUANT, 2002. p.100).

Bourdieu propõe a existência de uma ciência social reflexiva, capaz de, em certa medida, controlar seus próprios desvios, seu comércio com as paixões que marcam a experiência mundana. “Em sociologia como alhures, ‘uma pesquisa séria leva a reunir o que o vulgo separa ou a distinguir o que o vulgo confunde [...]’” (BOURDIEU, 1999. p.25). A sociologia, tal qual postulada por Bourdieu, reforça o seu caráter de uma atividade racional, uma prática de sentido que deve lutar continuamente contra as doutrinas que marcam a vida pessoal do analista. A ciência, para o autor, só progride por meio de um debate contínuo de suas próprias certezas. princípios de suas próprias construções. Assim, para se fazer ciência seria preciso “[...] evitar as aparências da cientificidade, contradizer mesmo as normas em vigor e desafiar os critérios correntes do rigor científico.” (BOURDIEU, 2002, p.42).

Não entrarei em detalhes sobre os termos da sociologia reflexiva proposta pelo autor, o que nos importa, ao menos por hora, é que o “problema mais geral do pensamento” persiste, pois ainda há uma verdade preexistente – e resistente – ao ato classificatório que permanece no horizonte do pensamento sociológico. A diferença em Bourdieu seria o fato de que precisamos estar duplamente atentos para alcançá-la, duplamente distanciados: não apenas das representações daqueles que estudamos – coloquemos assim –, mas também das próprias representações que fundamentam a nossa prática de sentido.

Ainda assim, a preocupação persistente incorre sobre a aproximação da realidade produzida pelo “rigor científico”, há de se ter dúvidas sobre as certezas, mas não sobre as

práticas de produção de conhecimento que objetivam as certezas. Há de se ter dúvidas sobre a verdade das representações, mas não sobre a lógica de pensamento que as fazem tão necessárias para a vida ocidental.

1.3.2 - Voltando aos mapas

Pois bem, em nosso sobrevoo entramos em contato com várias representações sobre a Maré e por isso compreendemos que ela pode ser vista sob diversas perspectivas. Agora, colocaremos todas essas representações sob uma espécie de guarda-chuva chamado por Deleuze de “imagem moral do pensamento”. Isso quer dizer que essas representações obedecem a uma lógica que conduz nossas práticas cotidianas na cidade, ou melhor dizendo, a imagem moral do pensamento conduz o comportamento ocidental. Segundo essa lógica, é relevante estabelecermos a verdadeira natureza das coisas, é necessário que haja uma realidade para além do que nossos olhos conseguem enxergar. Mas quais são os problemas que ela nos traz? Ora, se sabemos a verdadeira natureza das coisas, elas se tornam naturais, dessa forma, inquestionáveis. Nesse sentido, essa natureza inquestionável resulta em dogmas, os quais apenas repetimos sem reflexão, se tornam, portanto, parte do vocabulário e estruturam nossa forma de pensar, agir e sentir. Com relação às favelas, por exemplo, há calcificado uma série de dogmas reificados não só pelo senso comum, como também pelo conhecimento científico. A própria noção de favela, um termo generalizante, é um deles, soma-se a ele as ideias de “uma estética pouco comum, distantes de todos os padrões da racionalidade arquitetônica; a irregularidade do ponto de vista jurídico, a densidade elevada, a qualidade de vida inferior ao restante da cidade e uma identidade cultural própria (Valladares 2005:148).

Uma outra questão, central a este trabalho, seria em torno dos efeitos mortais dos discursos que colocam as favelas fora da cidade, como um problema, como resultado de um erro urbanístico, de um erro do capitalismo, de erros... Esses efeitos são produzidos por representações localizadas num lugar da hierarquia social. E contra essa morte, meus amigos que moram na Maré criam outras representações, através da produção midiática. Eles

“contra-atacam”²⁸ representações estereotipadas que justificam as incursões policiais violentas nas ruas em que habitam.

Trata-se de *efeitos de verdade* construídos a partir de olhares distintos, do alto do helicóptero, de perspectivas distintas sobre o Complexo da Maré. *Efeito de verdade* porque, como vimos, todas essas perspectivas tendem a verdade por diversas razões e através de diferentes práticas: o relato militar traz a verdade de que ali habitam terroristas, o jornalismo traz a verdade de que a Maré é uma localidade violenta por estar sob o domínio do tráfico de drogas, o urbanista traz a verdade de uma região informal e desordenada, o recenseamento de empreendimentos feito pelas Ongs traz a verdade de que ali 3.182 dos empreendimentos locais são responsáveis pela geração de 9.371 empregos, além disso, na contramão do que dizem as outras perspectivas, elas apontam para a enorme potência cultural das favelas como demonstrado no Guia cultural colaborativo.

Talvez mais do que apenas perspectivas que tendem a verdade, essas práticas distintas sejam capazes de desdobrar o objeto aqui em questão (o bairro Maré) em outros. Como poderíamos dizer que a Maré das Ongs e dos militares é a mesma, por exemplo? E até onde isso nos importa? A seguir, vamos descer do helicóptero e perceber os efeitos e interações produzidas a partir do olhar de quem está embaixo dele. Agora ao invés de perguntarmos, o que é a Maré, vamos identificar como um grupo de pessoas que lá habitam produzem vida e arte a partir de suas práticas de comunicação e mobilização locais. Ao contrário do pensamento que está no helicóptero, essas pessoas não estão preocupadas em traçar a realidade verdadeira da região ou se colocar enquanto representante. O foco na prática vai nos tirar do helicóptero porque veremos que essas pessoas se colocam seus próprios problemas para além do que dizem a mídia, o Estado e a ciência.

²⁸. Uso esse termo, mas o trabalho desses coletivos não se trata apenas de uma reação às violências que lhe são impostas. Adiante veremos que há uma tática de produção de vida que não só rebate às representações violentas como produzem outras benéficas para a população. Assim, esses coletivos constroem suas existências como protagonistas de suas ações e não como personagens reativos.

CAPÍTULO II:

CRIA NÃO É CRIADO, NEM VISITANTE TEMPORÁRIO.

“Eu vim aqui contar uma história. A história que eu vim contar hoje, é a minha história de vida. Meu nome é Josinaldo, tenho 27 anos, sou morador do Complexo da Maré. Midiativista, poeta, meio maluco. E trabalho com cinema. Essa semana está tendo as Olimpíadas aqui no Rio de Janeiro e muitos policiais vieram de fora, de outros estados. Uma viatura da força nacional errou o caminho e entrou lá no complexo da Maré, na Vila do João. O carro foi alvejado, os traficantes fortemente armados atiraram na viatura. No dia seguinte a esse acontecimento, que foi um caos completo, quando foi 5 horas da manhã, as pessoas estavam aflitas, esperando o que poderia acontecer. Os helicópteros começaram a sobrevoar a favela, e quando o helicóptero sobrevoa muito baixo, ele começa a tremer tudo, então a gente acordou logo muito cedo, né. Às 5h da manhã já estavam todos de pé, na maior tensão já. Aí quando eu olho assim, porque eu moro no 5º andar de um prédio e tenho uma visão bem panorâmica da favela e ao fundo tem o Cristo Redentor, o Pão de Açúcar e a Pedra da Gávea. Eu fiquei olhando aquele helicóptero dando rasante e toda aquela tensão nos olhos das pessoas. Então, ‘vamos tomar café’! Fiz o que sempre faço, fui comprar pão. Peguei minhas chaves e fui pra rua. Quando fui descendo as escadas, encontrei meu vizinho, ele estava com uma cara de medo muito grande e eu estava com muito medo de ir na padaria, mas eu fui porque a padaria fica a 200 metros da minha casa. Aí quando eu saí, eu já bati de frente com uma tropa do BOPE, com roupas camufladas, sem identificação, mascarados. Na primeira esquina que eu vi eles, meu coração já começou a bater muito forte, e essa é uma sensação que eu tenho há muito tempo (risada nervosa), desde criança né? Que eu tenho essa relação com a polícia de muito medo. Mas eu passei por eles e cheguei até a padaria. Dna Maria me atendeu e me deu 10 pães. A TV estava ligada, a seleção brasileira estava ganhando de 4 a 0, tava aquela felicidade na televisão: Galvão Bueno, Olimpíadas, Gabigol e o helicóptero dando rasante. Passou um tanque de guerra em frente a padaria, que a gente chama de ‘piranhão’, que é um veículo blindado do exército, e atrás passou a tropa do exército também. Aí eu voltei pra rua, pra ir pra casa. Nessa que eu voltei pra rua eu cruzei com a mesma tropa do BOPE. Eles estavam tentando abrir uma porta de uma senhora lá. Eu passei direto, e aí quando eu dobrei a esquina, eu encontrei com outra tropa, eles estavam jogando uma barraca de um rapaz que conserta relógio e os outros estavam quebrando um carro dizendo que era dos bandidos, mas não era. E aí eu consegui finalmente voltar pra casa. Quando eu voltei pra casa, a TV estava ligada e enquanto eu estava preparando a mesa de café da manhã, no canal que estava passando as Olimpíadas entrou um link ao vivo mostrando a favela, o cerco à favela, então eram muitas viaturas da polícia: federal, civil, militar, exército... E aí eu pensei, a gente tá na mídia, mas sempre como um lugar a ser evitado. A favela acaba entrando na mídia e aparecendo pro mundo, nas Olimpíadas e tal como um lugar a ser evitado, um lugar perigoso, de extrema violência... Aí eu fiquei pensando nisso e voltei pra janela, pra tentar digerir isso um pouco, porque a gente convive tanto com essa realidade que ela se torna até invisível pra gente mesmo, pro nosso sentimento, sabe? Então, eu queria sentir aquilo. O quê era aquele helicóptero voando ali, por mais que eu ache normal aquilo, porque aquilo ali pra mim é normal, não é a primeira vez que

acontece e nem vai ser a última, mas eu queria arranjar uma forma de enfrentar ele... Eu fiquei olhando aqueles carros blindados todos ali na rua e fiquei pensando quanto custa uma operação dessas? Que é uma operação totalmente voltada pra dar uma resposta pra sociedade, mas que não leva em consideração quem está lá, né? Nessa mesma manhã, o BOPE atingiu um jovem chamado Igor porque achou que ele era bandido. Ele morreu. Só que se você pegar a versão oficial, do ministro da justiça, por exemplo, o luto foi por conta do soldado, que morreu, do Acre²⁹ [sic] e que não tinha nada a ver com a história... Mas o nosso luto é todo dia porque isso acontece diariamente na favela. Eu não culpo os policiais, eu culpo o Estado porque é ele quem coloca esses policiais lá. Então, é muito louco falar disso porque... porque a nossa luta... a gente faz filme, faz cineclube, a gente lê livro, mas a gente ainda está numa fase de garantir a vida, sabe? A gente ainda não tem direito a vida. Então, essa história que eu estou contando é uma história que me marca e que é o meu dia a dia, sabe? É o meu dia a dia e o de muitas pessoas, mas que é invisível. A comoção pública é teleguiada, ela não se choca com isso, ela não se choca com o mar de sangue na Bandeira II por exemplo. Tem uma foto que está circulando nas redes sociais que é terrível, eu fiquei sem dormir quando vi aquela foto e foi no mesmo dia, uma operação em outra favela chamada Bandeira II, aqui bem próximo da onde a gente está. Então são outras histórias do Rio de Janeiro, mas o enquadramento é sempre dos arcos da Lapa pra lá, pra cá também é Rio de Janeiro, e a gente também tem história, a gente quer contar nossas histórias também, e essa é uma história que faz parte da minha vida.”

Nos capítulos anteriores vimos algumas representações construídas a partir das perspectivas do helicóptero. Vimos como elas têm problemas específicos, vimos como elas se destinam, sobretudo, àqueles que vivem além dos limites do bairro da Maré, seja sob a forma de telespectadores, seja sob a forma de financiadores de projetos. Vimos que muitas destas se atrelam a ideia de uma intervenção necessária. Contudo, como propus anteriormente, é o momento de descermos do helicóptero, de acompanharmos alguns moradores do bairro, especialmente aqueles que pertencem a um coletivo chamado Maré Vive.

A fala acima foi realizada para um documentário idealizado por mim no início do mestrado, chama-se *Narradores da Cidade*. Além de Josinaldo Medeiros, que mora na Maré, entrevistamos 15 moradores no Complexo de Manguinhos e outros 10 na Rocinha. A ideia central do projeto era identificar como os moradores dessas favelas se relacionam com a cidade. Josinaldo fora entrevistado como todos os outros, em um estúdio improvisado na Biblioteca Parque de Manguinhos, um tecido preto no fundo, uma cadeira e dois spots de luz. Ao início de cada entrevista perguntava aos meus interlocutores qual a história que cada um gostaria de contar livremente, sem explicar o que eu tinha em mente ou sobre a ideia do documentário. Alguns divulgaram seus trabalhos artísticos, outros fizeram denúncias sobre

²⁹. O soldado era de Roraima e não do Acre como Josinaldo afirma.

preconceito e as representações na mídia, teve também quem fizesse declarações de amor à sua comunidade e reflexões políticas profundas. Josinaldo escolheu essa história. A história da sua vida, como disse.

Josinaldo Medeiros foi meu principal interlocutor durante o período em que estive na Maré no ano de 2017 para a realização dessa pesquisa. Mais que essa interlocução, temos uma relação de amizade e confiança, nos conhecemos há dezesseis anos, começamos juntos a fazer cinema em nossas favelas. Fui incentivada por ele a revelar sua identidade nesse trabalho, apesar da preocupação em fazê-lo por questões de segurança. “Josi” como é conhecido pelos seus amigos, é nascido e criado na Vila do Pinheiro, sua família veio do Nordeste para a Maré. O ponto de partida da história de muitos que ali residem.

Contudo, voltemos à sua fala. Josinaldo fala sobre um momento ímpar da história da cidade, visibilidade internacional, muito capital circulando por conta das Olimpíadas no Rio (2016). Sua entrevista foi realizada no dia 13 de agosto daquele ano. O esquema de segurança para o evento foi um dos maiores já vistos no Brasil: 22 mil homens (militares e Força Nacional) na cidade com poder de polícia de um total de 85 mil que estarão espalhados em outros estados da federação. A autorização para que militares atuassem como agentes de segurança foi prevista pela Constituição Federal por meio da Garantia da Lei da Ordem (GLO). Houve também uma ação de inteligência conjunta entre 100 países para o combate de possíveis manifestações terroristas. O objetivo das tropas nas ruas era promover a tranquilidade do deslocamento de torcedores e atletas na cidade, segundo o discurso oficial da segurança pública.

Muitos desses homens da força nacional não eram cariocas e não conheciam a favela da Maré. Foi o caso do soldado Hélio Andrade que entrou na Vila do João e foi alvejado por traficantes com um tiro de fuzil na testa e faleceu. Nem o maior esquema de segurança pública pôde evitar a morte desse militar. A resposta das autoridades a esse acontecimento foi a realização de uma nova incursão policial nas comunidades do complexo. Um dia que transtornou os moradores. A cobertura jornalística, afirma Josinaldo, interrompeu o jogo do Brasil. Não havia qualquer preocupação com a situação emocional dos moradores – não era a eles que se dirigia o link –, com o seu bem-estar, qualquer traço da experiência de Josinaldo e seus vizinhos era apagado pela perspectiva do helicóptero, do Globocop,³⁰ transformado em um informe quase técnico:

³⁰. Nome dado ao helicóptero da emissora rede Globo de televisão, o nome é uma mistura dos nomes globo e helicóptero, também é uma referência ao personagem Robocop. No filme hollywoodiano, o Robocop é um policial que perde parte do seu corpo por causa de um conflito armado, mas alguns cientistas conseguem sua

O ataque

Na tarde de quarta (10), um carro da Força Nacional entrou por engano na Vila do João, uma comunidade dominada por traficantes, e foi atacado por criminosos. Dois militares ficaram feridos e um saiu ileso. O soldado Hélio Andrade foi atingido por um tiro de fuzil na testa e foi levado para o Hospital Municipal Salgado Filho, onde foi operado por três neurocirurgiões. A cirurgia durou quatro horas e meia. Segundo a Secretaria Municipal de Saúde, o estado de saúde do militar permanecia muito grave na manhã desta quinta. Ele está internado no centro de tratamento intensivo do hospital.

Acessos a Maré fechados

Menos de 24 horas depois do ataque a tiros contra três agentes da Força Nacional na Vila do João, no Complexo da Maré, na *Zona Oeste do Rio [sic]*, o policiamento foi reforçado na região na manhã desta quinta-feira (11). Os acessos à Vila do João e à Vila dos Pinheiros foram bloqueados por carros da Força Nacional, como mostrou o Bom Dia Rio por volta das 6h30. Imagens do Globocop mostraram agentes fortemente armados fazendo um cerco em um dos acessos. Atiradores de elite do Exército também estavam posicionados na Favela do Timbau, na mesma região. Forças Especiais da Polícia Militar, Polícia Federal, Polícia Rodoviária Federal e Exército estão no local. Há varreduras na comunidade feitas pela Polícia Federal e pelo Batalhão de Operações Especiais, segundo informações do Ministério da Justiça. (G1. acessado em 19/03/2018)³¹

Comparando as duas narrativas, percebemos que o informe jornalístico nos traz uma ideia de distância da Maré de seus moradores. Não há qualquer traço da voz local, qualquer referência a esta. Por vezes temos a sensação de estarmos lendo informes de uma guerra ocorrida em um tempo distante, e não algo que se desenvolvia há poucos quilômetros de nossa residência. A fala de Josinaldo, pelo contrário, remete-se a vida do sujeito e a experiência do luto. Com efeito, o jornalismo fala – e, portanto, interessa – àqueles que vivem para além dos limites do bairro, Josinaldo fala para os seus. Vejamos. O mesmo dia - 11 de agosto de 2016 -, mesmo acontecimento sob duas perspectivas distintas: efeitos diferentes. Em seu relato Josinaldo também conta que, nesse dia, três jovens foram baleados: Isaac Pereira da Silva (19 anos), Jhony da Silva de Sá e Igor Barbosa Gregório (19 anos), este último faleceu. Novamente, nesse caso, a voz de representantes do Estado obteve maior espaço nas mídias tradicionais e a morte do jovem não teve muita repercussão; a depender do veículo de comunicação diríamos que nenhuma. Como Josinaldo aponta, o luto oficial da presidência da república foi tão somente em respeito a morte do soldado Hélio Andrade .

restauração através de implantes robóticos, assim ele ganha poderes físicos que nenhum outro humano alcança e se torna o bastião da moral de Detroit, uma cidade devastada pela corrupção e ilegalidades de todos os tipos.

³¹. Na matéria há um erro de localização da Maré, ela fica na Zona Norte da cidade e não Zona Oeste como está escrito. A matéria completa encontra-se em: globo.com/rio-de-janeiro/olimpiadas/rio2016/noticia/2016/08/jungmann-operacao-na-mare-ocorre-dentro-da-lei-e-nao-e-retaliacao.html



Fig. 9 & 10: Postagens na página Maré Vive

Josinaldo também cita, em sua entrevista, mais uma operação violenta que teve grande repercussão nas redes sociais e no aplicativo WhatsApp e que ainda assim fora quase que completamente ignorada pelas mídias tradicionais. Uma operação ocorrida na favela Bandeira 2 em Del Castilho, bairro próximo a Mangueiros, onde estávamos, próximo também à Maré. Nesse dia houve mais de cinco pessoas baleadas, duas falecidas. Contudo, a notícia que se espalhava nas redes sociais dava conta de um verdadeiro massacre: as pessoas divulgaram amplamente fotos de enormes poças de sangue pelas ruas da favela Bandeira 2. A sensação era a de que cobertura das Olimpíadas – o evento que realmente interessava ao país e a cidade – encobria a matança. Na época, notícias como essas eram exibidas rapidamente, entre um evento e outro. E isso quando eram exibidas. Tudo se passa como se houvesse duas cidades, aquela do noticiário, repleta de turistas dispostos a celebrar o espírito olímpico, e aquela das operações noturnas das forças militares.

Como diria Kotanyi e Vaneigem (2007:12), “de fato não se mora em um bairro da cidade, mas no poder. Se mora em algum lugar da hierarquia”. Josinaldo, como sua fala nos mostra, não mora em qualquer lugar, ele mora “abaixo do helicóptero”, portanto, um lugar

marcado por intervenções políticas e policiais. Com efeito, desde o surgimento da primeira favela do Rio de Janeiro, o maior dogma que se perpetua com relação às favelas, talvez, seja o consenso de que nesses lugares é necessário intervir, ou seja, é necessário controlar e interferir em sua autonomia (cf. Valadares 2005). Em meio a sua fala emerge a questão, “como se proteger dessas intervenções?” Como se proteger do helicóptero que voa baixo e, sobretudo, daquilo que ele traz consigo, o “tiro”; seja o tiro de fuzil, seja o tiro da teleobjetiva.³² Justamente, esse é o problema do Maré Vive criado e mantido por Josinaldo e outros ativistas locais, aquilo que ele, por meio de suas ações, procura responder.

2.1 - A criação da Página Maré Vive

No dia 28 de março de 2014, a então presidenta da República Dilma Rousseff assinou o decreto autorizando o envio de tropas militares para diversas Favelas do Rio de Janeiro. Em 31 de março do mesmo mês, e coincidentemente data do 50º aniversário do golpe militar, os primeiros dos 2700³³ soldados e marinheiros chegavam à Maré, convocados para a manutenção da lei e da ordem (GLO)³⁴. Considerando que na comunidade há cerca de 140 mil moradores, esse número representa a assustadora média de 1 soldado para cada 55 residentes da área. Após oito meses de ocupação militar, em 2015, as tropas foram substituídas pela Polícia Militar em virtude da promessa de implementação de uma Unidade de Polícia Pacificadora (UPP) na localidade. Alegando falta de verba, o secretário de segurança da época, Mariano Beltrame, decidiu que o projeto não iria adiante após seis meses de ocupação pela Polícia Militar.

Tendo em vista que ocupações desse tipo resultaram na subtração de muitas vidas em outras comunidades, jovens ativistas locais se mobilizaram para informar fornecer relatos que pudessem ajudar aos moradores a se proteger dos tiroteios, para que evitassem áreas de operação. A publicização desses eventos era, então, uma estratégia para que direitos não fossem usurpados dos moradores pelas ações das FFAA. O grupo decidiu cobrir jornalisticamente a entrada do exército na favela, com transmissão ao vivo de fotos e vídeos em uma página do Facebook criada especificamente para esse fim. Segundo Josinaldo

³² . Em Inglês, “shoot” (lit. atirar) é utilizado para designar o ato de tomar fotografias.

³³ . Este número corresponde somente ao efetivo militar enviado para o Complexo de Favelas da Maré.

³⁴ . Garantia da lei e da ordem

Medeiros e Rosinaldo Lourenço (fotógrafo e ativista), é nela que os moradores buscam informações, uma vez que não se sentem representados na Mídia Tradicional.

No entanto, determinações do Exército brasileiro interferiram diretamente nas produções de conteúdo. O Comandante da ocupação estabeleceu que não fossem feitos registros em vídeo nas ruas das comunidades, principalmente dos soldados durante exercício de seu trabalho. Medida que não apenas dificultou a produção de meus amigos, como modificou o uso do espaço comunal pelos moradores. Organizadores de eventos tradicionais foram afetados, suas atividades foram condicionadas à obtenção de documentos como autorizações dos bombeiros, Nada Opor, entre outros. Documentos nunca antes exigidos para atividades que o grupo realiza no local. O uso da rua, antes da ocupação pelas FFAA se dava em outra instância, como relata Souza (2017:2012):

A rotina de vigilância atingiu de maneira incisiva a dinâmica das ruas, que como já vimos, são ocupadas pelos moradores como espaços coletivos e privados de vivências em comum. Antes do acirramento do processo de militarização, estar na rua representava o momento de descanso e descontração, das trocas de informações e atualizações dos temas referentes ao cotidiano. O momento de lazer para as crianças e da festa para os adultos. Estar na rua significava estar vivo. Nesse sentido, a interferência do Exército no dia-a-dia da favela foi recebida com estranhamento e interpretada como invasora, uma vez que se impôs a partir de uma série de regras, enquadramentos e ordenamentos. E isso resultou em diversos conflitos diretos, como narrado em meu diário de campo em julho de 2014 (SOUZA, 2017).

É importante ressaltar que esse tipo de ocupação da Maré pelas FFAA não constitui um evento isolado, pelo contrário. As ocupações mais recentes foram em 2013, com a criação da Força Nacional de Segurança motivada pela Copa das Confederações, esta resultou na “chacina da Maré”, que deixou 13 mortos; em 2014 o exército também ocupou para o recebimento da Copa do Mundo de Futebol, na qual ativistas e pesquisadores estimam o gasto de 1,7 milhão por dia. Nesse período, alguns soldados deram aulas em escolas públicas da região, distribuíram a revista em quadrinhos chamada “O Recrutinha” (fig.9), revistaram fraldas de crianças de colo e invadiram casas com mandato coletivo. E por fim, em 2016 a Força Nacional de Segurança novamente; nesse período destaca-se o aumento do número de desaparecidos na região.



Fig.13: HQ “O Recrutinha” distribuído pelo exército durante a ocupação militar em 2014. Ao lado direito há um blindado montável direcionado ao público infantil.

Apesar da produção audiovisual da página *Maré Vive* ter sido debilitada pelas novas regras impostas pelo exército na ocupação de 2014, a página seguiu em frente com relatos dos conflitos diários por mensagens de texto e publicações na página. No dia 30 de março daquele ano a cobertura sobre as ações do exército foi intensa, foram 63 publicações com relatos, fotos e vídeos de moradores de diversos pontos da Maré. Os fundadores até fizeram uma transmissão ao vivo pela internet, mas durou poucos minutos por causa do receio de serem pegos pela polícia. Assim construída, uma semana depois, a página já contava com 5 mil seguidores. Um de seus fundadores, o fotógrafo Naldinho Lourenço reflete:

“No princípio, a página *Maré Vive* não foi pensada como algo permanente, foi pensada como uma coisa pontual. Mas quando criamos a página tivemos uma enxurrada de curtidas. A cobertura de mídia era uma demanda da favela, por isso continuamos. Nós não tínhamos metodologia, foi uma coisa muito natural mesmo”.

Naldinho aponta para uma demanda por informação causada pelo espaço que a imprensa deixa por não se fazer presente em territórios como a Maré, principalmente depois da morte do jornalista Tim Lopes³⁵.



Fig.11: Uma das primeiras publicações da página anunciando a cobertura da ocupação militar em 2014.

Na imagem acima, vemos a tentativa de fazer uma cobertura jornalística em tempo real da ocupação das forças militares em solo mareense, mas a atividade foi frustrada por questões de segurança. Afinal, não se sabia com quem e o quê exatamente estavam lidando, nesse momento ainda havia algumas dúvidas com relação a ocupação militar.

2.2 Sobre a página

³⁵. O jornalista contratado pela rede globo de televisão chamado Arcanjo Lopes do Nascimento, conhecido como Tim Lopes, foi assassinado durante a realização de uma matéria investigativa sobre exploração sexual na localidade da Grota, no Complexo do Alemão, em 2002. Desde então, as empresas do ramo passaram a adotar medidas de proteção para jornalistas que fazem reportagens nas chamadas “áreas de risco” e favelas. Uma das medidas é evitar entrar em favelas sem apoio policial, além do uso de equipamentos de segurança como capacete e coletes a prova de balas.

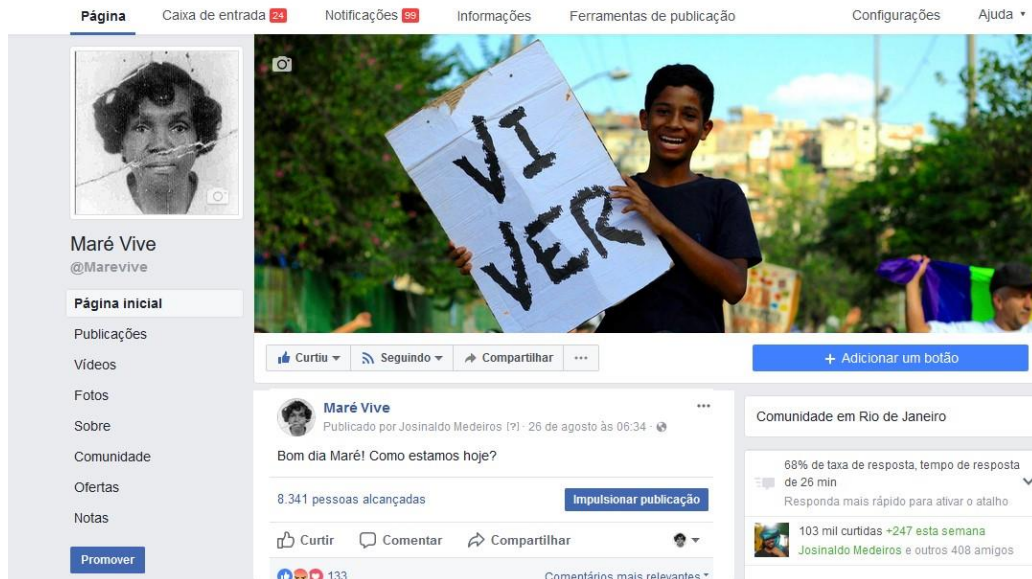


Fig. 12: Página inicial da *Maré Vive* no Facebook em 29/08/2017

Maré Vive é um canal de mídia comunitária feito de forma colaborativa. Nossas notícias são desenvolvidas através da colaboração dos moradores, o canal é feito por todos nós aqui da Maré. Nossa fonte de informação são os próprios moradores, checamos os informes que chegam sempre com mais de uma fonte para desenvolver melhor a notícia através de outros pontos de vista e cruzamento de informações. Mantemos as notícias constantemente sendo atualizadas, enquanto chegam informes e relatos, assim diminuimos os riscos de cometer erros ou publicar algum dado equivocado. Sua contribuição é fundamental para que possamos levar as notícias de forma rápida e confiável. Nossa política é de manter o anonimato das pessoas que colaboram com a página, não divulgamos o nome ou qualquer outro dado que possa identificar quem colaborou, a não ser que seja da vontade da própria pessoa de se identificar. Somos um espaço plural e democrático, sempre aberto ao diálogo e com a disposição de crescer e evoluir sempre. Achar que fazemos um trabalho leviano e irresponsável, é um erro. Estamos desenvolvendo uma atividade jornalística da mesma forma que qualquer outro jornal, revista ou TV faria, mas com a nossa visão, sob o ponto de vista da comunidade do Complexo da Maré. *É raro surgir um veículo de mídia disposto a mostrar o lado da favela e seus moradores, normalmente somos marginalizados e mostrados de forma negativa, mas aqui não! Não temos nenhum posicionamento anti-exército, anti-polícia ou qualquer outro na hora de noticiar um fato. Nosso posicionamento é sempre em favor dos moradores, esse sim é nosso lado e não temos problema nenhum em assumir isso. Tamo junto, Favela!#marévive.* (Descrição da página no Facebook em agosto de 2017)

Na descrição acima, a página se coloca como um instrumento democrático que pode ser utilizado pelos moradores da comunidade. No entanto, sem a pretensão da neutralidade. A página deixa claro suas posições políticas, opiniões e lados. Portanto, ela narra a experiência dos moradores, não somente por serem eles mesmos os editores e escritores dos conteúdos veiculados nela, não se trata apenas de seus lugares de fala. Se trata é de uma escolha política

bem orquestrada que se fortalece por décadas de lutas, com a intenção de nutrir a autoproteção comunitária, o objetivo é claro: evitar a morte (em todos os sentidos) de vizinhos, amigos e familiares. Não só o objetivo nos é importante, como também a forma como a mensagem é passada. A participação da experiência de narrar a vida é uma característica fundamental do coletivo de ativistas. Essa escolha política e estética, portanto, se aproxima mais da participação e produção de vida autônoma diferentemente dos moldes representativos adotados por outros meios de comunicação. Ou seja, aqui os moradores falam por si só, não são representados por outrem. Como está descrito no final da descrição: “Nosso posicionamento é sempre em favor dos moradores, esse sim é nosso lado e não temos problema nenhum em assumir isso.”

É interessante notar que “a voz do morador” é o elemento de maior importância para o grupo, pois há um sentimento e movimentos políticos que apontam na valorização dessa voz. Existe a percepção, como vimos, de que o tráfico de drogas e as ações do Estado são vozes que reverberam fortemente em representações sobre as favelas. A figura do morador como alguém que tem poder e autonomia é, portanto, peça fundamental para a resistência diante desses dois personagens, digamos assim. O morador, por isso, é o principal interlocutor da página. E como a página é alimentada com informações dos próprios, então, não existe uma comunicação representativa aos moldes do jornalismo tradicional. Uma vez que os moradores respondem à chamada da página, suas respostas ficam visíveis para todos os outros, sem edição. A comunicação a partir dos comentários é direta, de morador para morador. A página somente faz a atualização e alguns resumos dos acontecimentos. Falo melhor a respeito, adiante em “autoproteção comunitária”.

Na foto de perfil da página, de sua criação até o dia 14 de março de 2018, víamos a imagem da Sra. Orosina, uma das primeiras moradoras da Maré. Ela também dá nome ao relevante acervo de memória do bairro no Museu da Maré:

Orosina Vieira, importante personagem local, que dá nome ao Arquivo, aparece aí como “mãe fundadora” da comunidade, instituindo o marco da ocupação da Maré pela população atual. É até hoje lembrada, como pude comprovar em conversas e entrevistas, como uma mulher forte e determinada, uma rezadeira que gozava do respeito da comunidade por suas qualidades e serviços prestados. Contam que ela possuía uma “garrucha e um facão” com os quais impunha respeito e mantinha certa ordem na região, estes objetos estão sendo almejados pelos integrantes como possível acervo de um futuro ou reserva técnica. Seu papel como mito fundador da região parece simbolizar o merecimento à terra que convida à construção das moradias e a força dos indivíduos que resistiram às dificuldades para permanecerem no local.” (Oliveira, 2003:36 *apud* Araujo, 2013:109)

No cabeçalho há a foto de um menino segurando um cartaz escrito “Viver” durante a marcha contra a violência realizada no dia 24 de maio de 2017. Essa marcha foi organizada

por diversas entidades do Rio de Janeiro e apoiada massivamente pelos moradores da Maré. Foi considerada histórica por conseguir trazer famosos e tirar traficantes armados das ruas durante a passeata. Ela foi também resultado do fórum permanente “Basta de violência! Outra Maré é possível”. Além de ter tido a participação ampla de diversas associações, a *ONG Redes de desenvolvimento da Maré* investiu bastante na marcha, sendo sua principal articuladora, especialmente no que diz respeito à promoção da marcha para pessoas que não moram na Maré, artistas e instituições de ensino das comunidades. Estas últimas liberaram seus alunos no horário da marcha e realizaram atividades pedagógicas a respeito da temática das intervenções militares no território.

No dia 14 de março de 2018, a vereadora Marielle Franco e seu motorista Anderson Gomes foram assassinados a tiros dentro do veículo onde se encontravam depois de sair de um evento no bairro da Lapa, região central da cidade. Marielle era nascida e criada na Maré, foi a quinta vereadora mais votada da cidade do Rio de Janeiro e tinha laços estreitos com o grupo de amigos ativistas com os quais convivi no trabalho de campo. Esse acontecimento mexeu não só com a Maré e o Rio de Janeiro, como teve forte repercussão em instituições internacionais. Concluiu-se que esses assassinatos foram um atentado à democracia, pois Marielle defendia as pautas das minorias e travava uma batalha contra as milícias. Foi então a partir dessa data que a página Maré Vive mudou sua foto de perfil que antes era da lendária

Dna Orosina para a foto de Marielle Franco. Sem dúvidas, esse foi um novo marco para o coletivo. Marielle Franco se tornou, a partir desse dia, uma figura que representa muitas questões pautadas pela página.



Fig. 13: Nota de falecimento de Marielle Franco

2.3 A autoproteção comunitária

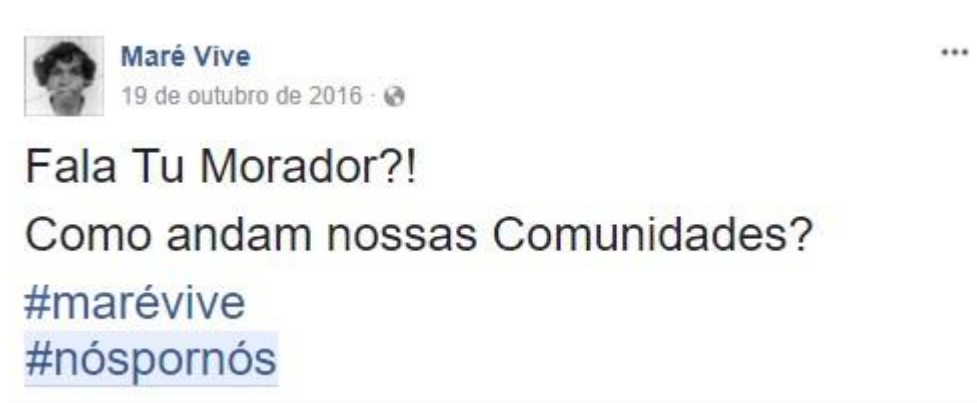


Fig. 14: Publicação do dia 19 de outubro de 2016

“Como andam nossas comunidades?” é a pergunta chave que promove a interação na página com os moradores. Na descrição da página diz que a *Maré Vive* é “um canal de mídia comunitária feito de forma colaborativa, por moradores de diversas partes do Complexo da Maré.” A página é assim descrita porque além do grupo postar suas mensagens, há uma rede de informações gerada pelos seguidores que moram no local através do espaço reservado para comentários. Essa rede é mantida com chamadas que estimulam os seguidores à participação, como mostra a figura acima. A partir dessa chamada, que é um padrão na página, diversos seguidores respondem com informações sobre suas ruas e casas. Como podemos ver na Figura abaixo:



Fig. 15: Parte das respostas dadas à publicação do dia 18/08/2017. Essa publicação teve um alcance de mais de 28 mil pessoas e diz respeito a relatos de tiros em três pontos da comunidade.

Esse tipo de publicação é o que, segundo membros do coletivo, chama a atenção dos moradores-colaboradores. Eles buscam romper a própria estrutura da representação do helicóptero por meio da participação ativa dos moradores. É tão somente pela participação dos moradores que se pode resistir ao tiro. Assim como é responsável por tornar a página do coletivo em um canal de comunicação forte dentro da comunidade. Um dia testemunhei a popularidade da página quando estava caminhando na Vila do Pinheiro e uma senhora me parou e disse: “Menina, você sabe se está tranquilo por aqui? Eu tô sem internet no celular e não consegui acessar a página do *Maré Vive*”. É o que também nos mostra o relato da pesquisadora e moradora da Maré, Renata Souza, em sua tese de Doutorado apresentada em 2017:

Aguçamos a nossa percepção auditiva desenvolvida em meio a uma rotina de tiroteios, com a observação dos estampidos mais ou menos graves, sabemos que mais um dia de operação está chegando ao fim, geralmente, por volta das 16h. Mas, sempre torno a acessar a *Maré Vive*, é de lá que vem o anúncio confirmando o fim da operação. Fim de mais um dia de favela, esse dia foi 23 de fevereiro de 2017. Mais um dia perdido para os mareenses. Mais um dia em que meu corpo esmoreceu com a rigidez dos meus músculos, que teimam em não relaxar. Mais um dia que atualizei o meu grau de impotência e resistência. Mais um dia que minha família sobreviveu. Mais um dia que uma vida foi violentamente ceifada. Só mais um dia ... (Souza 2017: 153)

A comunicação com os moradores também se faz por mensagens privadas. Quase todos os dias a página recebe relatos, pedidos de divulgação diversas, agradecimentos e reclamações. Como se percebe nas transcrições abaixo:

Diálogo privado 1

Morador 1: Boa noite pessoal!!!! Acabei de sair da Rua da Navegantes e ouvi alguns tiros vindo do morro. Na entrada do fogo, está meio agitado. No Pinheiro, também está meio estranho. Alguma informação de tiroteios, operação ou coisa do tipo?

Maré Vive: Tiro no BS [Baixa do Sapateiro] e NH [Nova Holanda]

Morador 1: Acabei de ouvir tiros no Pinheiro

Maré Vive: Q lugar?

Morador 1: Na b1.

Maré Vive: Continua?

Morador 1: Agora são muitos fogos.

Maré Vive: Foram na Divisa

Morador 1: É invasão ou algo do tipo?

Maré Vive: é o clássico BS e NH, por enquanto tudo “normal” [aspas da mensagem]³⁶

(troca de mensagens com um morador)

Diálogo privado 2

Morador 2: Boa Tarde, sabe um lugar pra revelar fotos pelo pinheiro, morro ou baixa.??

Maré Vive: Mano, na LAN House do Papel na Rua Oliveira se não me engano eles fazem. Da uma olhada lá. Tinha um lugar no Pinheiro, perto da Solange, que fazia esse serviço. Na Vila tem um lugar também, na principal.

Morador 2: Tem o endereço dos estúdios de tatuagem da Maré?

Maré Vive: Camarada, tem alguns estúdios de tatuagem aqui na Maré. Mas é melhor vc pesquisar fundo para não se arrepender, sabe como é, né? Vê com o guia Maré, eles vão saber te indicar, com certeza!

Morador 2: Tem o calendário de feiras da Maré?

Maré Vive: Boa pergunta, camarada. Se souber manda pra nós. Não sabemos. Se souber conta pra gente também, blza?

Morador faz um sinal de “ok” com emoticom.

Essa relação próxima com moradores exige postura ética, conhecimento das regras sociais da comunidade, uma linguagem específica e, sobretudo, a permanência no local para possibilitar a averiguação das informações que chegam em tempo real (fig dir). Caso essa conduta não seja atingida pelos editores da página, pode fragilizar essa relação de confiança. No diálogo 1 vemos a descrição de trocas de tiros entre facções rivais de duas comunidades vizinhas, a expressão “o clássico BS e NH (Baixa do Sapateiro e Nova Holanda)” se refere ao conflito histórico entre as facções do Terceiro Comando e o Comando vermelho que frequentemente se enfrentam por razões diversas, desde vingança por mortes de seus integrantes e roubo de armas a apenas demonstrações de poder e manutenção do controle sobre o território. É importante ressaltar que sobre esses conflitos existem raros registros oficiais ou pesquisas, por questões de segurança.

Portanto, a partir das mensagens dos moradores é possível nutrir a página de informações sobre diferentes pontos da Maré. As informações são cruzadas com outros meios de comunicação e instituições locais, somente depois da checagem é que os editores publicam. Mas também há comunicação entre os próprios moradores sem a mediação dos editores (figura 15). Há uma percepção por parte dos editores que esse tipo de envolvimento

³⁶. O “clássico” BS e NH diz respeito a disputa entre as facções rivais dessas duas comunidades vizinhas que perdura por anos.

não é comum em outras páginas de caráter semelhante, apesar delas terem mais seguidores, como são os casos da Página do *Coletivo Papo Reto* e do jornal *Voz das comunidades*, ambas do Complexo do Alemão.



Fig.16: Postagem com informações checadas pelos editores. Comentário com atualização da morte do menino Jeremias em 06 de fevereiro de 2018. (acessado em 28 de março de 2018)

A noção de autoproteção comunitária não é um termo utilizado apenas pelo Maré Vive, mas talvez na forma com a qual eles entendam o que ela seja haja alguma diferença com relação às demais. Inspirada por ideais anarquistas, os ideais de autonomia e liberdade diante de um Estado armado (e que aponta essas armas para as favelas todos os dias) sustentam as ações da página como um guia para elas. O livro “Taz” de Hakim Bey foi um grande influenciador dos primeiros integrantes do coletivo. Um dia na casa de Josi, ele me mostrou esse livro dizendo que era uma leitura obrigatória e que ele se identificava muito com as ideias que estavam ali. Josinaldo e depois Thiago (que não integra mais o MV) me disseram que as Zonas autônomas temporárias (TAZs), como descritas por Bey, eram parecidas com a Maré, e não só isso, ao mesmo tempo, eles projetavam um desenvolvimento parecido para as

ações do grupo, era uma fonte de inspiração, posso assim dizer. Ao pesquisar a respeito de piratas e corsários do século XVIII, Hakim Bey encontrou pouco material sobre a rede de informações que se estendia sobre o globo entre os assentamentos piratas, lugares que não reconheciam as leis estabelecidas pelos Estados vigentes, a essa forma de vida Bey nomeou de “Utopias Piratas”:

“(…) era formada por ilhas, esconderijos remotos onde os navios podiam ser abastecidos com água e comida, e os resultados das pilhagens eram trocados por artigos de luxo e de necessidade. Algumas dessas ilhas hospedavam “comunidades intencionais, mini-sociedades que conscientemente viviam fora da lei e estavam determinadas a continuar assim, ainda que por uma temporada curta, mas alegre. (Bey 1985:11)”

O autor continua:

“(…) A TAZ é uma espécie de rebelião que não confronta o Estado diretamente, uma operação de guerrilha que libera uma área (de terra, de tempo, de imaginação) e se dissolve para se re-fazer em outro lugar e outro momento, antes que o Estado possa esmagá-la. Uma vez que o Estado se preocupa primordialmente com a simulação, e não com a substância, a TAZ pode, em relativa paz e por um bom tempo, “ocupar” clandestinamente essas áreas e realizar seus propósitos festivos. (Bey 1985:13).

Assim como as TAZs, o coletivo pretende ser o mais invisível possível, há a política dos integrantes não aparecerem como porta-vozes ou representantes da Maré ou mesmo do próprio movimento; não há um sonho revolucionário³⁷, um projeto de permanência das ações do coletivo, uma vez que todos ali têm profissões e exercem outras atividades principalmente em áreas artísticas, como são os casos de Josinaldo, Rosinaldo (Naldinho), Wagner Novais e Cadu Barcelos. Ou seja, não havia, até o momento da minha convivência, o projeto de transformar o coletivo em instituição ou algo permanente, como uma ONG por exemplo.

A ideia de autoproteção também está atrelada ao movimento “Nós por nós”. A ideia do “Nós por nós” é fortalecer os laços de solidariedade entre pessoas da sociedade civil para que juntos possam combater as opressões das diversas forças armadas, em especial quando atentam contra a vida de pessoas negras. Essa ideia baseou a criação de um aplicativo para celular de mesmo nome, lançado no dia 21 de março de 2016. Tal aplicativo recebe denúncias de violações de direitos humanos, principalmente das favelas. A autoproteção do *Maré Vive*, portanto, está em diálogo com este movimento, não diretamente, mas na conexão idealista. O aplicativo criado para o Rio de Janeiro foi um dos resultados do fórum estadual de juventudes. O nome “nós por nós” foi inspirada na música chamada “Quilombo, favela, rua” do músico

³⁷. Ou seja, não é revolucionário no sentido marxista. Para Hakim Bey as utopias piratas faziam “levantes”, que diferentemente da revolução hegeliana não aspira ao progresso do movimento ou sua permanência no poder onde só há trocas de Estado e nunca a ausência dele.

Mano Teko, que incita a união entre as periferias. Seu refrão diz: “Hoje, o Quilombo vem dizer, a favela vem dizer, a rua vem dizer: é nós por nós”.



Fig.17: logo do aplicativo para celular “nós por nós”.

No caso das Favelas é sabido o histórico de intervenções políticas assistencialistas de cunho eleitoreiro que não acontecem a partir de diálogos honestos e da participação popular, por isso essa ideia se coloca contrariamente a forma com a qual agentes do Estado lidam com as favelas. Agentes do Estado, digo, e a maioria dos não-favelados que estão no alto do helicóptero. Entre as presenças da política de segurança, representada na comunidade pela Polícia Militar, e o do tráfico, em momentos de conflitos armados, a página traz a perspectiva dos moradores independentemente dos dois primeiros. É a força dos moradores que trazem a esperança de construção de uma sociedade igualitária. Como está descrito a seguir

2.4 As categorias “Morador”, “Cria”, “Mareense” e “traficante”

Fala Mareenses?!
Se liga ai que o Preparatório para o Ensino Médio está com
vagas abertas!
(Página Maré Vive. Postado em 06/02/2017)

Mas do que se trata a perspectiva dos moradores? Porque essa diferenciação é importante para meus amigos da Maré? Não só para eles, pois o termo “morador” é constantemente utilizado nos discursos da mídia tradicional e os demais viajantes do

helicóptero. A importância dessa diferenciação para as mídias tradicionais é percebida em reportagens que trazem em seus enunciados a justificativa das mortes de traficantes por auto de resistência³⁸, dizendo se a pessoa que foi alvejada possuía antecedentes criminais ou não. Com efeito, a Página *Maré Vive* convoca seus interlocutores de diferentes maneiras, e cada uma delas tem um sentido próprio. As diferentes relações entre as pessoas e o grau de proximidade com o território é o que, na maioria das vezes, determina esses vocativos. Por exemplo, as categorias “morador” e “cria” são usados em diversas favelas cariocas, mas “mareense” não. Aliás, dificilmente encontraremos nas favelas cariocas termos próprios para identificar seus moradores como existe na Maré. *Mareense* é um termo cunhado historicamente pelo jornal comunitário “O Cidadão”, um dos primeiros da Maré, produzido pelo CEASM (Centro de Estudos e ações solidárias da Maré), o jornal fez parte da construção identitária dos moradores.

Mareense é um termo cunhado pelo jornal “O Cidadão” para denominar aqueles que vivem na favela da Maré. O termo utilizado já nas primeiras edições do jornal foi problematizado na mesma publicação em 2003. A capa da edição de número 27 estampou a manchete: “Mareense!? Existe isso!? Reflexões sobre um bairro em formação”. O jornal ainda questionou: “Será que é possível falar de uma identidade mareense quando muitos moradores sentem na pele o preconceito ao dizer que moram na Maré?” (O leitor, 2003, p.8). A edição jogava luz sobre a ideia de um novo projeto político, com foco no desenvolvimento social, que tivesse como protagonistas os próprios moradores. É interessante avaliarmos como “O Cidadão” anuncia um processo de reivindicação de uma identidade para além da Maré, mas uma identidade favelada. Atualmente, há uma necessidade de ser, estar e fazer no seu lugar, seja organizado em entidades não-governamentais ou mesmo em coletivos alternativos de educação, cultura e de comunicação em favelas. (Souza 2017: 71)

Ao conversar com Josinaldo a respeito do termo usado frequentemente pela página para se comunicar com os demais moradores, ele me disse que a escolha aconteceu naturalmente, que ele foi inspirado pelo jornal *O cidadão* e por uma música do grupo de RAP chamado ‘Nação Maré’, cujo um dos integrantes é nosso amigo de anos, conhecido como Nego Jeff³⁹. Acredito que que a ideia de usar o termo *mareense* na página acabou criando uma

³⁸. Apesar de não haver uma lei específica que o defina, o auto de resistência tem amparo no artigo 292 do Código de Processo Penal, que diz: “Se houver, ainda que por parte de terceiros, resistência à prisão em flagrante ou à determinada por autoridade competente, o executor e as pessoas que o auxiliarem poderão usar dos meios necessários para defender-se ou para vencer a resistência, do que tudo se lavrará auto subscrito também por duas testemunhas”. O artigo, no entanto, não prevê quais são as regras para investigação em casos de excessos.

³⁹. Nego Jeff é muito talentoso, mas como muitos outros talentos favelados, não teve oportunidades para desenvolver sua arte. Da última vez que tive notícias suas ele estava desempregado e afirmou que não conseguia emprego por causa do racismo dos empregadores, primeiro por ser negro e segundo por morar na Maré.

identificação maior com os seguidores. Elogios a respeito da maneira de falar nas postagens são frequentes nos comentários. Mas Josinaldo não entende da mesma forma, ele diz que não faria muita diferença para o engajamento na página se o nome de tratamento dos moradores fosse outro. O uso do termo é para deixar claro um posicionamento político de entender a Maré como um lugar que merece respeito, que tem uma história própria e moradores que são atuantes. Portanto, o termo é resultado de um acordo e não uma imposição. Contudo, sem objetivar a naturalização e cristalização de uma identidade, quando associamos o termo “mareense” a foto de perfil de Dona Orosina, uma das primeiras moradoras do Morro do Timbau, é difícil não nos remetermos a uma ideia que fora construída a partir do resgate da memória feito pelo Museu da Maré e de diversos moradores e associá-la a ideia de projeto⁴⁰ também. E Josinaldo sabe disso: em outro momento ele me disse que a memória mobiliza mais que a violência, e se a página quer mobilizar, falar de memória é fundamental. Quando ele me diz isso, questiono a respeito das publicações sobre os pontos de tiroteios que estão em menor quantidade na página, mas são elas que rendem o maior número de interação com os moradores. O que percebemos é que as pautas relativas à memória, eventos culturais... (as pautas positivas) conectam os moradores pelo afeto carinhoso – o afeto no sentido do senso comum -, diferentemente da autoproteção comunitária, que é uma tática de sobrevivência imediata.

⁴⁰. Aqui, abro um parêntese para um esclarecimento (e uma dúvida) a respeito da ideia de projeto e memória a qual me refiro. De acordo com Gilberto Velho (1994): “Alfred Schutz desenvolveu a noção de *projeto* como ‘conduta organizada para atingir finalidade específicas’. Embora o ator, em princípio, não seja necessariamente um indivíduo, podendo ser um grupo social, um partido ou outra categoria, creio que toda a noção de projeto está indissolúvelmente imbricada à ideia de indivíduo-sujeito.” (...) No entanto, se torna complicado associar o coletivo Maré Vive a ideia de indivíduo-sujeito, uma vez que eles não se organizam enquanto uma instituição (por escolha) por causa de seu caráter instável nos mais variados sentidos : a transitoriedade de seus membros, por ser o conteúdo da página fornecido por milhares de moradores-seguidores e por não haver uma direção e regras bem estabelecidas de funcionamento do grupo. Por isso, a identificação do coletivo Maré Vive se faz maior com a ideia de Zona Autônoma Temporária o que seria oposto à ideia de identidade . Contudo, quando Josinaldo e outros integrantes dizem que a memória mobiliza mais que a violência, eles dizem como um desejo de que isso se realize com maior força, pois a esperança é que não haja necessidade de criar táticas de proteção aos conflitos armados. Ademais, dizem também como grandes conhecedores que são do poder do resgate da memória e o discurso identitário para dialogar com não-favelados e instituições em geral.



Fig.18: Capa Jornal “O Cidadão”

Por outro lado, o termo “morador” é mais difundido pela cidade como um todo, podendo carregar sentidos diferentes dos dados aos favelados. Na postagem abaixo, por exemplo, vemos a proximidade entre a ideia de trabalhador (contrária a “vagabundo”, “bandido” e “traficante”) e a de morador, ou seja, este último seria um trabalhador que mora numa casa na Maré.

Via Morador

Eu trabalho em dois empregos, trabalho de dia na Marmoraria e a noite rodo no MotoTaxi, deixo minhas coisas aqui todinha. Uma porrada de moeda que estava juntando e um dinheiro guardado, um dinherim meu e um dinheirín pra pagar os outros e tinha uns trocados também dentro da pochete de Moto Taxi, tinha quase 50 merrés que eu guardo pra passar troco, pra trocar o dinheiro do passageiro. Caralho!!! Eles cataram o dinheiro todo, aqui meu contra cheque perto, minha carteira perto, eles iam ver que era um **trabalhador que mora na casa** pô.

Entendeu? Quer dizer eles iam ver que era trabalhador que morava na casa, eles viram e roubaram mesmo assim, até as moedas, mané. Esses caras passam fome mané! Devem ser endemoniados essas porra pô! Crus credo mané, dá até ódio mané! até nojo mané! Nós não tem o direito de sai pra trabalhar, se não! Olha só, é inacreditável! Não temos o direito de sair pra trabalhar se não os polícias rouba a nossa casa. (Página Maré Vive. Postado em 31/01/2017)

Ser um morador, portanto, perante o Estado e suas violências, se torna um correlato de “trabalhador”, aquele que não está cometendo crimes. No entanto, ainda não é o mesmo que cidadão, pois este não deveria provar sua inocência - sem estar em julgamento - diante de uma abordagem policial, ou ter sua casa invadida e seu dinheiro roubado sem qualquer tipo de explicação plausível. Ser “morador” não se refere, por isso, somente ao ato de habitar na Maré. Com relação a conduta do tráfico de drogas, o morador é a figura que merece respeito e que é intocável quando está no “proceder correto”, como dizem. Diferentemente da polícia, da mídia (que tem dificuldades em distinguir moradores de traficantes) e de organizações criminosas como a milícia. Essa regra é um consenso em diferentes facções e favelas cariocas. E esse era um tema recorrente em letras de funk (consideradas proibidas) até a chegada das UPPs e a predominância do estilo do passinho⁴¹ atualmente.

O certo é o certo o errado é o errado
 O certo é o certo o errado é o errado
 E se vacilar na favela, vai ser cobrado
 Na pureza meu amigo eu vou te dar-lhe um papo
 O certo é o certo o errado é o errado
 Mas não pode trair nem fazer covardia
 mostra que tu é puro assim no dia-a-dia
 Mas se você bolir, "neguinho" vou te falar
 O bonde ta bolado
 Nós vai ter que te cobra
 Não aceito mancada tem que ter disciplina
 Não vale mexer no lucro nós é sua família
 Me bate uma neurose quando eu fico bolado
 Ai vocês vão ver porquê me chamam de machado
 Canalha safado é melhor ficar ciente
 O bonde é pesadão, e bota chapa quente
 Olha eu to bolado/ Olha eu to bolado
Morador de favela tem que ser respeitado
 Olha eu to bolado neguinho fique ciente
 O bonde é pesadão e bota chapa quente
 (trecho da música “Morador de Favela” da Mc Sabrina)

Abaixo, outras postagens que trazem duas categorias de habitantes das favelas cariocas: o *traficante* e o *cria*. Estar em atividade como um traficante de drogas pode ser

⁴¹. O passinho, além de um estilo de dança, também trouxe mudanças para as batidas e letras de funk, os beats se tornaram mais acelerados.

passageiro, mas ser *cria* é anterior a construção do indivíduo adulto. Mas só é *cria* quem tem orgulho das suas origens, a pessoa pode ter sido criada na favela e negar esse título quando se mudar para outro lugar. No texto abaixo, a gente vê claramente essa diferença. *Cria* é aquele que nasce e/ou é criado na infância dentro da favela, de qualquer uma do Rio de Janeiro, não só na Maré. Talvez, a noção de *cria* remeta-se não a uma identidade, mas uma forma de experiência. *Cria* é aquele que passou a infância em uma favela, tem uma determinada *expertise*.

Traficante mandando o papo reto sobre segurança pública no Rio de Janeiro:

"Eu não nasci bandido não, ninguém nasceu bandido. Eu jogava bola como qualquer outros meus colegas, **sou cria** com todo mundo, sou *cria* daqui... paz eu pedia antes de ser traficante, quando eu trabalhava, que eu queria deitar sabendo que eu tinha que acordar 5h da manhã pra trabalhar e não conseguia porque a policia tava na favela. Tinha que sair pra trabalhar, eles me paravam lá embaixo e falavam que a minha marmita que eu tava carregando na minha mochila... tava escondendo pra sair do morro.." (Página Maré Vive. Postado em 28/01/2016)

"Quem é **cria** já esperava. Pós Olimpíadas, pós sucesso, pós a grande exposição da cidade, maravilhosa, o Rio retoma sua rotina. Várias guerras estavam pra estourar na cidade e no meio delas eu e você! Você branco, morador de um bairro que não pode ouvir o som da rajada. Você que lamenta a chegada de um furação aos EUA, você que já foi Paris, não é, não quer ser e nunca será Haiti. E eu? Que moro na CDD, ou no Borel, que sou *cria* la do Jaca e que agora to no meio de mais uma guerra. Guerra do Pavão Pavãozinho, Cantagalo ou a de todo dia na Chatuba e no Alemão. E tem outras! Aquelas que estão prestes a estourar, quem ta ligado sabe. Guerras entre facções, entre elas a facção financiada pelo estado, que ao em vez de me proteger, me rotula e me mata. Ta difícil meu parceiro, ou melhor, ta difícil não, É DIFÍCIL! Ser preto e morador de favela. Força pras favelas!" (Página Maré Vive. Postado em 10/10/2016)

[relato de morador/Cria] "Sempre transitei pela Maré. Voltei varias vezes andando de noite/madrugada da Nova Holanda até o pinheiro. Na época o traçado era, #CV, #TCP e #ADA. Nunca tive problemas, claro que **com o feeling de quem é cria** e sabe por onde andar. Hoje tenho mais medo de transitar no lugar onde moro e sempre vivi com a presença policia e militar do que antes." #aMaréestaComplexa (Página Maré Vive. Postado em 8/04/2014)

Com efeito, essas categorias são acionadas em diferentes momentos e por razões distintas. Mas o que nos interessa saber aqui é que elas se relacionam umas com as outras, passam a mensagem da página para os demais moradores de forma eficaz e acionam um lugar de fala. A potência da fala dos moradores, que a *Maré Vive* traz à tona, urge em meio às disputas políticas e sanguinários tiroteios, num momento em que muitos países ocidentais sofrem com a aceleração do neoliberalismo e perdas de direitos democráticos. Ela acende a ideia de autonomia e autogestão diante de um Estado comprometido até o pescoço com o capital. A voz do morador não deveria ser a voz do inimigo do Estado eleito como o número 1

na dita guerra às drogas (como são os traficantes favelados), contudo, para a *Maré Vive* ela também não é a voz dos menos favorecidos, leigos, pobres coitados, carentes, inocentes ou de pessoas em risco social; o lugar de fala que o morador ocupa é o lugar daqueles que aterraram o chão alagado da Maré de balde em balde, que sempre lutou por sua moradia, um lugar, portanto, de atuação política e protagonismo, de resistência às diversas intervenções que reduzem a autonomia dos moradores.

É a partir dessa perspectiva que o coletivo entra naquilo que descreve como a guerra da informação, pois como diz Josinaldo Medeiros: “Antes da internet e do digital, quem tinha o poder da informação, de contar a história, era quem tinha o dinheiro. Agora é faroeste. Estamos na guerra da informação.”

2.5 A guerra da informação

Josinaldo descreve o morador como um ser-para-o-combate, uma existência que deve lutar para permanecer. Ele manda um recado: se eles travam uma guerra, os moradores não serão mais suas vítimas, vamos nos proteger da melhor forma possível. A ideia de morador remete a um processo histórico de luta política. Se o “cria” é uma experiência, o “morador” é a própria luta. Essa forma de pensar, que parece simples, atinge milhares de moradores que seguem a página, moradores ou não da Maré. Aqui, fica clara a ideia do “nós por nós”, ou seja, os moradores por eles mesmos. A autoproteção comunitária construída em conjunto com a população local e administrada pelo MV pode ser articulada/pensada, portanto, com a noção de “tática”, nos termos da reflexão trazida por Certeau.

Uma vez que há ações estrategicamente calculadas por forças estatais e de guerrilhas armadas de diferentes facções, os moradores se organizam taticamente em defesa de suas vidas, entendendo que estratégia é “a ciência dos movimentos bélicos fora do campo de ação do inimigo”, e tática é:

(...) a ação calculada que é determinada pela ausência de um próprio. Então nenhuma delimitação de fora lhe fornece a condição de autonomia. A tática não tem por lugar senão o do outro. E por isso deve jogar com o terreno que lhe é imposto tal como o organiza a lei de uma força estranha. Não tem meios para se manter em si mesma, à distância, numa posição recuada, de previsão e de convocação própria: a tática é movimento dentro do campo de visão do inimigo (Certeau, 2014, p.94).

As noções de tática e estratégia são bem pertinentes aqui, uma vez que há forças desiguais entre os moradores, as facções armadas e o Estado (sendo as facções armadas também nocivas para os moradores). Em segundo lugar, a partir de interações da página do MV com outras páginas e perfis falsos é interessante notar a importância atribuída à página do MV por grupos de oposição, pois em vários momentos e desde a criação da página elas se opuseram ao trabalho do coletivo, enfrentando-o como um inimigo. Esse enfrentamento se deu através de perfis falsos em redes sociais que tentavam se passar pelo *Maré Vive*. Uma vez que diziam ser o MV, eles divulgavam fotos de traficantes armados, buscando configurar delação dos mesmos. Esse feito colocou a vida dos integrantes do coletivo em risco, frequentemente ocorrem ameaças à página. Em suma, a tentativa da oposição era a de colocar o *Maré Vive* contra o tráfico de drogas e, em consequência, desarticular a relação de confiança do coletivo e da página com os moradores.

Abaixo, um exemplo do primeiro perfil falso registrado pelos administradores. No cabeçalho de fundo preto escrito “terror nenhum” nos parece um recado de alguém que quer dar segurança à comunidade. Já na imagem de perfil há uma espécie de brasão com o nome “Maré Vive” diferente da marca original. As cores cinza e preta são parecidas com as utilizadas pela polícia militar.



Fig.19: Página falsa com o título “Maré Vive”

Na figura abaixo, uma publicação da página falsa. A tentativa de opor os moradores ao tráfico de drogas fica clara quando o texto diz “obrigado mais uma vez a nosso morador querido que mandou essa foto junto com as informações”. Na foto vemos três jovens

identificados por apelidos (Bu, Sd e Melekinha) indicando que os três pertencem à comunidade da Nova Holanda (NH).



Fig. 20: Página falsa divulga imagens de supostos traficantes. Veja que na descrição da foto, a página falsa atribui a foto a um morador delator

Essa ação gerou preocupação por parte dos integrantes do coletivo, pois quem via as imagens de traficantes atrelavam-nas ao MV. Os integrantes foram ameaçados por traficantes e policiais. Os traficantes achavam que o coletivo estava denunciando-os e os policiais sugeriam que eles estavam obstruindo suas operações quando faziam denúncias e relatavam os tiroteios. Houve também interações entre os perfis falsos com a página do *Maré Vive* verdadeira.

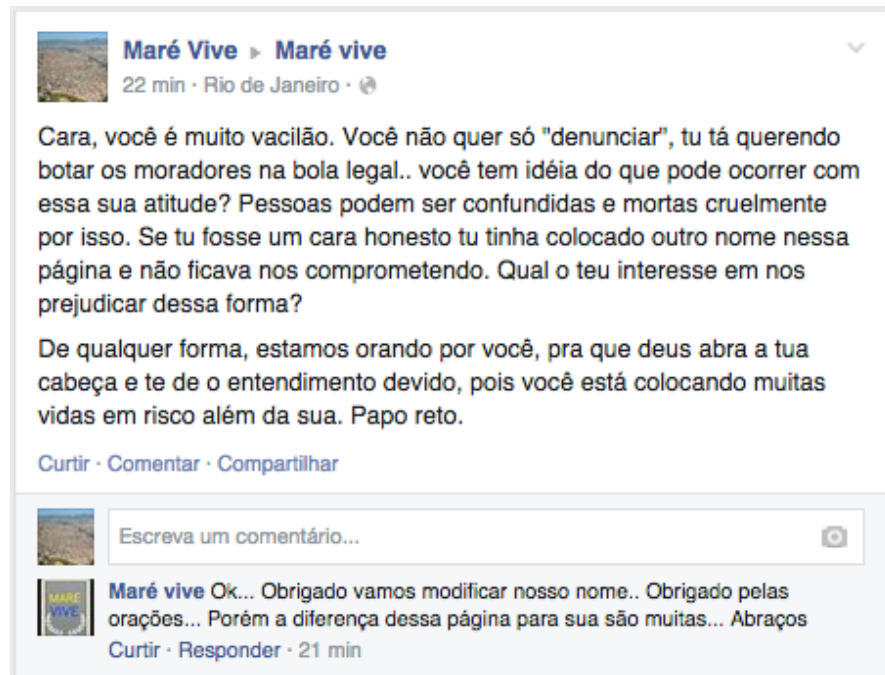


Fig. 21: Troca de mensagens entre as duas páginas.

Depois das trocas de mensagens a página falsa foi excluída. Mas o medo dos editores permanece e por isso optam pela não identificação individual.

Josinaldo relata que a página falsa começou a postar fotos de traficantes de drogas para criar confusão em torno da identidade e propósito real do *Maré Vive*: “Começou a criar-se uma confusão. A gente tentava entrar na nossa página e caía na deles, e realmente era parecida, era um clone. A partir daí parte dos moradores ficaram contra a gente. Isso nos prejudicou muito”. Logo depois a estratégia de grupos opositores, que desconfiamos ter alguma relação com setores de inteligência da polícia e forças armadas, as ameaças cessaram. Houve pedido de desculpas da página falsa dizendo que reconhecia o trabalho do *Maré Vive* como um representante dos moradores e não dos traficantes. No entanto, ameaças ainda são recorrentes (de associações de moradores ligadas a políticos, de outras instituições com interesses escusos, do próprio tráfico e da polícia) e, por isso, o grupo estuda se a invisibilidade dos seus membros é a melhor opção de segurança ou não.

CAPÍTULO III:

ELES LANÇAM BOMBAS, NÓS LANÇAMOS FILMES!

Esta será a primeira sessão do Cineclube N.a. Favela e para começar, na tela, filmes feitos na comunidade. No palco, os artistas da nossa rua. É a nossa resposta a esse ano difícil, de várias baixas entre os moradores daqui e de outras comunidades. É o nosso levante! Então que seja a cultura, o sorriso das crianças e a vibração de quem acredita que é possível ser da favela e viver na favela o melhor dos mundos! Eles lançam bombas? Nós lançamos filmes! (texto de divulgação da primeira sessão ao ar livre em 06 de julho de 2016 em sua página no Facebook)⁴²

As perspectivas do helicóptero, a figura que perpassa esse trabalho e sobrevoa as casas dos residentes da Maré, compôs dois problemas fundamentais a esta pesquisa. O primeiro diz respeito à distância entre as narrativas dos moradores que habitam o bairro e as daqueles, não-mareenses, que detém o poder de falar sobre os outros do alto de um dispositivo observador e intervencionista. Essa distância só é possível numa situação de controle social, de assimetria de poder; que perpetua políticas de intervenção junto a um saber também intervencionista, aquele que fala sobre a favela, que controla os limites de sua autonomia, que propõe “soluções” a partir da linguagem representacional. Já o segundo é um dos efeitos do primeiro: a deslegitimação e desqualificação do discurso de quem se localiza abaixo do helicóptero, seguida da destituição da potência de suas subjetividades. É como se existisse uma máquina que deslegitima o saber do outro, transformando esse outro num desvio ou num mero detalhe, dizendo que a representação desse outro é mais real do que ele mesmo diz ser.

Mirando o lugar de fala da ciência, como vimos, o primeiro problema, o poder de falar sobre o outro, principalmente nas ciências sociais, não é uma questão nova para a própria antropologia. A noção de representação, tal como ela foi pontuada nos capítulos anteriores, se estabeleceu como um resultado muitas vezes nocivo aos povos descritos em etnografias

⁴²<https://www.facebook.com/nafavelaoficial/photos/ms.c.eJxNkNkNRDEIAztaYW76b2wVUMj7nOzGBEgAQZ6OqMgfBiSjDCx~gXsD4zXqjGTZBecx1aUuoDwjArqAMcYH9FqXC0Qb2DM6g2sBRWeorkGT8UD1SG4PHeONKNqIWCAD9hadtbFrjTtD~IE23N~:aqb4ZNj1se7i1gQVh5xaLzYgYsE1jMt6fprbhWz2nqdAfpBVcSQ~~~.bps.a.1181117038617981.1073741830.782654465130909/1181117068617978/?type=3&theater> - Acessado em 04 de agosto de 2018

antropológicas por conta da relação de dependência entre a prática antropológica e o empreendimento colonialista. Por isso, essa relação teve prescrição de desaparecimento no próprio texto antropológico. Tal como questiona Talal Asad (1991:315), essa relação se dá “no sentido em que o colonialismo é importante demais para a antropologia, obrigando-a a romper essa dependência política, ética e epistemológica” (*apud* Goldman. 2017:161). A conexão com outros povos, força motriz e principal propósito da disciplina, portanto, só foi possível porque existiu a condição histórica da colonização favorável a esse empreendimento.

Essa tentativa de “rompimento” das ciências sociais com o empreendimento colonial é chamada por alguns autores de virada ontológica. Agora, o problema não seria mais saber se um determinado conhecimento é mais ou menos real, se é ou não afetado pelo seu tempo, pelo seu contexto. O problema seria a forma como esse real é promulgado e, sobretudo, seus efeitos. Destarte, o debate não giraria mais entorno da dicotomia clássica entre Natureza e Cultura, mas na possibilidade de coexistência de várias naturezas (por exemplo, o chamado multinaturalismo) que emergem de diferentes práticas. Ou seja, não se trata de diferentes perspectivas sobre uma mesma realidade, um mesmo mundo, e sim dos diversos mundos que cada perspectiva (ou prática) é capaz de criar. A proposição nessa virada ontológica é a de que abandonemos o idioma representacional e retornemos às práticas (ou à “experiência”, como aponta Benjamim), pois:

Se o idioma representacional caracteriza a ciência antes de tudo como uma atividade que mapeia, espelha e corresponde ao mundo como ele realmente é, o idioma performativo envolve uma concepção de que o mundo é pleno de agência, a própria ação, portanto, já não é mais compreendida como algo que diz respeito apenas a agentes humanos. Além disso, atividades tais como observar ou representar não são vistas como distintas de intervir ou construir; ao invés disso, são consideradas como modos específicos de intervir e construir a realidade (JENSEN *apud* ALMEID, 2015:20).

Até aqui, foi demonstrado alguns efeitos da hegemonia do “idioma representacional” sobre a população mareense. Agora, poderíamos discorrer que, por causa desses efeitos, o coletivo Maré Vive buscou enfrentar taticamente as narrativas que justificam a morte de moradores da Maré. Contudo, essas práticas não dizem respeito apenas à reação a esses efeitos das ações estatais, elas vão além. É mister reconhecer que o coletivo em suas ações resiste aos assassinatos, mas também formula outras existências dentro da cidade; os encontros festivos dos cineclubes, as produções de filmes, a divulgação da agenda cultural e de oportunidades de emprego e renda, por exemplo. A existência dessas ações e a própria

forma como os integrantes vivem a rotina da Maré produzem vida e pensamento sobre si e o seu território, em suma, sobre a cidade de um ponto de vista favelado.

3.1 - A transmissão da experiência favelada

Poderíamos dizer que essa forma de existência se contrapõe às ideias da distância e de intervenção impostas pelas perspectivas do helicóptero, pois o que o coletivo Maré vive e o N.A Favela nos mostram é a formulação de pensamentos e produção de conhecimento autônomos, ou melhor que isso, eles falam do lugar da experiência e não da informação. Quando digo *experiência*, aponto em direção ao que Walter Benjamin qualificou como tal.

Segundo Benjamin (1985), a modernidade empobreceu a experiência, esta que antes era transmitida boca a boca, envolvendo narradores e ouvintes, esses que, envolvidos no processo, se tornavam continuadores e recriadores da experiência. A sua pobreza advém justamente da separação da vida vivida e o conhecimento técnico, objetivo e universal. O conhecimento, na modernidade, se transforma em algo utilitário e mercadológico enquanto a vida é reduzida a sua dimensão biológica, como confirma Bondía em seu artigo dialogando com Benjamin:

(...) Atualmente, o conhecimento é essencialmente a ciência e a tecnologia, algo essencialmente infinito, que somente pode crescer; algo universal e objetivo, de alguma forma impessoal; algo que está aí, fora de nós, como algo de que podemos nos apropriar e que podemos utilizar; e algo que tem que ver fundamentalmente com o útil no seu sentido mais estreitamente pragmático, num sentido estritamente instrumental. O conhecimento é basicamente mercadoria e, estritamente, dinheiro; tão neutro e intercambiável, tão sujeito à rentabilidade e à circulação acelerada como o dinheiro. Recordem-se as teorias do capital humano ou essas retóricas contemporâneas sobre a sociedade do conhecimento, a sociedade da aprendizagem, ou a sociedade da informação. Em contrapartida, a “vida” se reduz à sua dimensão biológica, à satisfação das necessidades (geralmente induzidas, sempre incrementadas pela lógica do consumo), à sobrevivência dos indivíduos e da sociedade. Pense-se no que significa para nós “qualidade de vida” ou “nível de vida”: nada mais que a posse de uma série de cacarecos para uso e desfrute. (BONDÍA, 2002:27)

Walter Benjamin (1985) cita como exemplo de transmissão da experiência, em seu artigo “Experiência e pobreza”, uma parábola onde um pai, no momento de sua morte, conta para os filhos sobre a existência de um tesouro escondido em seus vinhedos. Os filhos cavam, mas não encontram tal tesouro. Com a chegada do outono a produção nas vinhas aumenta, e então os filhos desse homem chegam à conclusão de que o pai lhes transmitira a experiência

de que a felicidade não está no ouro, mas no trabalho, no processo. Em paralelo ao que meus amigos fazem na Maré, podemos dizer que há uma relação íntima entre suas práticas profissionais, a produção de conhecimento sobre a cidade, sua comunidade, em suma, sobre o mundo, e a vida vivida por eles, pois como também afirma Bondía:

“O saber de experiência se dá na relação entre o conhecimento e a vida humana. De fato, a experiência é uma espécie de mediação entre ambos. É importante, porém, ter presente que, do ponto de vista da experiência, nem “conhecimento” nem “vida” significam o que significam habitualmente. (...) Este é o saber da experiência: o que se adquire no modo como alguém vai respondendo ao que vai lhe acontecendo ao longo da vida e no modo como vamos dando sentido ao acontecer do que nos acontece. No saber da experiência não se trata da verdade do que são as coisas, mas do sentido ou do sem-sentido do que nos acontece. (BONDÍA, 2002:29)

O saber advindo da experiência, note, não significa que não é reflexivo, como afirmam os “senhores da objetividade”; pelo contrário, percebemos pelas falas dos integrantes do coletivo um alto grau de reflexão e poder de invenção sobre suas existências e a partir de suas práticas dentro da favela; um saber construído abaixo do helicóptero, sem o dito distanciamento que seria necessário para a produção científica e jornalística. Benjamim, em sua época, já dizia que as ações da experiência estavam em baixa, no entanto, talvez não contasse que o boca a boca, antes proferido pelos mais velhos, pudesse ser atualizado pelos jovens contemporâneos que produzem vídeos e os veiculam na internet. Será essa uma forma de transmissão de experiência? Talvez, meus amigos da Maré estejam bem próximos disso. Como veremos a seguir.

3.2 - O Maré Vive e o jornalismo independente

Partimos de um fato concreto. Certo dia, Josinaldo me disse que foi convidado para participar do *Festival 3i – jornalismo inovador, inspirador e independente*. O festival ocorreria nos dias 11 e 12 de novembro de 2017, reunindo comunicadores para discutir questões que atingem o jornalismo independente contemporâneo brasileiro, tais como: financiamento independente e sustentabilidade, modelos de negócio, tecnologia aplicada ao jornalismo, polarização nas redes sociais e *fact-checking*.

Nesse dia, o grupo ainda não estava certo de como seria sua participação no festival, pois a organização do evento mandou um e-mail oferecendo gratuidade na entrada para apenas um integrante do Maré Vive, isso significou que caso os outros integrantes quisessem

ir teriam de pagar pelo ingresso. O grupo, achou importante a participação do Maré Vive no evento mesmo que fosse como ouvinte, na plateia.

Nesse período, eles levantavam algumas dificuldades para continuar o trabalho de ativismo na página: a falta de financiamento para as ações estavam interferindo nas vidas pessoais dos integrantes, uma vez que para a atualização da página no Facebook, principalmente quando há operações policiais, é preciso disponibilidade integral, além de suas permanências na comunidade para averiguação das informações que chegam através dos moradores, o dilema entre continuar as ações de autoproteção comunitária e arranjar um emprego que gerasse renda fixa coloca a atividade em risco constante. Quanto às formas de financiamento possíveis - problema também para a maior parte do jornalismo independente -, as questões colocadas pelo grupo giram em torno da sua própria forma de organização, pois algumas mudanças estruturais deveriam ser realizadas para que alguma capitalização fosse feita. Isso acarretaria em uma certa institucionalização do coletivo, ou seja, agir e falar enquanto uma instituição civil, não necessariamente formalizar-se enquanto uma pessoa jurídica, mas sim desempenhar um trabalho sistemático de projetos que tenderiam ao desenvolvimento progressivo e permanência da instituição. Ou seja, institucionalizar-se, formalizar-se – e por consequência, burocratizar-se - seria uma forma de fixação da sua atuação, uma maneira de agir compreendida como uma forma de enfraquecimento da espontaneidade e conexão com a própria forma de vida favelada⁴³. Isso gerou alguns debates, a posteriori, com relação ao que seria o trabalho do coletivo dali em diante, com efeito, quando o capital entrasse, o coletivo também teria que identificar seus integrantes, afinal, dificilmente empresas dariam dinheiro para desconhecidos, essa é uma das questões primordiais debatidas desde o início.

O entendimento era o de que, ao identificar-se como parte do Maré Vive, os integrantes teriam maiores possibilidades de capitalizar para o coletivo e para suas carreiras individuais. Entretanto, se assim fosse feito colocava-se a vida em risco diante das flutuantes disputas políticas entre associações de moradores locais, além de se tornarem alvos mais fáceis para as forças armadas do Estado (todos os dois: o tráfico e o governo); outrossim, o

⁴³ No senso comum, essa é uma forma de vida “informal” ou na pior das críticas “caótica” e subdesenvolvida. Mas, aqui, percebemos como uma forma de vida potente, ou seja, ela é capaz de resolver e propor seus próprios problemas (existenciais, filosóficos e políticos), nesse sentido, seria uma forma de vida que se opõe a racionalização da cidade aos moldes capitalistas defendida por urbanistas, em geral, e a visão científica sobre a qual falamos nos capítulos anteriores. As linhas de financiamento, em sua maioria, não conseguem dialogar com a forma de vida favelada, elas excluem a força da oralidade, a praticidade do cotidiano etc. Para a obtenção de financiamento é necessário que favelados formatem seus projetos de acordo com os editais que geralmente são de difícil acesso para a maioria da população, inclusive os estatais.

cotidiano dos integrantes que lá habitam ficaria complicado à medida em que as pessoas os reconhecessem como algum tipo de autoridade capaz de resolver problemas comunitários, o que seria uma grande responsabilidade em um nível que não é de interesse dos integrantes. Sendo assim, a “invisibilidade” de seus integrantes foi definida fundamentalmente sob essas condições, nos moldes das Zonas Autônomas Temporárias (TAZ), como definiu Bey.

A questão, entretanto, primordial que envolve o financiamento, e essa é uma questão geral para o jornalismo independente, são as concessões políticas que devem ser feitas, em alguma medida, para os patrocinadores. Na grande maioria das vezes, a lógica do patrocínio remete a uma troca entre as duas partes: o patrocinador tende a associar sua marca às ideias, conceitos e atividades do patrocinado para lhe conceder o apoio financeiro. Nesse sentido, é comum que quem detém o capital faça avaliações constantes de seus favorecidos com relação ao modelo de negócio e dos resultados de suas atividades, bem como recomendações de práticas que condizem com o posicionamento de marketing de sua marca/empresa. O perigo é tornar-se “refém” do patrocinador, e o receio do coletivo seria o de perder sua matriz de atuação para atender aos interesses do capital. Essa é uma discussão antiga dentro tanto do jornalismo empresarial quanto no independente.

No jornalismo empresarial a notícia, em termos gerais, é vendida como produto, as manchetes são escritas de maneira a chamar atenção do público e objetivam aumentar as vendas e obter maior lucro; já o independente é nomeado de tal forma justamente por objetivar não ter amarras com o setor financeiro, principalmente no que diz respeito a sua linha editorial. Essa é umas das diferenças cruciais apontadas entre os dois tipos de jornalismo praticados atualmente no Brasil. No entanto, ainda nos parece estranho chamar o Maré Vive de jornalismo independente, essa também é uma das dúvidas do grupo. Pois eles não se preocupam em se autoafirmar enquanto jornalistas, pelo contrário, é um termo pelo qual todos os integrantes nutrem uma certa ojeriza, por isso, não vamos nos estender nessas definições já que elas não são importantes para o grupo.

Outrossim, nesse mesmo festival, ocorreu um debate relevante para o grupo Maré Vive e outras mídias independentes (como *The Intercept Brasil* e a *Mídia Ninja*) em torno da ênfase à ideia de responsabilidade, superando as noções de verdade e imparcialidade que acompanham a história do jornalismo ocidental, desde a sua reestruturação a partir da década de 50 nos Estados Unidos. Essa reestruturação jornalística objetivou a profissionalização e racionalização da atividade e, em consequência, transformou-a nos moldes de uma produção fabril. Essa concepção jornalística também teve forte impacto no Brasil, e nos últimos tempos tem sido posta em debate, pois os efeitos da forma como tem sido colocada em prática no país

tornaram-se catastróficos, como já comentado nos primeiros capítulos dessa dissertação. A ideia de imparcialidade e objetividade no jornalismo brasileiro - defendida até hoje em discursos pelas empresas hegemônicas na área -, na qual o pretense distanciamento e objetividade seriam fundamentais, na sua origem, objetivava a ampliação do mercado e do público leitor e com isso ganhar credibilidade, como apontam Albuquerque & Holzbach (2008) em suas análises sobre o jornal Folha de São Paulo:

Nesse momento, ocorre uma drástica mudança no estilo e no tom do discurso que regem a empresa (Taschner 1992). Além da visão de eficiência empresarial, reitera-se a preocupação com a imparcialidade. **O motivo é mercadológico: trata-se de uma estratégia para ganhar credibilidade e ampliar o público leitor.** Afora isso, o discurso político mostra um apoio ao regime democrático, mas a democracia aqui é vista como uma espécie de extensão do capitalismo industrial. Entre os novos diretores, o advogado José Nabantino Ramos foi o responsável por tentar modernizar a rotina de trabalho da empresa, com a criação das “Normas de Trabalho da Divisão de Redação” – que tentou racionalizar a produção e a comercialização de notícias – e do “Programa de Ação das Folhas”.

Apesar das ideias de imparcialidade e objetividade terem suas origens no jornalismo fabril, elas se perpetuam no discurso jornalístico brasileiro - sem assumir tal origem -, e são apresentadas como fundamentais para a manutenção da democracia, acima inclusive da ideia de responsabilidade com os sujeitos sobre os quais se fala. Assim, como já vimos anteriormente, tal qual a ciência se funda no medo do “governo das massas”, como bem descreve Latour, o debate filosófico sobre a oposição entre a força e a razão que se deu entre Cálicles e Sócrates, o jornalismo, dessa forma, mantém a distância (do alto do helicóptero) para se perpetuar enquanto arena “neutra” de debates ditos democráticos, acima de qualquer suspeita, portanto.

3.3 - Jornalismo responsável

A madrugada anterior à ida de Josinaldo ao *Festival 3i* como o representante do Maré Vive foi marcada por uma chacina, que resultou em sete mortos, no Complexo do Salgueiro, em São Gonçalo, região metropolitana do Rio de Janeiro. Aliás, no mês de novembro de 2017 ocorreram várias operações policiais que resultaram em muitas mortes em diversas favelas. Muitos jornais noticiaram esse conjunto de operações se utilizando da metáfora da guerra. Uma postagem do Maré Vive, feita no dia 21 de novembro, assim se posiciona:

NÃO É GUERRA, É MASSACRE

em menos de um mês, 17 pessoas foram assassinadas em operações policiais nas favelas do Juramento, Complexo do Salgueiro e no Morro do São Carlos.

Antigamente o nome disso era CHACINA.

No dia 28 de outubro (Sábado), a PM operou no Morro do Juramento, em Vicente de Carvalho. Na ocasião, CINCO pessoas foram mortas e outras tantas ficaram feridas.

Na madrugada do dia 11 de novembro (Sábado), a CORE fez uma operação durante a madrugada no Complexo do Salgueiro, em São Gonçalo, o baile funk fervia quando se ouviram os primeiros disparos.

Moradores relataram que avistaram dois veículos blindados da CORE e homens vestidos de preto, encapuzados, sem nenhuma identificação, no entorno da Mata, na famosa tróia. Um dos sobreviventes, afirmou que os blindados passaram pelos atiradores e nada fizeram... SETE pessoas morreram oficialmente, mas o papo é que teria mais gente "quebrada" dentro da mata.

Na noite de ontem, dia 20 de Novembro (Feriado da Consciência Negra) o BOPE operou no Morro do São Carlos, no Estácio. Varou madrugada a dentro. Relatos semelhantes aos do Salgueiro tomaram conta das redes sociais, as informações desencontradas levou muita gente a acreditar que se tratava de uma invasão interferida pelo BOPE.

Ninguém sabe ainda o que realmente aconteceu, a única certeza é a de que mais CINCO pessoas foram assassinadas durante a ação.

Essas mortes não passam incólumes pelos integrantes do Maré Vive, elas não são apenas notícias a serem fabricadas cotidianamente, afinal cada chacina é sentida por Josinaldo, Naldinho e outros amigos. Talvez seja por isso que as ideias de imparcialidade, objetividade e democracia estejam muito distante deles, e é com esse sentimento, nesse contexto, que Josinaldo participa do já citado festival. Diferentemente dos profissionais da imprensa que habitam, em sua maioria, em outro lugar da hierarquia social, meus amigos olham para os lados e veem seus conhecidos morrerem frequentemente. Não estar atravessado por essas mortes não é uma opção, não há distância suficiente para isso (eles não estão no helicóptero! E nem desejam estar).

Mas voltando ao *Festival 3i*, Josinaldo esteve presente na plateia cuja mesa foi composta pelo jornalista Pedro Dória (site Meio e Mensagem), pela jornalista Cecília Oliveira (The Intercept Brasil), pelo ator Gregório Duvivier (Folha e HBO), e pela jornalista e medialivrista Dríade Aguiar (Mídia Ninja). O tema em questão: as fronteiras entre o ativismo e o jornalismo. Assistindo ao debate, pela transmissão ao vivo que o evento realizou, pergunto:

qual dos convidados viu essas mortes tão de perto quanto meus amigos? Poderíamos dizer que eles foram atravessados em diferentes níveis, uns mais que outros.

No decorrer das falas, cada um dos debatedores expôs seus trabalhos e demonstrou suas expectativas a respeito do jornalismo ativista e/ou independente. Todos eles se definiram enquanto jornalistas independentes em oposição ao jornalismo empresarial. No decorrer do processo, as divergências se tornaram presentes. Pedro Dória defendeu que é extremamente importante que haja imparcialidade nas matérias jornalísticas e que, em suas palavras:

Assim como representar da maneira mais honesta possível, mais franca possível quais são os argumentos de um lado, quais são os argumentos do outro e servir de alguma forma de espaço onde esse debate de ideias se dê. Eu acho extremamente preocupante essa tendência de normalizar a relação entre ativismo e jornalismo. Primeiro porque jornalismo ativista está naquela fronteira bem próxima da publicidade, você está em campanha. O seu lado é claro. Você não está ouvindo de forma honesta o debate, claro que não, você tem um lado. Tem que censurar, tem que isso e aquilo? Não, mas você é um ator político agindo politicamente, para alcançar um determinado objetivo.

Enquanto os outros três, em especial, Cecília Oliveira, pontuaram que a imparcialidade é um engano, pois todos que falam o fazem de algum lugar social, um lugar de fala, um ponto de vista, e esse lugar direciona o discurso, por isso, dificilmente o jornalismo atingiria uma neutralidade discursiva para que o leitor de fato escolhesse, como propôs Dória. Portanto, deixar claro o lugar de fala de onde vem o enunciado seria indispensável para que se pudesse estabelecer uma relação de honestidade com o público leitor. Cecília Oliveira também discorreu a respeito da ideia de responsabilidade. Em suas palavras:

Que tipo de democracia a gente quer? se é o lugar que foi reservado para que você esteja ou se é o lugar onde você quer estar, então você pode definir o tipo de jornalismo que você quer e pode fazer porque agora você não precisa necessariamente estar dentro de um prédio com uma logomarca na porta, você pode ser como o Josinaldo e fazer o jornalismo pro seu bairro. Pra que essas pessoas que moram ali saibam que não foram mortas 8 pessoas, que foram 11, e essas 11 são fulano, fulano e fulano... elas não são só 7, ele é o filho da dona Maria que mora na rua 2, ele não era o número 6. Eu não sei se vocês acompanharam essa notícia hoje, mas inclusive foi publicado nas redes sociais as fotos dos corpos no IML, e eles estavam empilhados, como se lixo fossem. É esse o lugar que você quer reservado pra você na democracia? Ou você quer reescrever isso aí porque não é assim que se escreve a minha história? Sou eu quem escrevo a minha história e a minha história não é essa, do seu ponto de vista, você pode sim reescrever e você pode reescrever com responsabilidade.

As mortes sobre as quais Cecília fala acima, já em suas palavras finais do debate, foram resgatadas por Josinaldo, da plateia. Ao abrir para perguntas, Josinaldo pegou o microfone e argumentou com a mesa:

Meu nome é Josinaldo, faço parte de um canal de mídia comunitária do Complexo da Maré. Eu gostaria de avisar pra quem não sabe que a polícia de ontem pra hoje operou numa favela de São Gonçalo chamada Salgueiro e matou pela mídia comercial são 7, mas pela informação dos moradores do local são mais de 11 pessoas assassinadas. Eles dizem que essas mortes foram causadas pelo confronto quando na verdade a gente sabe que isso faz parte de uma política de extermínio patrocinada pelo Estado com auxílio da mídia comercial. Porque semana passada eles fizeram a mesma ação no Juramento sem nenhuma repercussão na mídia. Então na semana retrasada fizeram a mesma coisa na Maré, operaram na Maré durante 12 horas com caveirão, veículo blindado da polícia militar que eles chamam de pacificadores. É nesse cenário que entra o meu ativismo e o meu jornalismo que eu faço na favela. Disseram que é jornalismo o que eu faço, e eu tô acreditando nisso. Mas eu não pedi pra ser jornalista porque o que eu faço é cinema. O que eu sei fazer é filme. Só que eu me encontrava num lugar que eu via a gente ser massacrado. Estão dizendo que a gente vive uma guerra, a gente não está vivendo uma guerra. A gente é massacrado com apoio da mídia comercial, porque quando a gente pega o histórico desse jornalismo político comercial da década de 90, vocês estão ligados né?! Que até hoje é perpetrado com Cidade Alerta, Brasil Urgente e derivados... Isso que é incentivar a violência, é isso que mata os meus irmãos, é isso que matou o meu tio, é isso que está matando e continua matando com aval dessa sociedade e dessa mídia que muita gente aqui está chamando de grande mídia. Grande mídia é o ... né?! A mídia comercial incentiva a violência todo dia quando ela valoriza o tiro na Rocinha e ignora um helicóptero com 500 kg de cocaína pura. Quando ele pega uma pessoa da favela com algumas trouxinhas de maconha e criminalizam enquanto os jovens de São Conrado estão posando no Segundo Caderno na coluna social. Não é uma pergunta é um desabafo.

O que seria mais urgente a ser divulgado e debatido que o assassinato de mais de 11 pessoas resultantes de uma mesma operação policial, numa única noite, em uma sociedade dita democrática? O acontecimento da chacina marca Josinaldo, talvez, como nenhuma outra pessoa ali presente. O atravessamento por essas mortes é tamanho que parece ser urgente falar sobre elas, e ele se coloca como um sujeito da experiência, onde os acontecimentos o tomam, como demonstra Larrosse Bondía à luz de Walter Benjamin:

(...) o sujeito da experiência seria algo como um território de passagem, algo como uma superfície sensível que aquilo que acontece afeta de algum modo, produz alguns afetos, inscreve algumas marcas, deixa alguns vestígios, alguns efeitos. Se escutamos em francês, em que a experiência é “ce que nous arrive”, o sujeito da experiência é um ponto de chegada, um lugar a que chegam as coisas, como um lugar que recebe o que chega e que, ao receber, lhe dá lugar. (BONDÍA, 2002:21)

Ao final do debate, em réplica ao que Josinaldo afirmara, Pedro Dória, do alto do helicóptero, aponta mais uma das diferenças entre o jornalismo ativista e o empresarial: a paixão. Com certo desdém, ele diz que adoraria trabalhar com a paixão que os jovens têm, mas ela impossibilita a construção de pontes entre pontos de vistas distintos, e insiste na ideia de arena “neutra”, um lugar que possibilite o diálogo entre os diversos pontos de vistas numa sociedade democrática. Em suas palavras:

(...) A impressão que eu tenho aqui é que a maioria de vocês são jovens que estão começando ou começaram há pouco no jornalismo. Acreditem: existe uma coisa chamada, se não imparcial, um jornalismo honesto, técnico, com o objetivo de representar da melhor maneira possível, o que for humanamente possível, os vários tipos de pontos de vista da sociedade. Esse tipo de jornalismo é capaz de falar tanto com a esquerda quanto com a direita. A gente precisa começar a reerguer pontes, a gente precisa de fato trazer o diálogo de volta para a sociedade, **mexer com o coração, com a paixão que é o que o jornalismo ativista faz é uma delícia, é uma maravilha, mexe com a adrenalina, vamos lá!** Mas continua sendo necessário o jornalismo numa sociedade democrática, o jornalismo que não esteja de um lado nem de outro, mas que busque representar o que dizem, o que pensam em cima de fatos reais, tanto um lado quanto o outro, por favor, não desistam disso. É difícil, talvez não mexa com a paixão mais fácil, esse calor do ativismo, da causa, mas a longo prazo é o que de fato consegue sustentar uma democracia quando você consegue fazer com que os dois lados voltem a mesa para conversar, é isso que a gente está precisando no Brasil hoje. (Transcrição festival 3i).

No entanto, Dória parece ignorar a própria história do jornalismo “técnico” e o seu compromisso primeiro com o capital e não com a democracia. No que tange a “paixão juvenil” do ativismo citado pelo jornalista, podemos voltar à ideia de experiência formulada por Walter Benjamin para reafirmar a importância dela nos dias atuais, posto que a experiência é também passional, nesse sentido,

(...) Paixão” pode referir-se também a certa heteronomia, ou a certa responsabilidade em relação com o outro que, no entanto, não é incompatível com a liberdade ou a autonomia. Ainda que se trate, naturalmente, de outra liberdade e de outra autonomia diferente daquela do sujeito que se determina por si mesmo. A paixão funda sobretudo uma liberdade dependente, determinada, vinculada, obrigada, inclusa, fundada não nela mesma mas numa aceitação primeira de algo que está fora de mim, de algo que não sou eu e que por isso, justamente, é capaz de me apaixonar. (...) A experiência funda também uma ordem epistemológica e uma ordem ética. O sujeito passional tem também sua própria força, e essa força se expressa produtivamente em forma de saber e em forma de práxis. O que ocorre é que se trata de um saber distinto do saber científico e do saber da informação, e de uma práxis distinta daquela da técnica e do trabalho. (BONDÍA, 2002:19)

Talvez, apaixonar-se por outro que está fora de mim seja o cerne do ativismo de Josinaldo, de Cecília Oliveira e da Mídia Ninja; uma relação que está além da empatia ou da honestidade possível dentro da representação dos pontos de vistas oferecida pelo jornalismo, mas sim um compromisso, a responsabilidade com as dores alheias, ou seja, exatamente a proximidade com o outro e a abertura aos atravessamentos que são possibilitados pela experiência.

3.4 - N.A. Favela: a saída audiovisual

Como Josinaldo disse no debate do Festival 3i: “Disseram que é jornalismo o que eu faço, e eu tô acreditando nisso. Mas eu não pedi pra ser jornalista porque o que eu faço é cinema. O que eu sei fazer é filme.” Mas Josinaldo fala da atividade jornalística como se fosse uma chamada irrecusável. Isso pode ser remetido a Joseph Campbell e a teoria da jornada do escritor. Campbell (1949) percebe em diversos mitos e narrativas de vários povos uma estrutura parecida. Resumidamente, essas histórias dizem: o mundo estava bem até acontecer algo muito importante, algo capaz de pôr a sua vida ou a da sua comunidade em risco. O herói, que era uma pessoa comum, em seu habitat até dado momento, então é chamado a uma aventura. O acontecimento é aquilo que faz o mundo girar e o herói a andar para frente na narrativa. Não prosseguir com ela seria, portanto, a própria morte em vida. No entanto, no caso do herói do monomito do antropólogo há a possibilidade de recusa, ele vacila, mas seus mentores lhe aconselham o contrário, assim o herói prossegue com a aventura. Diferentemente, para meus amigos, essa recusa é uma impossibilidade, pois a aventura (o ativismo, no caso) parece as suas próprias condições de vida. Talvez essa impossibilidade de resistir a “chamada à aventura” seja a fronteira entre o ativismo e o jornalismo comercial sobre a qual os convidados do Festival 3i debatiam. Fazer jornalismo pode ser uma escolha, mas ignorar as mortes que ocorrem na Maré e nas periferias da cidade não é uma escolha para meus amigos, é uma chamada irrecusável, como afirmou Josinaldo: “O que eu sei fazer é filme. Só que eu me encontrava num lugar que eu via a gente ser massacrado”.

O Núcleo Audiovisual Favela surgiu em 2014 como uma alternativa à produção da narrativa jornalística que é um tanto exaustiva para os integrantes que fazem a cobertura das operações. O núcleo também é uma fonte conciliadora de financiamento, pois a partir dos filmes e projetos de ficção foi possível captar recursos através de editais públicos das secretarias de cultura, assim como divulgar os trabalhos dos integrantes sem muitas ameaças à segurança do grupo. Também possibilitou o aluguel de um espaço, que chamam de “lojinha”, transformando o espaço usado para comércio comum na comunidade em uma produtora de vídeo. Por lá passam pesquisadores, artistas entre outros moradores. A realização do cineclubes foi durante o ano de 2014 a atividade frequente do grupo, a rotatividade de pessoas e de projetos é grande, e essa é uma das características da atuação do coletivo.

É perceptível que a forma como esses filmes são feitos tem uma logística diferente da indústria cinematográfica em geral⁴⁴, não somente pelos orçamentos, mas pela metodologia empregada. No meio cinematográfico, costuma-se dizer que o local por onde uma equipe de cinema passa nunca volta a ser o mesmo, pois o lugar é reconstruído de acordo com as exigências da logística de produção industrializada. Numa produção de ficção de médio porte, por exemplo, são empregadas pelo menos sessenta pessoas, caminhões com equipamentos de luz precisam ser estacionados próximos às locações, o barulho externo deve ser controlado, assim como a luz. O lugar da filmagem, seja ele qual for (uma casa alugada, um apartamento, uma loja etc) deve ser transformado num estúdio em que a equipe tenha pleno controle do ambiente, de forma que a locação deixe de ser o que é usualmente para se transformar em cenário onde se passa a vida dos personagens narrativos. Entretanto, uma diferença fundamental nas produções do N.A Favela até aqui é justamente a interferência da locação (ou seja, do território Maré) nas histórias narradas. O grupo faz o caminho inverso, ao invés de tentar controlar o ambiente totalmente, há brechas ao inesperado e a importante colaboração dos moradores durante as filmagens. Outra vez, vemos a distância reduzida entre aqueles que falam e os objetos de suas falas. Se a gravação for na rua, a rua afeta o filme, há trocas bem estabelecidas, não se pode parar o trânsito, como é feito em grandes produções, então o trânsito fará parte do filme, assim como os ruídos, a luz etc.

Como seres da experiência e mentes desejanter, os integrantes do coletivo veem no núcleo de produção uma forma de alimentação de suas subjetividades. Pois se há a tentativa de apagamento e deslegitimação do pensamento favelado, por outro lado há resistência tática. As produções de narrativas livres, não-jornalísticas, trazem para o grupo a possibilidade da criação, da reinvenção e reflexão sobre as mortes traumáticas de seus vizinhos, também possibilitam expressar seus desejos e suas utopias.

Abaixo, falaremos um pouco a respeito de três de suas principais obras audiovisuais, não por serem necessariamente as melhores esteticamente, mas porque cada uma delas nos mostra uma qualidade e questões específicas e significativas levantadas pelo grupo, além de visibilizar o processo de criação do grupo.

3.5 - Notas sobre as produções em vídeo

3.5.1 - O Filme “Blitz” e a zona autônoma temporária

⁴⁴ Ou até mesmo se compararmos às produções independentes para internet.

Um exemplo da logística original dessas produções foi a realização do vídeo *Blitz*. Após quase dois meses sem visitar a lojinha na Maré, acompanhei a gravação em novembro de 2017. A gravação já estava acontecendo no morro do Timbau quando cheguei. Lá estavam Josinaldo, Naldinho, Diogo, Alan, Maurício e Tiago. O objetivo era terminar o filme para concorrer ao prêmio do festival *72 horas*. Esse festival impõe algumas regras para as produções, a principal delas é que o filme seja entregue em até 72 horas para depois ele concorrer a uma premiação, são aceitos todos os formatos narrativos.

A gravação aconteceu. O roteiro era composto por basicamente três cenas. A situação narrada era a ação de dois policiais fazendo uma blitz em frente ao batalhão da PM. Um carro passava com um pacote de cocaína (cenográfica), mas o motorista branco dizia que era parente dos Neves e o PM liberava. Depois um outro carro, com motorista negro (interpretado pelo Tiago) e este era imediatamente parado e levado preso por portar três garrafas de um desinfetante da marca Pinho sol na mala do carro. O vídeo é permeado pelo humor. Josinaldo interpretou o policial viciado em cocaína que aspirou pelo nariz o pó apreendido e depois devolveu para o motorista; Diogo atuou como o policial sério além de ter dirigido o filme e criado a ideia original; Naldinho fez uma figuração como vendedor de água, numa passagem rápida pela imagem além de colaborar com os afazeres da produção em geral, eu acabei entrando na equipe fazendo o *making of* sem termos nada planejado



Fig. 22: Josinaldo e revisam imagens gravadas

A gravação foi realizada em frente a uma padaria, que Naldinho achou que estaria fechada no feriado de finados, mas os donos resolveram fazer um churrasco com a família, então eles ficaram observando a gravação, nos deram churrasco e ofereceram cerveja, ficaram interessados pela produção. Ser convidado para as refeições de vizinhos é uma prática bem comum na comunidade. Em nossos encontros também sempre houve a presença de lanches. Durante a gravação, Josinaldo estava com uma espingarda de chumbinho, que era comprida e chamava atenção de longe. Por isso, ele estava um pouco tenso com relação a algumas viaturas que passavam pela rua de trás. Ele queria que a gravação terminasse logo. Realmente era um risco, pois eles estavam fardados também, feito que poderia chamar a atenção tanto de traficantes locais quanto dos policiais que rondavam por ali; a equipe não avisou previamente nenhuma dessas forças. Algumas pessoas que passavam pelo local também se assustaram com a cena da blitz, pois eles estavam com essas armas e de farda. Josinaldo dizia com frequência “se os canas vierem aqui, nós tamos ferrados, vai ser uma baita dura”. Mas, felizmente, nada nesse sentido aconteceu. A sensação de transgressão é constante na maioria das gravações, principalmente quando há personagens policiais em cena. É como se houvesse uma Zona

Autônoma Temporária (TAZ) ali, assim como nas utopias piratas descritas por Hakim Bey, meus amigos fogem das regras estabelecidas pela indústria cinematográfica, pelo Estado (para filmar na rua seria necessário autorização do corpo de bombeiros, da prefeitura etc) e estabelecidas também pelas leis dos traficantes de drogas locais (é necessário sempre avisá-los também, principalmente para que os atores não sejam confundidos com policiais). Porque o cumprimento de tais regras provavelmente invisibilizaria a produção, pois não há tempo por parte da equipe, nem orçamento para fazê-lo. Meus amigos, dessa forma, criam não só filmes, mas um momento temporário de liberdade, uma ilha onde não são capturados nem pelo capital, nem pelo Estado, criam sua TAZ, o lugar de construção de autonomia e conexão com suas subjetividades.

Após a finalização da gravação, entramos no carro de produção; era o carro do Tiago que transportou os equipamentos e parte da equipe do Pinheiro para o Timbau. Paramos num bar na região da “Nova Maré”, ou “casinhas da baixa”, como chamam, mas era ao lado de uma boca de fumo e não havia comida. O outro grupo que foi de moto e de bicicleta chamaram para irmos na casa do Diogo. Fomos lá.

Diogo mora numa casa com dois quartos, uma cozinha e no segundo andar tem uma área com tanque e móveis de salão de beleza, onde sua esposa trabalha como cabeleireira e manicure. Num quarto eles dormem, no outro tem um escritório com computador cadeira acolchoada e escrivaninha. Não tem sala com televisão à vista. Eles têm um filho que na época tinha dois anos, se chama Riquelme, nome de jogador de futebol. Estávamos famintos, todo mundo com pouco dinheiro. Naldinho tinha me dado uma garrafinha de cerveja de 300 ml, a chamada “cracudinha⁴⁵” para beber no caminho do bar para a casa do Diogo. Chegamos no terraço do Diogo, eles colocaram o material gravado no computador para vermos como ficaram as imagens.

Cada um fez suas observações do tipo “fulano estava rindo nessa hora”, ou “essa imagem está fora de foco”, “tínhamos que ter gravado um plano do rosto dele procurando as coisas dentro do carro”, aí Naldinho fala “é claro que ficou assim, não tinha ordem do dia, nem roteiro” e Diogo responde, “mas nós fazemos assim mesmo, não precisa disso tudo não, não dá tempo”. Essa é uma discussão recorrente, a preparação para a gravação sempre é feita espontaneamente de acordo com o tempo que cada um pode investir na produção, porque todos trabalham em outras atividades. E é essa a característica dessa TAZ: a equipe é formada por quem está presente no momento do surgimento da ideia e por quem pode colaborar; o

⁴⁵ Esse “apelido” da cerveja é uma alusão aos usuários de Crack que vivem à beira da avenida Brasil, na Maré.

roteiro (que às vezes só está na cabeça do diretor) sofre interferências da rua, os transeuntes são agregados à cena; o churrasco do vizinho se torna a alimentação da equipe; as famílias dos envolvidos na produção colaboram como podem. A TAZ, como argumenta Bey, não tem um modelo definido, mas uma coisa é certa: sua possibilidade de criação está em, primeiramente, desviar o olhar, como ensinou Nietzsche. Se guiar pelo caminho contrário daquilo que nos constrange, encontrando assim uma linha de fuga temporária e autônoma. Dessa forma, essa é a inspiração dos amigos para esse tipo de produção. A TAZ é fruto dos seus desejos de fazer filmes na Maré. Assim, ela deixa para trás um terreno devastado pela hierarquia e submissão.

A colaboração dos vizinhos e familiares é fundamental, assim como me contou Diogo, se não houvesse essa integração e parceria não haveria a realização dos filmes. As fardas, por exemplo, foram emprestadas de um primo, assim como as pistolas de chumbinho. De certa forma, podemos dizer que há vários empecilhos para que essas produções não aconteçam, mas elas acontecem justamente por causa de uma rede de relações afetivas e não somente de interesses profissionais; a amizade é fundamental aqui.



3.5.2 - Filme “A mulher do fim do mundo”

Melhor planejado que o vídeo Blitz, mas não tão diferente em sua necessidade de uma rede de relações afetivas, o curta “A mulher do fim do mundo” conta a história de uma mulher astronauta que aterrissa sua nave numa Maré distópica, sua missão é explorar o território e se conectar com algo especial: uma identidade perdida. “A mulher do fim do mundo” é um curta metragem afrofuturista⁴⁶ dirigido por Geo Abreu.

Sobre a personagem eu acho que a Maré também é feita por mulheres, apesar de ter uma energia muito masculina, o machismo é muito forte, eu me espantei quando cheguei lá porque eu quando era solteira, morava na Lapa, tinha uma outra relação com as mulheres e com os homens mesmo, e olha que eu fui pra lá casada e com filho, mas achei muito pesado. É notório que a favela é um lugar que existe por causa das mulheres, então obviamente a personagem teria que ser uma mulher, não teria como ser diferente. Essa personagem é um pouco um reflexo meu. Não consegui desenvolver melhor no filme, mas ela é uma pessoa que saiu da favela e se juntou a um projeto de futuro, de expansão da vida fora da Terra, talvez em Marte, chegando lá, ela percebeu que mesmo ela sendo da favela, ela não tinha representatividade nesse lugar, que ela tinha sido enganada. Ela foi levada pra lá porque ela tinha conhecimento e ferramentas cognitivas que interessavam a esse projeto de expansão, mas ela descobriu que foi enganada, porque as pessoas desse projeto não se importavam com o lugar de origem dela e nem com as pessoas que ela representava ali naquele momento, então ela se desentende com essa missão que achava que podia transformar o lugar de onde ela veio. Por isso ela volta pra casa pra buscar uma força, uma mensagem, para entender o que ela poderia fazer agora, a partir de tudo o que ela conheceu nessa missão espacial, aí então, ela se reencontra com o passado dela, se reencontra com o lugar onde ela nasceu e encontra tudo do mesmo jeito que ela deixou, do mesmo jeito há anos, com mesmo sentimento de descarte social, mas ao mesmo tempo com uma grande potência que é abafada, a potência dos pobres, dos favelados e das periferias, que é uma potência enorme, mas que sempre é abafada porque é assim que tem que ser né? (ABREU, Georgiane.)

O argumento ganhou o edital estadual de financiamento “Territórios Culturais” que pertence ao programa de incentivo à cultura “favela criativa” do Governo Estadual do Rio de Janeiro. Os projetos selecionados ganharam a verba de 25 mil reais para a realização de cada filme, mas antes os proponentes passaram por um laboratório de produção audiovisual realizado pela Ong *Cinema Nosso*, no qual as equipes tiveram acesso a aulas de linguagem com especialistas do mercado cinematográfico.

Georgiane Abreu (conhecida como Geo) é a mulher mais participativa do coletivo. Ela junto com Josinaldo e Naldinho estruturaram a lojinha que hoje é ponto de encontro de todos. Esse foi seu primeiro filme como diretora e roteirista. Até aqui, Geo trabalhou em outras

⁴⁶ O Afrofuturismo é um movimento artístico que abrange narrativas especulativas sobre o futuro e o passado sempre da perspectiva negra e diaspórica.

criações audiovisuais como assistente de produção. Começou a trabalhar com cinema por acaso, é formada em história, nasceu em Belém do Pará e veio para Rio por causa de seu ex-namorado que trabalhava com cinema. Quando casou com Josinaldo e engravidou achou que a melhor opção seria se mudar para a Maré, pois o custo de vida no centro do Rio, onde morava, aumentou. Na Maré, também percebeu que havia uma rede de apoio da família de Josinaldo que ajudaria a cuidar da criança. Lá então permaneceu por quatro anos e produziu todos os projetos do coletivo. O olhar de Geo para com a Maré traz uma perspectiva diferente dos outros integrantes, que são “crias” de lá, e o seu filme, de certa forma, retrata isso. É um olhar feminino, de historiadora e migrante, este último é uma característica que faz parte da construção da Maré, a migração de nordestinos e nortistas para o bairro forma sua identidade⁴⁷. Para fazer esse filme ela buscou inspiração no longa “Branco sai, preto fica” do brasileiro Adirley Queirós, no conto “Outros 500”, de Heraldo HB⁴⁸ e no movimento estético *Afrofuturismo*.

A ideia de fazer o filme veio como uma necessidade, nos dois sentidos que essa palavra pode alcançar, o primeiro é a necessidade como falta e escassez (quando o seu contrário é a abundância), como fala a diretora:

Eu sempre tive vontade de fazer um filme, mas eu não tinha encontrado um motivo, e ao mesmo tempo eu fazia uma reflexão comigo mesma de que as coisas que eu via retratadas no cinema, não faziam parte do meu universo. Então eu ficava sem saber o que falar, eu não queria imitar um filme de gente branca de classe média porque eu, apesar de ser branca, não faço parte da classe média. Então, eu, não entendo certas coisas, certas preocupações de classe média.

Escassez. Ela fala aqui sobre a falta de filmes que dialoguem com a sua perspectiva sobre o mundo (branca, pobre, mulher etc) e o lugar onde vive. Geo queria fazer um retrato da Maré diferente do que assistia na maioria dos filmes nacionais. Já o segundo sentido que a palavra necessidade nos traz é o indispensável (quando seu contrário é o dispensável), seria aquilo que não se pode evitar. Nessa direção, Geo teve a necessidade de comunicação e expressão que a ela foi inevitável. Como ela mesmo disse, foi como para digerir o filme de Adirley Queiroz que ela idealizou o seu próprio:

Então foi aí que eu vi o filme do Adirley Queiroz, *Branco sai preto fica*. E foi muito impactante pra mim. Eu só me recuperei do impacto depois que eu fiz o meu filme, parece que eu precisava fazer esse filme “A mulher do fim do mundo” para tirar esse

⁴⁷ Josinaldo e Naldinho também são descendentes de migrantes nordestinos e nortistas.

⁴⁸ Heraldo HB é um escritor e cineasta que mora em Duque de Caxias, na Baixada Fluminense e amigo de Geo e Josinaldo.

filme da minha cabeça, sabe? O cara fez um filme de ficção científica na periferia, com pouca grana, e aspectos psicológicos bastante complexos, né? Com viagem no tempo etc. Mas, ao mesmo tempo ele trouxe dados documentais, o que aconteceu no baile é tudo verdade. Ele conseguiu colocar no filme, ele registrou uma história, mas também criou uma fábula. Ele mostrou ali pessoas que tiveram as suas vidas completamente modificadas pelo Estado, pelo governo de Brasília, na possibilidade de ter uma revanche sobre aquele governo, sobre aquela institucionalidade... Eu estava vendo o filme com o Josi e falei “Josi, a gente pode fazer um filme desses, aqui também!”

Percebemos, portanto, que além de uma rede afetiva de relações que possibilita a realização desses filmes, há também uma rede de pensadores vindos da periferia com olhares potentes que produzem saberes sobre o mundo em diferentes formatos estéticos. A rede se mantém porque assim como Geo, grande parte sente a necessidade de construir suas próprias vozes, em comunicação com o próximo. Dessa forma, se constroem enquanto seres humanos dotados de desejos, ou seja, não são reduzidos aos seus corpos biológicos ou a mão de obra barata (como é determinado aos pobres de dinheiro). Pensando com Benjamim, essa poderia ser uma rede de transmissão de experiência a partir de filmes? E se olharmos para o fato de que foi a partir de *Branco sai, preto fica* que Geo obteve a motivação e referência para criar uma ficção especulativa, um feito novo na Maré? Se olharmos para isso como Benjamim, poderíamos dizer que a experiência trocada aqui seja a habilidade de criação e especulação, por exemplo; ou melhor, a criação e especulação que se sobrepõe a um trauma vivido coletivamente, pois assim como os sábios davam conselhos aos jovens, esses filmes (do Adirley e da Geo) questionam o apagamento da história e resistência desses grupos sociais e lhe atribuem outros sentidos, além de indicarem, a partir da especulação, caminhos para a cura e força para a produção de vida.

Por isso o *Afrofuturismo* também entra na rede que Geo se integrou e que ao mesmo tempo a constrói. O movimento estético reúne ficções científicas, gênero de característica especulativa, diferentemente do gênero documental ou da ficção realista, estes últimos comprometidos com a “fiel” representação da realidade, narrativas feitas, em sua maioria, do alto do helicóptero. Geo encontrou no *Afrofuturismo* uma direção estética para seu filme, na sua compreensão, esse movimento estético resiste ao apagamento da história da diáspora negra, assim como as perspectivas do helicóptero tentam fazer com a Maré e outras favelas da cidade. Como ela mesmo afirma:

Esse movimento estético fala da diáspora negra, sobre como os negros foram retirados de seus lugares de origem e transplantados para outros lugares. Então, todas essas histórias de alienígenas, seres de outros planetas, vem de encontro a esse

desenraizamento dos negros com os seus territórios, que foram transplantados para outras galáxias praticamente, em termos culturais. Eles não tiveram a oportunidade de pensar sobre o seu passado porque teve um apagamento muito grande de suas raízes e tudo, então já que não se tem a possibilidade de pensar sobre o seu passado, que se pense no futuro a partir da ótica deles, entende? O afrofuturismo é isso, acho que cabe perfeitamente na Maré, porque é um lugar fora do tempo, praticamente, porque tem a permanência de coisas muito antigas, mas também tem a aplicação de projetos que visam o futuro, projetos governamentais, institucionalizados, que trazem a ideia de futuro. É um lugar fora do tempo. Na Maré pode ser década de 80 e pode ser 2020, não importa, ali tem a semente de todos esses tempos. Isso eu sempre achei da Maré, esteticamente falando. Depois que eu cheguei lá, eu tive essa noção de que é um lugar com muitos tempos vividos ao mesmo tempo: tem miséria, mas tem ostentação, tem os migrantes nordestinos, tem os chineses, os angolanos; tem características muito ancestrais. (Georgiane Abreu)

Geo traz algumas reflexões a partir do seu lugar de fala. Ela deixa claro a importância das referências de artistas oriundos da periferia. Eles tratam do território de forma ampla, o território como narrativa, como forma estética, como se ele fizesse parte desses sujeitos em uma relação simbiótica. Outro ponto importante da fala de Geo é sua percepção da Maré enquanto um lugar de descarte que lhe é imposto, mas também como uma potência que é alvo das forças do Estado, o que vai de encontro ao que discutimos na introdução deste trabalho. Geo também observa, entre outras reflexões, que através do afrofuturismo foi possível expressar algo para além da história do filme, algo que talvez não pudesse ser expresso dentro de uma estética narrativa realista de ficção: o diálogo com a diáspora negra e todas as suas questões que envolvem o deslocamento forçado de populações.



Fig.24: Imagens de making of do processo de gravação

3.5.3 - Filme *Quem matou Gilberto?*

De todas as produções do coletivo, talvez, “Quem matou Gilberto?” seja o mais polêmico. O curta de três minutos e meio, produzido para ser veiculado no Youtube, narra em caráter fictício, o assassinato de um jovem chamado Gilberto. O escárnio e o humor

exagerado chamam a atenção de quem assiste, pois aparentemente se opõe a seriedade que o tema exige. Tudo se passa num beco da comunidade.

Em primeiro plano, uma repórter de peruca e colete utilitário fala diante da câmera (o enquadramento é o típico do formato jornalístico: câmera na mão e lente normal -50mm): “estamos aqui no complexo da Maré, onde acabamos de...” , nesse momento a repórter é interrompida por crianças curiosas que mexem em sua roupa. Ela fala em tom agressivo para as mesmas “Dá licença, crianças! Vão embora!” as crianças saem correndo, e ela continua sua fala: “Eu hein! Favelados! Estamos aqui no complexo da Maré, mais precisamente aqui na baixa do sapateiro...” . Ela é, então, interrompida novamente por uma pessoa transexual que atravessa o quadro, andando sensualmente. A repórter continua mais uma vez o seu texto padrão: “... mais precisamente aqui na baixa do sapateiro, onde tivemos informações de que um jovem de 18 anos foi alvejado e está morto, a gente veio saber mais notícias sobre o assunto, vamos fazer a cobertura disso”. No chão tem um corpo estendido embaixo de um lençol branco, à frente da repórter há dois soldados do exército armados, a repórter caminha na direção deles. A imagem corta para os moradores que estão em volta manifestando sua indignação com cartazes com diversas coisas escritas, eles gritam “justiça, justiça!”. A câmera passeia entre os seus rostos e os cartazes que trazem textos como “justiça”, “Paz na Maré”, “Neymar, me engravida” e “Quem matou o Gilberto?”.

Os moradores participam de vários lugares do beco: em volta do “corpo”, das janelas e lajes. Na sequência, duas mulheres entram em cena correndo desesperadas. A mãe de Gilberto, o jovem morto estirado no chão, se debruça sobre seu corpo, sacode o filho de forma exagerada. Os vizinhos e os soldados tentam segurá-la. A repórter, bem à vontade com a situação, pede silêncio para os moradores. Nesse momento há uma edição de cortes rápidos que expressam o tom humorístico da história. A repórter, então, entrevista Vilma, a mãe de Gilberto: “Qual é o seu nome?”, “meu nome é Vilma”, responde a mãe quase sem ar. “O que aconteceu, senhora? Fale com a gente”, “eles mataram o meu filho! Eu amamenteei ele”. Vilma pega em seus seios dando ênfase a sua fala. Ela se vira para a câmera e fala novamente “Eu amamenteei ele! Meu bebê! Meu filho!”. Os moradores, que agora aparecem em maior número, se animam com a atuação de Vilma e reagem entusiasmados como se estivessem assistindo a um show. A repórter então, pergunta para um dos soldados “Sargento Medeiros, gostaria de saber o que aconteceu com esse rapaz”; o sargento responde: “recebemos uma denúncia anônima da dona Maria de Fátima, rua principal, 45- fundos, um portãozinho de ferro; que havia bandidos armados circulando na rua dela, fomos até a localidade e houve um intenso

confronto”. A repórter indaga “tá, mas como foi que ele morreu?”, o soldado responde: “Na hora do tiroteio, o cidadão se assustou, correu, tropeçou nos cordões dos seus sapatos, caiu, bateu a cabeça e veio a óbito”. A repórter questiona novamente: “mas como assim ele bateu a cabeça? Ele recebeu oito tiros!”. Então o soldado rebate “oito tiros? Isso aqui está perigoso hein”. Os soldados saem correndo, a repórter vai atrás. Os moradores jogam objetos em cima deles e gritam enfurecidos, mas alguns riem. Dessa cena, há um corte para imagens capturadas de uma ação do exército real. Vemos uma legenda que indica “Maio/2014 – Nova Holanda, Complexo da Maré”. Estas imagens foram gravadas pelo celular de um morador. Nela, vemos um comboio do exército sendo escorraçados por moradores que jogam objetos diferentes em cima da tropa, ouvimos xingamentos e barulhos de bombas explodindo. O exército se retira.

A ideia original do curta foi de Diogo Santos. Diogo participa mais das produções de vídeo do que das outras mobilizações, ele também é ator e roteirista, atuou no filme como o personagem militar. Em conversa, ele me contou como foi a produção da gravação:

Eu já estava com a ideia na cabeça a algum tempo. E a gente (eu e o Josi) sempre marcava e nunca fazia. Daí, um dia eu pedi umas roupas do exército a um amigo que trabalhava no almoxarifado de um quartel. Ele trouxe tudo até coturno. Aí chamei uma galera (os atores) e já deixei eles de sobreaviso. Só que pra filmar teria que ter autorização do exército. Eu fui até o batalhão e eles negaram. Voltei pra rua onde os atores estavam, já esperando, e falei pra eles que não foi autorizado. Daí resolvemos gravar em um beco ao invés de gravar na rua principal como estava combinado. Fomos pra um beco e botamos dois moleques em cada esquina pra avisar quando o carro do exército viesse. Daí ele gritava “o jeepe tá vindo”, todos se escondiam e saíam da reta da rua e quando eles passavam eles gritavam novamente e a gente voltava a gravar. Mas filmar no beco acabou que foi melhor porque estava rolando uma festa na casa de uma vizinha e todos que estavam na festa participaram do filme como figurantes. Essa é a história resumida desse dia. Ainda tem as histórias internas como da minha tia, que fez a mãe do morto, ela só topou porque eu paguei dois “litrões” de cerveja pra ela. Na hora de bater no morto, ela meteu a porrada nele (risos). Falei pra ela vir gritando como se o filho dela tivesse morto. E ela tinha que tirar o lençol e bater nele mandando ele levantar. Na entrevista, ela falaria o nome e pegaria nos peitos falando que tinha amamentado ele. Mas ela foi muito bem, surpreendeu.

A câmera era uma câmera de turista rosa, o microfone era de karaokê. É mais ou menos isso aí. Os fuzis eram de isopor enrolados com fita isolante. Não teve ensaio. Só os militares depois mandaram mensagem perguntando se agente achava isso certo. Era pra ser mais comédia não foi por causa do Josi. Mas rolou muito improvisado. A parte do povo foi tudo na hora, do travesti e as crianças até os manifestantes com cartazes. Os cartazes foram feitos na hora.

Josinaldo também me contou sobre o filme:

O Gilberto não existiu na vida real, mas a situação é uma coisa que se repete em áreas militarizadas pelo estado. Essa ideia do Diogo, ele me disse logo quando eu conheci ele. Eu tava produzindo uma oficina de roteiros que o Fred era o professor, aí no meio do curso, o Diogo apareceu com uma pasta de idéias pra filmar e o Fred disse que não daria pra ele participar porque a oficina já estava avançada. Ai eu falei com ele que depois a gente ia se encontrar e tal pra produzir alguma coisa, ai ele trouxe a idéia do Quem Matou Gilberto. Era uma idéia bem crua, não tava no formato de roteiro, era tipo uma escaleta, ai eu marquei com ele lá no espaço criativo do *Cinemaneiro* pra fazer o roteiro, com o roteiro feito, partimos pra convidar a galera pra participar. Tivemos o encontro na laje do Diogo, esse encontro tem making of. Daí a tia dele, a Vilma, que faz a mãe, tava lá e disse que faria e tal. Ai fizemos um pequeno ensaio, se é que pode se chamar de ensaio (risos). Ela tipo mostrou como iria fazer. Não tinha figurante originalmente, a gente não planejou isso, só tinha a Vilma, o morto e uma mina que acabou não participando, a principio iriamos filmar na rua da Vila Olímpica, na frente da casa do Diogo ali, mas o exército não liberou, ai a gente filmou no bloco da mãe dele. No miolo das casinhas colocamos uns “menó” na esquina pra avisar quando as tropas tivessem vindo e gravamos tudo em uma hora. Os cartazes foi feito colaborativamente, o único que tava certo era o do Neymar me engravida, o restante foi a galera que produziu na hora. ah! tinha a Renata também, que faz a repórter. O restante foi tudo na hora, as pessoas foram chegando, pedindo pra participar e gravamos tudo em uma hora foi a filmagem mais rápida da minha vida, tudo encaixou de repente, as pessoas sabiam o que estavam fazendo, tipo a metodologia do teatro do oprimido mesmo.

Outra vez, vemos a formação de uma Zona Autônoma Temporária na gravação de “Quem matou Gilberto”, como Diogo e Josinaldo dizem, os improvisos deram certo porque “tudo se encaixou de repente” ou porque “as pessoas ao redor sabiam o que estavam fazendo”. No entanto, o que mais ressalta aos olhos quando assistimos ao curta seja o humor escrachado ao narrar uma história dolorida e recorrente na comunidade. Há ali uma subversão da linguagem jornalística, debocha-se da repórter durante a matéria fictícia. Ao mesmo tempo, o soldado também está ali sem saber muito bem o motivo, ele está parado no beco, mas não sabe responder as perguntas da jornalista sobre a morte de Gilberto. Enfim, a mãe “Vilma” chora a morte de seu filho e deixa claro seu parentesco. Diferentemente da autoproteção comunitária estabelecida pela página Maré Vive, o núcleo audiovisual atua em outra frente. As atividades do núcleo são denominadas como “levantes” assim como afirma o texto de divulgação da primeira sessão do filme ao ar livre, epígrafe desse capítulo.

(...) É a nossa resposta a esse ano difícil, de várias baixas entre os moradores daqui e de outras comunidades. **É o nosso levante!** Então que seja a cultura, o sorriso das crianças e a vibração de quem acredita que é possível ser da favela e viver na favela o melhor dos mundos! Eles lançam bombas? Nós lançamos filmes!

Novamente, estabelecem um diálogo com Hakim Bey influencia o grupo. Distintivamente da ideia da revolução hegeliana, os levantos e insurreições são evocadas por Bey como um fim em si mesmas. Ou seja, essas duas noções que são caracterizadas por

historiadores como partes de um processo revolucionário que fracassou, para o autor, elas se tornam o objetivo das zonas autônomas temporárias. Em suas palavras: “Ao falhar em completar esta trajetória, o levante sugere a possibilidade de um movimento fora e além da espiral hegeliana do "progresso", que secretamente não passa de um ciclo vicioso (...) levante, revolta. Insurgo: rebelar-se, levantar-se.” (BEY, 2011:15).

Se por um lado o Maré Vive funciona como um escudo que protege os moradores dos confrontos armados, de maneira independente, as atividades do N.A Favela geram TAZs que possibilitam a liberdade do grupo de forma autônoma. Outrossim, a produção de filmes coloca os desejos desses realizadores em primeiro plano. Se o Maré Vive é uma necessidade que mantém vidas vivas, os filmes ficcionais são a realização de desejos que as produz. A partir deles é possível expressar os anseios, sonhos, imaginar outros mundos possíveis e reconstruir a realidade. São duas frentes que se alimentam mutuamente no trabalho político do coletivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Começamos essa dissertação apresentando o debate público estabelecido acerca das favelas. Resumidamente, esse debate gira em torno da divisão das representações e as práticas sociais na cidade com relação às favelas entre suas ausências e potências posto por Jaílson Silva como um paradigma. A esse ponto de vista denominamos metaforicamente como um olhar “de fora da favela”, que seria atribuído aos não-favelados, aqueles que não compartilham ou não vivenciam a mesma experiência que o grupo de interlocutores com os quais trabalhamos nessa pesquisa. Sendo o Estado, a ciência e o jornalismo eleitos como os principais pilares desse pensamento.

No entanto, anterior ao paradigma das representações possíveis sobre as favelas, estabelecidos nesse debate público, há um outro discutido no campo filosófico que questiona justamente a própria noção de representação como um paradigma epistemológico, exemplificado por Latour como um tipo de cérebro extirpado do seu corpo, este seria a base para a construção das metodologias científicas, fruto do “grande acordo moderno”, como diz o autor. O cérebro extirpado seria um ponto de observação confortável para o mundo exterior e as metodologias serviriam para comprovar que esse cérebro está em conexão com a realidade. Em suma, um cérebro distante do seu corpo, num laboratório que analisa o mundo exterior a partir de evidências dele (e não dele propriamente dito), sem que o laboratório se contamine. É uma boa metáfora sobre a objetividade científica e jornalística.

Tal qual o cérebro extirpado, colocamos as representações sobre as favelas dentro de um helicóptero, o mesmo que em dias de operações policiais atira para a Maré e outras favelas cariocas. O intuito de articular a distância estabelecida pelo cérebro extirpado da razão ocidental e a própria distância do helicóptero perante os moradores que habitam em favelas, era o de demonstrar que essa distância é fundada por um tipo específico de pensamento que bebeu no racismo em sua origem. Portanto, o que vemos hoje dentro do helicóptero não é apenas a polícia militar e as forças de segurança, pois essa forma de atuação dessas instituições somente é possível no contexto favorável de extremo racismo e distanciamento da vida favelada, estruturada numa determinada forma de pensar a vida em sociedade.

Quando comecei a busca por um tema de pesquisa, a primeira pergunta que me veio à cabeça foi “mas por que meus amigos têm que se autorrepresentar para manterem suas

vidas?” Uma questão que a priori soa falsa ou óbvia. Mas ela quer dizer que havia a demanda de expressar ao mundo quem são, contar suas histórias, apresentar seus corpos, fazer suas vozes ecoarem. Pois eles estão (e continuam) morrendo enquanto números escritos numa planilha estatística. E quem vai chorar pelos números? A pergunta primordial, então, vinha de uma necessidade imposta justamente pelas perspectivas do helicóptero. Essas perspectivas produzem representações tão reais sobre os favelados, elas falam de um lugar tão bem localizado nas esferas de poder, que elas podem decidir quem morre e quem vive. Por isso, respondendo agora a questão inicial, os favelados precisam se autorrepresentar para deixarem de ser números e se tornarem pessoas não-matáveis, com todo o significado que esse conceito possa vir a ter, por isso a autorrepresentação se torna uma questão de vida ou morte.

Mas meus amigos não querem apenas se representar. Falar de si o tempo todo pode ser uma forma de proteção, como faz a página *Maré Vive*; no entanto, não é uma forma de produzir vida; nesse sentido, ela produz a sobrevivência, não a vida em liberdade. A representação, como vimos, está circunscrita em um idioma próprio, pré-determinado, isso quer dizer também que a demanda pela autorrepresentação solicita uma forma estética específica para que seja possível a participação no jogo representativo. Isso significa que eles poderiam até fazer um filme, desde que esse filme contasse uma história real, de forma realista esteticamente, por exemplo, ou fazer música, mas sobre a própria realidade.

E quando algo foge disso, soa deslocado. “Olhem! O menino favelado toca violino!”, que surpresa, não? Se a autorrepresentação realista e objetiva nos mantém vivos, ela ao mesmo tempo nos cerceia a liberdade estética da reinvenção e criação de nós mesmos, ela nos afasta, em certa medida, da experiência vivida. Por isso, a prática de produção de arte reunida no coletivo N.A. Favela, entre outras existentes na Maré, se torna uma saída para a criação e a liberdade, em suma, uma saída para a produção de vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO, Helena Maria. 2013. Museu da Maré: entre educação, memórias e identidades. Rio de Janeiro. Pontífica Universidade Católica do Rio de Janeiro (Tese de Doutorado).
- BEY, Hakim. 2011. Taz – Zona Autônoma Temporária. São Paulo: Conrad
- BOURDIEU, Pierre. 1997. A miséria do mundo .Petrópolis – RJ: Vozes.
- BONDÍA, Jorge Larossa. 2002. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. In: Revista brasileira de educação, n 19, p.20-28.
- CAMPBELL, Joseph. 1949. O herói de mil faces. São Paulo: Cultrix/Pensamento.
- CERTEAU, Michel de. 2014. A invenção do cotidiano - Artes do fazer. Petrópolis: Vozes.
- COIMBRA, Cecília Maria Bouças. 2001. Operação Rio: o mito das classes perigosas. Rio de Janeiro: Oficina do Autor/Intertexto.
- FELIX, Carla Bahiense. 2009. Territórios proibidos: mídia e subjetividade na favela da Maré. In: XIV Congresso de Ciências da Comunicação na região sudeste.
- HOLZBACH, Ariane Diniz ; ALBUQUERQUE, Afonso de. 2008. Metamorfoses do contrato representativo: jornalismo, democracia e os manuais da redação da Folha de S.Paulo. In: Revista de comunicação, mídia e consumo. São Paulo. 5n. 14 p. 149 - 170 nov. 2008
- FRANÇA, V. R.V. 2004. Representações, mediações e práticas comunicativas. In: PEREIRA, M.; GOMES, R. C.; FIGUEIREDO, V. F. (Org.). Comunicação, representação e práticas sociais. Rio de Janeiro; Aparecida: PUC-Rio; Idéias & Letras, 2004. v. 1, p. 13-26.
- LATOUR, Bruno. 2001. A esperança de Pandora. São Paulo: Edusc
- LOPES, Adriana Carvalho. 2011. Funke-se quem quiser – No batidão negro da cidade carioca. Rio de Janeiro: Bom Texto.
- MACHADO DA SILVA, Luiz Antônio. 2012. “A partir do relatório SAGMACS: as favelas, ontem e hoje”. In: Marco Antônio da Silva Mello, Luiz Antônio Machado da Silva, Letícia de Luna Freire, Soraya Silveira Simões (org), Favelas cariocas, ontem e hoje. Rio de Janeiro: Garamond.
- MENDONÇA, Kleber. As Delinquências do Imperador: os percursos urbanos do jogador Adriano em tempos de “pacificação” do Rio de Janeiro. *Em Questão*, Porto Alegre: v18, n1, p.213-228. Junho/2012
- PEREZ, Olívia Cristina. 2005. ONGs e governo: Um estudo sobre as organizações não-governamentais que trabalham com meninos(as) de rua no centro de São Paulo e as relações com a administração municipal. São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo-. Dissertação de mestrado.

RAMOS, Sílvia; PAIVA, Anabela. 2007. “Cenários da violência: estereótipos na cobertura de favelas e Periferias”. In: Sílvia Ramos, Anabela Paiva. *Mídia e Violência – Novas tendências na cobertura de criminalidade e segurança no Brasil*. Rio de Janeiro: CESEC.

SCHÖPKE, Regina. 2012. *Por uma filosofia da diferença*. Rio de Janeiro: Contraponto.

SILVA, Eliana. 2014. *Guia de ruas da Maré*. Rio de Janeiro: Observatório de Favelas e Redes de desenvolvimento.

_____. 2012. *Testemunhos da Maré*. Rio de Janeiro: Aeroplano.

SILVA, Jailson; SILVA, Eliana; BALBIM, Renato; KRAUSE, Cleandro. 2016. “Um olhar possível sobre o conceito de mobilidade e os casos da favela da Maré e do Complexo do Alemão”. In: Renato Balbim, Cleandro Krause e Clarisse Cunha Linke (org), *Cidade e movimento – mobilidade e interações no desenvolvimento urbano*. Rio de Janeiro: IPEA

SOUZA, Iara de Almeida. 2015. “A noção de ontologias múltiplas e suas consequências políticas”. In: *Revista Ilha*. V17 N2. Santa Catarina: UFSC.

SOUZA, Renata da Silva. 2017. “O Comum e a Rua: resistência da juventude frente à militarização da vida na Maré”. Rio de Janeiro. Escola de comunicação - Universidade Federal do Rio de Janeiro (Tese de doutorado)

VALLADARES, Lícia do Prado. 2005. *A invenção da Favela – do mito de origem a favela.com*. Rio de Janeiro-RJ: FGV.

VANEIGEM, Raoul; KOTANYI, Attila. 2007. *Deriva – Psicogeografia urbanismo unitário*. Porto Alegre: Deriva.

WACQUANT, Loic. 2013. *Bourdieu 1993: um estudo de caso em consagração científica*. Tradução: André Villalobos. *Scielo* v28, n83.
Disponível em: ><http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v28n83/03.pdf>

Zourabichvili, François. 2016. *Deleuze: Uma filosofia do acontecimento*. São Paulo: Editora 34